

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Género e Identidades no futsal português

Leandro Filipe Fernandes Parada

M

2017



Leandro Filipe Fernandes Parada

Género e Identidades no futsal português

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Professor
Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Julho de 2017

Género e Identidades no futsal português

Leandro Filipe Fernandes Parada

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Professor
Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professora Doutora Natália Maria Azevedo Casqueira
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Sandra Lima Coelho
Universidade Católica do Porto

Classificação obtida: 17 valores

Sumário

Agradecimentos	8
Resumo	10
Abstract	11
Índice de figuras	12
Introdução	13
I) ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
CAPITULO I – A importância social do desporto	
1) O desporto nas sociedades contemporâneas	15
2) O desporto enquanto ritual	21
3) O desporto enquanto agente de socialização e inclusão social	25
CAPITULO II – Género e identidades	
1) A dominação masculina no desporto	32
2) Assimetrias de género nas práticas desportivas	37
3) Identidades	40
4) Distinção no campo desportivo	44
II) ESTRUTURA METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO	
1) Objeto de estudo	51
2) Questões de partida e objetivos	51
3) Escolhas metodológicas para recolha e tratamento de informação	
3.1 - Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação	54
3.2 - Recolha dos dados e principais constrangimentos	59
III) APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	
1 - Caracterização da amostra	62
2 - Apresentação e análise dos resultados	62-102
2.1 – Estrutura familiar	62
2.2 - Educação e condições de vida na infância e na juventude	66
2.3- Apoio dos familiares na prática da modalidade	68
2.4 - Futsal enquanto tradição e herança cultural	70
2.5 - Apoio da “cara-metade” na prática da modalidade	72
2.6 - Pertença a uma instituição desportiva	74
2.7 - Paixão pelo futsal	79

2.8 - Importância atribuída à escola	80
2.9 - Papel da escola na construção da identidade	83
2.10 - Conciliar a escola com o futsal	85
2.11 - Futsal enquanto profissão	87
2.12 - Futsal enquanto “hobby” e aspiração de profissão	88
2.13 - Principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino	90
2.14 - Desvalorização do futsal feminino	92
2.15 - Discriminação, estereótipos e preconceitos devido à prática da modalidade	94
2.16 - Posição dominante dos homens no futsal português	96
2.17 – Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?	97
2.18 - Vida pós-futsal	100
IV) CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSTAS FUTURAS	
1) Principais conclusões	103
2) Pistas futuras	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
ANEXOS	
Anexo I) Guião de Entrevista Atleta Profissional Masculino	114
Anexo II) Guião de Entrevista Atleta Amador Masculino	118
Anexo III) Guião de Entrevista Atleta Amadora Feminina	122
Anexo IV) Grelha de transcrição das entrevistas	126

Agradecimentos

Neste espaço farei um agradecimento às pessoas que mais contribuíram para que pudesse terminar mais uma etapa da minha vida com sucesso. Em primeiro lugar, quero agradecer aos entrevistados o contributo que me deram para a realização desta dissertação. Todos eles, sem exceção, demonstraram uma enorme simpatia e disponibilidade, permitindo que as entrevistas decorressem da melhor forma e fossem momentos agradáveis para todos os envolvidos.

De seguida, quero agradecer ao meu orientador João Teixeira Lopes por todo o acompanhamento nesta fase e por me indicar o caminho a percorrer, tornando tudo mais fácil e acessível. Uma palavra também para todos os professores que tive durante a Licenciatura e Mestrado, com um especial agradecimento para a professora Natália Azevedo. Quando entrei na Faculdade, a professora Natália era a Diretora da Licenciatura em Sociologia e a sua preocupação e acompanhamento numa fase inicial deste percurso no ensino superior foram realmente muito importantes. Ajudou-me a ultrapassar algumas dificuldades e a adaptar-me com maior rapidez a um contexto completamente diferente.

Não posso deixar de referir os meus colegas e amigos de curso que me acompanharam nestes 5 anos. À Patrícia e à Inês o meu agradecimento por colaborarem sempre e também por toda a ajuda que me deram ao longo destes anos. Ao Daniel, Francisco e Manuel – amigos que levo desta experiência – obrigado por todos os momentos memoráveis dentro e fora da Faculdade. Estiveram sempre presentes e isso não será esquecido.

Agradecer igualmente à minha família, principalmente à minha mãe, ao meu irmão, à minha avó e ao meu sobrinho. Uma palavra especial para a minha mãe, porque sem ela nada teria sido possível. Obrigado do fundo do coração por todos os esforços e sacrifícios que fizeste e continuas a fazer, ao longo destes 22 anos, para que nada me falte. Espero que sintas que valeu a pena e estejas orgulhosa daquilo que conseguimos. Um agradecimento também à minha madrinha que foi extremamente importante nos primeiros anos da minha vida. Foi uma segunda mãe e devo-lhe muito daquilo que foi o meu percurso, principalmente o escolar.

Deixo também um agradecimento à família da minha namorada que, desde o primeiro momento, me tratou da melhor forma e me considerou da família. Não posso

deixar de agradecer em especial ao pai dela que me considera quase como um filho. O meu mais sincero obrigado por tudo!

Por último, um agradecimento à pessoa mais importante da minha vida, a minha namorada, que ao longo destes 8 anos de relação tem sido o meu principal pilar, estando presente em todos os momentos. O seu apoio é a base de todo o sucesso e a partilha diária de vivências, momentos e experiências tornaram-me numa pessoa melhor. Com ela cresci e mudei, tornei-me numa pessoa mais calma e com objetivos de vida, passei a valorizar a escola e se, neste momento, estou a terminar este ciclo, ela tem, sem dúvida, uma grande quota-parte de responsabilidade em todo o meu sucesso.

Resumo

O presente exercício visou perceber de que forma o futsal pode ser perspectivado enquanto agente de construção identitária do indivíduo e em que medida o campo desportivo reproduz, atenua ou acentua as desigualdades de género existentes na sociedade. Para além disso, procurou-se conhecer qual o impacto que o futsal tem nas restantes dimensões da vida do indivíduo, como sejam a escolar, a familiar, a profissional, a social ou a económica. Para isso, realizaram-se entrevistas com o objetivo de traçar *retratos sociológicos* dos entrevistados.

Esta investigação procurou estabelecer semelhanças e diferenças em relação à forma como os indivíduos encaram o futsal e, como tal, foram entrevistados homens e mulheres com diferentes percursos de vida e diferente historial na modalidade.

Como sabemos, o desporto é um elemento cada vez mais importante nas sociedades modernas, incorporando as estruturas das restantes esferas do social. O campo desportivo assume grande importância, uma vez que permite a partilha de experiências e a criação de laços de sociabilidade. Os clubes ou associações desportivas transmitem aos seus atletas um conjunto de normas e valores, sendo que, ao mesmo tempo, contribuem para o estabelecimento de relações sociais e sentimentos de pertença a um coletivo.

Durante a realização desta pesquisa procurámos perceber se o futsal se assume enquanto espaço de dominação masculina e de que forma são encaradas as desigualdades de género no futsal português. A partir daqui, tentámos perceber de que forma as atletas femininas experienciam fenómenos de discriminação, preconceitos e estereótipos presentes na modalidade.

Em suma, e depois de analisarmos os dados recolhidos, chegámos à conclusão que efetivamente o futsal influencia a construção identitária dos atletas e, para além disso, a partir dos testemunhos dos entrevistados, podemos afirmar que a modalidade reproduz - podendo inclusive aumentar - as desigualdades de género existentes nos demais campos sociais.

Palavras-chave: género; identidades; socialização; futsal; retratos sociológicos

Abstract

The present exercise aimed to understand how futsal can be perceived as an agent of identity construction of the individual and to what extent the sports field reproduces, attenuates or accentuates the existing gender inequalities in society. In addition, we sought to know the impact that futsal has on the remaining dimensions of the individual's life, such as school, family, professional, social or economic. For this purpose, interviews were conducted with the purpose of tracing *sociological portraits* of the interviewees.

This research sought to establish similarities and differences in the way individuals view futsal and, as such, were interviewed men and women with different life paths and different history in the modality.

As we know, sport is an increasingly important element in modern societies, incorporating the structures of the remaining spheres of society. The sports field assumes great social importance, since it allows the sharing of experiences and the creation of bonds of sociability. Clubs or sports associations transmit to their athletes a set of norms and values, while at the same time contributing to the establishment of social relations and feelings of belonging to a collective.

During this research, we tried to understand if futsal is assumed as a space for male domination and how gender inequalities are seen in Portuguese futsal. From here, we have tried to understand how female athletes experience phenomena of discrimination, prejudices and stereotypes present in the sport.

In short, and after analyzing the data collected, we have concluded that futsal effectively influences the identity construction of athletes and, moreover, from the interviewees' testimonies, we can affirm that the modality reproduces - and may even increase - inequalities existing in other social fields.

Keywords: gender; identities; socialization; futsal; sociological portraits

Índice de figuras

Figura 1 – Modelo de análise	53
------------------------------------	----

Introdução

Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Sociologia, tendo como tema *Género e Identidades no futsal português*. Para a realização desta investigação, contámos com o contributo de oito jogadores portugueses de futsal, dos quais quatro são homens e quatro são mulheres. Importa referir que todos estes atletas têm percursos de vida distintos e diferente historial na modalidade. Assim, procurou-se implementar uma abordagem teórica e metodológica que consistia em estudar em profundidade os oito atletas entrevistados, tendo como objetivo abordar diversos temas como a família, as relações amorosas, a escola, o trabalho, as relações de sociabilidade e a vida desportiva. Dessa forma, ficaríamos a conhecer vários domínios de atividade e dimensões de existência suficientemente diversificados de todos os atletas.

A pesquisa assume-se pertinente, dado que o desporto assume grande importância nas sociedades modernas. A prática desportiva traz aos indivíduos um conjunto de benefícios a nível social e psicológico. O desporto melhora as condições físicas e de saúde dos atletas e permite que os mesmos tenham momentos de lazer e estabeleçam relações de sociabilidade. Estas são algumas das razões que levam os indivíduos a praticarem desporto.

Para além disso, o desporto reproduz estruturas e modelos de ação presentes nos demais campos sociais, incorporando os princípios que regem a sociedade. Assim, é possível analisar através do desporto “*os princípios básicos da sociedade, os valores que a orientam, os problemas que a afligem, as ideologias que a sustentam e os ideais que a norteiam. Se falar do desporto é falar do homem, estudar o desporto é estudar a própria sociedade.*” (Araújo, 2000: 981)

O desporto assume-se como um importante agente de socialização, inclusão social e construção identitária. Os clubes ou associações desportivas transmitem um conjunto de normas e valores sociais que moldam atitudes e comportamentos individuais. Estas instituições ajudam os indivíduos a inserirem-se no meio social que os rodeia. Mais do que isso, o desporto é potenciador da inclusão social, dado que permite aos indivíduos inserirem-se num grupo e desenvolverem sentimentos de pertença ao coletivo. O desporto promove um conjunto de valores como a tolerância, o respeito, a cooperação, a ajuda, o altruísmo, a lealdade e a amizade. A filiação aos clubes permite desenvolver um conjunto de relações sociais que proporcionam prazer, satisfação e alegria.

Esta investigação é igualmente pertinente, uma vez que a Sociologia em Portugal carece de estudos sobre desporto e sobre a importância do mesmo nas sociedades modernas. São poucos os estudos feitos em Portugal, tendo como área do conhecimento a Sociologia do Desporto.

Neste sentido, as questões de género introduzidas nesta pesquisa assumem-se relevantes, dado que consideramos que o desporto é um lugar privilegiado para estudar as relações de género em Portugal. Esta investigação deu a conhecer algumas das dificuldades das instituições governamentais em operacionalizar ações que procurem acabar com as desigualdades de género no desporto. Para além disso, ficámos com a perceção de que, apesar de todas as dificuldades, as mulheres transpõem barreiras, enfrentam desafios e lutam para ampliar a sua participação no desporto português.

No que concerne à estrutura da dissertação propriamente dita, o primeiro capítulo intitulado “Enquadramento Teórico”, encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte é feita uma abordagem teórica ao tema *A importância social do desporto* e são abordadas questões como o desporto nas sociedades contemporâneas, o desporto enquanto ritual e o desporto enquanto agente de socialização e inclusão social. Na segunda parte, a atenção centra-se nas temáticas do *Género e Identidades* e são abordadas questões como a dominação masculina no desporto, assimetrias de género nas práticas desportivas, identidades e distinção no campo desportivo.

Relativamente ao segundo capítulo, que diz respeito à “Estrutura Metodológica da Investigação”, este divide-se em quatro partes. Nas duas primeiras, são apresentados o objeto de estudo, as perguntas de partida e os objetivos da investigação. Na terceira, está presente a metodologia de investigação utilizada e os procedimentos utilizados para a recolha e tratamento da informação. Por último, a quarta parte consiste na análise dos dados recolhidos e na discussão dos resultados.

O terceiro capítulo, por sua vez, remete para as “Considerações Finais e Propostas Futuras”, onde são apresentadas as principais conclusões e se levantam algumas pistas para futuras investigações. Por fim, nos anexos são apresentados os guiões das entrevistas e as grelhas de transcrição das mesmas.

I – Enquadramento teórico

Capítulo I – A importância social do desporto

1) O desporto nas sociedades contemporâneas

Neste primeiro capítulo destacar-se-á o papel que o desporto assume nas sociedades modernas. Ora, o campo desportivo assume-se atualmente como uma esfera do social com grande relevância e que possibilita analisar os princípios reguladores de uma sociedade. *“O desporto é um fenómeno humano tão ligado à origem, às estruturas e ao funcionamento da sociedade que nós poderemos afirmar que é possível analisar qualquer sociedade através dos desportos que nela se praticam”*. (Costa, 1992: 101)

O desporto ajuda-nos a compreender as estruturas de uma sociedade, incorporando os seus mecanismos e funcionando como um espelho da mesma. Segundo António da Silva Costa, o universo desportivo é um excelente campo de observação da sociedade onde podemos encontrar elementos que estruturam modelos de análise social, podendo servir igualmente para nos ajudar a descobrir formas de pensamento e modelos de ação. (Costa, 1992: 101). Clara Freitas partilha da mesma opinião afirmando que *“Os comportamentos desportivos obedecem aos fenómenos culturais, de costumes e de mentalidade, da comunidade a que pertencem.”* (Freitas, 2000: 33)

Para além disso, devemos atender a um outro aspeto que o desporto assume. Este apresenta-se muitas vezes como um espaço de refúgio e de libertação para os indivíduos e também como um lugar onde estes reveem e aplicam alguns dos seus ideais e sonhos, sendo isso mais visível, nas sociedades contemporâneas, no caso do futebol. O desporto assume-se, assim, como um campo mais igualitário, onde os indivíduos apostam na realização dos seus objetivos pessoais. António da Silva Costa dá-nos o exemplo do futebol enquanto expressão de um desejo profundo do homem de uma *“sociedade mais perfeita, mais justa, mais festiva e mais fraterna do que aquela que conhecemos”*. (Costa, 1992: 107).

Segundo Helal (1990), o estudo sociológico do desporto tem-se transformado, cada vez mais, numa exigência, não somente para os interessados na complexidade do fenómeno desportivo, mas também para aqueles que desejam compreender a realidade social. Assim, o primeiro passo para a compreensão sociológica do desporto no mundo

moderno é encará-lo como um facto social, ou seja, como algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um e que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no quotidiano das nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes. Devemos entender que o desporto transmite uma mensagem relativa à tradição e aos valores construídos numa sociedade específica. Mas, simultaneamente, se quisermos entender o comportamento desportivo numa determinada sociedade, temos de adquirir um mínimo de conhecimentos sobre as práticas culturais dessa mesma sociedade.

Para Freitas (2000), o desporto é visto como uma instituição de transcendência universal, dado que todas as modalidades desportivas, seja qual for o país onde são praticadas, constituem-se como um importante elemento da experiência humana. *“O desporto é um fenómeno tão patente e generalizado no mundo atual, que não é possível reduzi-lo a um simples capítulo. A invasão do desporto, na vida cotidiana da maioria das pessoas, confere a essa atividade uma dignidade merecedora da mesma atenção que recebem outras categorias do comportamento humano.”* (Freitas, 2000: 31)

Segundo alguns autores, as práticas desportivas apresentam-se como momentos de libertação para os indivíduos, sendo que estes procuram fugir às rotinas quotidianamente impostas e buscam o prazer e a satisfação pessoal. Elias e Dunning (1992) falam-nos de uma busca pela excitação, sendo que o desporto permite a libertação de tensões individuais. Estes autores dão-nos conta do processo de normalização ou institucionalização do desporto que, segundo eles, acompanhou o processo de civilização. A função social do desporto e do lazer é permitir a “libertação das emoções”, de forma controlada, constituindo um antídoto para as tensões das sociedades complexas. A emoção e excitação que se pode viver num jogo, tanto por parte dos seus intérpretes como dos próprios espectadores contrasta com a monotonia da vida durante o resto dos dias de trabalho. Na mesma linha de pensamento, segundo João Batista e Rui Pires o desporto moderno *“constitui-se como um reduto viável para a explosão das emoções, abafadas num dia a dia regulado pela emergência de um autodomínio que impõe civilizados usos e costumes”* (1989: 12).

O desporto moderno – aquele que nos interessa para este trabalho - surge na Europa na segunda metade do século XIX, como resultado da sociedade industrial e, como tal, incorpora as suas aspirações e expectativas, nomeadamente na procura de

eficiência e evolução. Na opinião de Christian Bromberger o entretenimento desportivo conheceu uma fantástica expansão durante os séculos XIX e XX, destacando-se o caso do futebol, onde em pouco mais de um século - a codificação das suas regras remonta a 1863 – se tornou numa paixão planetária, uma espécie de referente universal, um dos poucos, se não o único elemento de uma cultura masculina no mundo, sendo isso observável, independentemente da região, nação ou geração a que pertencem. Como prova dessa popularidade, destaca-se o facto de o Mundial de 1990, que teve lugar em Itália, ter sido até então o evento mais popular de sempre com uma audiência de 16 mil milhões de telespectadores. (Bromberger, 1995: 293-294)

Ora, o desporto moderno reside numa interpretação simbólica da sociedade industrial que opera numa congruência de produto, disputa, competência e de uma evolução que se quer infinda (Costa, 1992). Desta forma, o desporto é encarado como uma esfera da sociedade que incorpora toda a competitividade natural das sociedades industriais. As pressões e o controlo que existem nas sociedades urbanas industriais reproduzem-se, geralmente, na esfera do desporto. Como resultado, os desportistas de alto nível são obrigados a participar nos desportos com seriedade. (Elias e Dunning, 1992: 321) Assim, o desporto, ao orientar-se pelos princípios base das sociedades industriais dominados pela técnica, procurará atingir os seguintes elementos - eficácia, rendimento e progresso. *“Por seu lado o futebol integra precisamente os valores desta sociedade, mas numa dimensão maravilhosa, dramática e festiva”*. (Costa, 1992: 104).

Durante o século XIX, a prática desportiva – até então muito circunscrita a classes dominantes como a nobreza e mais tarde a burguesia - expandiu-se a todas as classes sociais e, no seio do operariado, começou-se a praticar desporto, nomeadamente o futebol, durante as pausas de trabalho. Assim, o desporto passou a ser, progressivamente, um hábito cultural de todos os grupos sociais. Este apresenta-se como uma prática cultural fundamental nas sociedades contemporâneas pela sua transversalidade. A linguagem do desporto é simples e a sua simbologia é global, estando acessível a todos os indivíduos e estes elementos contribuem para a força e eficácia do desporto sobre as massas populares. O desporto estando acessível a todas as pessoas, independente do seu nível social e cultural, ganha um carácter universal.

Segundo Allen Guttman, o desporto moderno assenta nas seguintes sete características: 1) secularismo ou secularização: em contraste com o carácter dos

exercícios físicos dos povos antigos e dos povos primitivos; 2) igualdade de oportunidades: para competir, cada um tem que ter, pelo menos teoricamente, uma oportunidade e as condições da competição devem ser as mesmas para todos os concorrentes; 3) especialização: o desporto moderno está cada vez mais dominado por especialistas, como acontece no mundo do trabalho das sociedades industrializadas; 4) racionalização: o efeito de tornar as organizações mais adequadas aos seus fins e mais eficientes no seu funcionamento; 5) organização burocrática: uma das características que está mais intimamente ligada às dimensões do processo de racionalização e especialização; 6) quantificação: os desportos modernos caracterizam-se por uma tendência, quase inevitável, de transformar cada ação desportiva numa medida quantificável; 7) tecnologia: o avanço tecnológico e todo o aparato desenhado nos laboratórios de biomecânica e medicina desportiva tem-se posto ao serviço de um desporto ávido por medições. (Cit. por Freitas, 2000: 34)

Assim, e tendo como pano de fundo uma ideologia liberal-capitalista, verificamos que no desporto moderno há uma exaltação de uma sociedade competitiva que leva à seleção dos melhores. Desta forma, o desporto apresenta-se como justo e aceitável, na medida em que se apoia na meritocracia e igualdade de oportunidades. Este baseia-se num princípio de mérito pessoal e defende as mesmas possibilidades para todos. Todos podem ganhar e chegar ao topo da hierarquia, tratando-se de uma competição aberta, onde todos podem participar. (Freitas, 2000: 34-35)

Desta forma, o desporto deixa de ser considerado uma simples atividade de lazer, revestindo-se como uma prática altamente profissionalizante e com um caráter de competição. O desporto passa assim de uma *“prática lúdica e de distinção social, sem recompensas económicas, para se revestir de um carácter marcadamente competitivo, num complexo mercado profissionalizante aos mais diferentes níveis, dando lugar ao espetáculo por excelência”*. (Marivoet, 1997: 102). O desporto assume-se hoje em dia como uma atividade previamente planeada ao pormenor por parte de todos os agentes envolvidos e onde são mantidos altos níveis de motivação para o exercício do mesmo.

Os desportistas são recompensados socialmente com a atribuição de prestígio, mas, em contrapartida, é-lhes exigido que protagonizem uma atuação fascinante a todos os espectadores, tendo por base uma sociedade que privilegia cada vez mais o espetáculo. Segundo Elias e Dunning, os desportistas são recompensados com prestígio, facilidades

e tempo para treino. Simultaneamente, espera-se que realizem uma atuação desportiva que vá de encontro às exigências dos dirigentes e consumidores. Espera-se um espetáculo para o qual as pessoas pagam para assistir. (Elias e Dunning, 1992: 321)

Neste sentido, há que realçar o papel dos adeptos e espectadores na expansão do desporto enquanto espetáculo e prática cultural. Bromberger é um dos autores que destaca o papel dos espectadores que, do seu ponto de vista, são grupos anónimos para quem o fervor comunitário e a alegria de estarem unidos contra a oposição anestesia, pelo menos temporariamente, qualquer consciência das diferenças individuais. Os estádios de futebol podem ser entendidos como um daqueles espaços raros nos tempos modernos, onde a sociedade mantém para si uma imagem definida, não só de unidade, mas também dos contrastes que a moldam. O autor dá conta das diferenças existentes entre os adeptos da mesma equipa, exemplificando que alguns grupos de adeptos com determinadas características preferem um tipo de jogador ao invés de outro. Mais do que isso, tendo por base a equipa francesa Marselha, o autor estabelece uma relação entre o lugar ocupado no estádio e a sua preferência no tipo de jogador, isto é, na extremidade norte do estádio havia uma concentração de muitos jovens emigrantes e estes tinham como jogador preferido o guarda-redes camaronês Bell, enquanto nos espaços centrais do estádio compostos por artesãos independentes, pequenos empresários ou diretores industriais e comerciais havia preferência pelo jogador Alain Giresse. (Bromberger, 1995: 297) Os adeptos acreditam que podem fazer parte do espetáculo desportivo e influenciar o seu desfecho. Durante um jogo, o comportamento da multidão é certamente a afirmação ruidosa de uma identidade específica, mas é igualmente uma condição para participar na emoção do jogo. Um estádio de futebol é um dos raros espaços onde as emoções coletivas são desencadeadas, havendo um descontrolo das emoções e onde os valores socialmente tabus podem ser expressos.

Bromberger centra a sua atenção nos estádios de futebol que se apresentam como locais privilegiados para examinar pequenas comunidades ou redes sociais limitadas, postulando que os grupos de espectadores ficam próximos uns dos outros e formam uma estrutura complexa e não uma multidão homogénea. Devemos ver a qualidade do estádio como um todo, ou seja, não apenas como o local de um espetáculo (o jogo), mas também como um espetáculo em si (o comportamento da multidão). É este duplo carácter que faz do estádio de futebol um dos poucos espaços onde uma sociedade urbana moderna pode

oferecer uma imagem material da sua unidade e das suas diferenças. Neste sentido, o autor defende que o "micro" deve ser combinado com o "macro": por um lado, deve fazer-se um exame minucioso dos comportamentos, comentários, slogans, acessórios emblemáticos e, por outro lado, devemos fazer levantamentos sistemáticos em larga escala da composição e distribuição do público, de acordo com o seu perfil social, profissional e origens étnicas. Exemplificando, uma vez mais com o caso de Marselha, assinala que a estrutura da cidade se projeta dentro do estádio. Existe um nítido contraste entre as extremidades norte e sul. A extremidade norte traz um público jovem, sendo a maioria proveniente dos distritos pobres e subúrbios do norte da cidade; enquanto o extremo sul reúne adolescentes principalmente dos distritos centrais e do sul da cidade. (Bromberger, 1995: 300)

Remetendo agora a análise sobre as práticas desportivas propriamente ditas, são várias as razões que levam os indivíduos a praticarem desporto e estas podem estar ligadas ao bem-estar e à saúde, ao lazer ou ao desejo de pertença a um grupo, por exemplo. Na verdade, a prática desportiva tem um conjunto de especificidades que são encaradas como benéficas para os indivíduos, quer a nível físico, quer a nível psicológico e daí a sua importância social. *“enaltecendo-se a sua capacidade de contribuir para o bem-estar dos indivíduos, melhorando as condições físicas e de saúde, um meio de relaxamento e anti-stress, assim como, um veículo para o retorno do Homem à natureza numa sociedade cada vez mais urbanizada.”* (Marivoet, 1997: 104)

O desporto deve ser encarado como umas esferas fundamentais para qualquer sociedade, dado que conjuga em si uma vertente económica - com empresas/instituições desportivas a movimentarem vários milhões de euros anuais -, uma vertente social – funcionando como um agente de socialização e inclusão -, uma vertente psicológica – contribuindo para o bem-estar individual e para a satisfação pessoal – e uma vertente cultural – funcionando como um campo onde a partilha e a troca de experiências, hábitos e costumes é enorme. Estes são alguns dos elementos que devemos ter em conta como demonstrativos da importância que hoje em dia o desporto assume nas sociedades.

2) O desporto enquanto ritual

Para Clara Freitas o desporto reveste-se de grande simbolismo, um jogo de futebol é um momento festivo e dramático, onde há uma identificação do público com uma performance coletiva levada a cabo pelos atletas. *“O futebol é um espetáculo coletivo que se torna ritualístico na medida em que os espectadores se identificam com o drama que se desenrola no campo. Os jogadores são como personagens de teatro, com os quais se identifica ritualmente. O público participa dos desportos coletivos através da identificação dramática. Essa identificação é proporcional ao entusiasmo demonstrado pela assistência. Certamente a importância dos fenómenos ritualísticos pode ser medida pelo grau de significância dada ao espaço onde eles ocorrem.”* (Freitas, 2000: 39)

Na ótica de Bromberger (1995), o futebol dá forma concreta aos sentimentos mais profundos das pessoas sobre o mundo, isto é, uma malha complexa dos diferentes sentidos das pessoas da sua identidade. Na opinião deste autor, é também possível sugerir que um jogo de futebol é semelhante a uma cerimónia sagrada. Se os rituais podem ser definidos pelas suas propriedades estruturais, eles também podem ser vistos a partir do ângulo da sua função geral (o uso que eles têm). Nesta perspetiva, o ritual depende de ações em vez de palavras, reunindo por vezes as várias partes de um corpo social fragmentado.

O autor compara um grande jogo de futebol a um ritual religioso, advogando que há vários elementos presentes que se assemelham entre ambos. (Bromberger, 1995: 306-308) Desde logo realça que não são meras características acidentais as que visualizamos no futebol, são sim elementos essenciais e permanentes do jogo. Em primeiro lugar, uma configuração espacial particular. O grande estádio urbano foi muitas vezes apresentado como "o santuário do mundo industrial". Este paralelo não é simplesmente metafórico, se considerarmos os sentimentos e atitudes que o monumento desperta, assim como as regras que definem as suas delimitações e usos. Por exemplo, em Itália os jogadores nunca treinam no campo onde se realiza o jogo do fim de semana.

Em segundo lugar, a distribuição dos espectadores dentro dos recintos do estádio recorda, em muitos aspetos, a ordem rigorosa dos diferentes grupos sociais presentes em importantes cerimónias religiosas. Em ambos os casos, três principais princípios concomitantes determinam como o espaço será ocupado: a hierarquia social usual (com os V.I.P. a ocuparem os melhores lugares); a hierarquia do próprio mundo do futebol (diretores, representantes das ligas e federações são acomodados em lugares reservados),

uma hierarquia baseada no fervor e na força de apoio (que é o princípio que regula a distribuição dos adeptos). Outra analogia, que enfatiza ainda mais o paralelismo, é a presença obrigatória e ostensiva dos detentores do poder político na bancada oficial usada para os grandes eventos.

Em terceiro lugar, a distribuição dos papéis durante o espetáculo, bem como o comportamento da própria multidão, irradia uma qualidade cerimonial. Os "fiéis" expressam a sua excitação, pontuando as ações em campo com palavras, cânticos e gestos, todos codificados. A maneira particular de se vestirem e os acessórios que exibem e usam (roupas, lenços, tambores) contribuem para essa metamorfose das aparências e do comportamento, característica do tempo ritual.

Em quarto lugar, a organização e os princípios de funcionamento do mundo do futebol também partilham um terreno comum com o mundo da religião. Depois da moda dos corpos da igreja, o mundo do futebol tem as suas próprias leis e hierarquias rígidas, que vão desde a FIFA aos clubes locais, dirigidos exclusivamente por homens que impõem as mesmas regras em todos os lugares (as XVII Leis do Jogo), e com o Conselho Internacional à cabeça com a missão de supervisionar tudo.

Em quinto lugar, o quadro sequencial do jogo lembra um ritual religioso. Para os adeptos, o pré-jogo, o jogo e o pós-jogo, também se dividem num padrão rítmico fixo, dependendo da importância de cada partida. Por exemplo, a manhã ou a noite anteriores são tomadas com a preparação de todas as regalias. O encontro entre os adeptos é num ponto fixo, sempre o mesmo, a partir do qual eles vão para o estádio. Para os fãs mais fervorosos, este estágio de pré-jogo é marcado pela tensão e contemplação. Eles não comem nada, ou muito pouco, antes do jogo (este jejum recorda aquele imposto antes da comunhão). No estádio, as manifestações de apoio são conduzidas de acordo com um cenário relativamente invariável: o entoar dos cânticos, de acordo com uma ordem fixada pelos líderes; gestos codificados quando a equipa sai do túnel para o campo, seguido por atitudes estereotipadas de indignação e exultação durante o jogo. Depois do jogo, os grupos de adeptos reúnem-se num ponto fixo na praça em frente ao estádio, onde começam discussões que se estendem indefinidamente ao longo de várias horas em bares e restaurantes. Para os fãs mais apaixonados, a noite será agitada, pontuada por sonhos e pesadelos, dependendo do resultado do jogo.

Em sexto lugar, durante o jogo cria-se uma "comunhão de mentes", e as hierarquias comuns são, pelo menos, enfraquecidas, se não realmente abolidas por completo. O jogo de futebol produz esse sentido de comunidade que parece ter sido perdido ou minado na vida quotidiana. Gestos, palavras e comportamentos expressam essa transformação fugaz das relações sociais. Abraça-se companheiros desconhecidos, surgem conversas cordiais com a primeira pessoa que se encontra e, em clubes de adeptos italianos, ocorrem refeições comunitárias com estranhos que, como em ocasiões rituais, dão um sentido de coesão e solidariedade.

Essa rutura com o quotidiano, a estrutura espaciotemporal específica, os modos repetitivos e codificados de comportamento, a metamorfose das aparências e das hierarquias, a agitação emocional expressa por meios convencionais, a riqueza simbólica dos valores colocados em jogo, o drama sacrificial, permite-nos levar a sério o paralelismo entre um grande jogo de futebol e uma cerimónia religiosa. Mas, para além dos gestos religiosos e dos apelos à religião, destacam-se os pequenos rituais que adeptos e atletas levam a cabo. Certamente não é um sistema de crenças, seja ele eclético ou doutrinário - mas é mais parecido com a crescente procura de relações estáveis - por exemplo, para a conexão entre um número de uma camisola e a vitória num jogo - que aos olhos da pessoa já demonstraram existir. A fim de domar o destino e dominar o aleatório, os adeptos mais entusiastas prestam muita atenção à escolha do vestuário. Alguns deles nunca vão a nenhum local sem um emblema do clube (lenço, caneta, medalhão). Em alguns casos, transformam o seu universo privado numa espécie de santuário doméstico onde guardam não só as preciosas relíquias da sua presença, mas também a evidência concreta de que estão ao lado dos seus ídolos (autógrafos, fotos). (Bromberger, 1995: 309)

Segundo Bromberger, o futebol parece, portanto, estar na linha divisória entre várias crenças que vêm de todas as direções. É um ritual onde, ao género de um bricolage sincrético, todos os costumes que podem ajudar a evitar a desgraça são invocados. Esta religiosidade fragmentada é a prova viva de que, para aqueles que se tornam seus devotos, há algum domínio além da agência humana onde o significado deve ser encontrado e onde as questões de causa e efeito são resolvidas. No entanto, não há necessidade de enfatizar quão fracas são essas crenças. Por um lado, elas não são compartilhadas por todos, e aqueles que as respeitam, muitas vezes, são cétricos quanto à sua eficácia. Por outro lado, não se deve esquecer que o futebol não constitui um jogo específico ou autónomo do

mundo, com o seu próprio conjunto de crenças transcendentais estabelecidas, é apenas um campo particularmente fértil para a proliferação de práticas mágico-religiosas emprestadas de uma série de outros rituais. (1995: 310)

Assim, a paixão do futebol e a devoção religiosa compartilham propriedades ritualísticas comuns, mas de uma maneira muito particular. As cerimónias importantes são caracterizadas geralmente pela solenidade, mas no futebol o solene funciona ao lado do ridículo; o trágico alterna com o cómico, o drama com a paródia, a crença com o ceticismo, o compromisso com o distanciamento, o ritual com o espetáculo, a obrigação moral coletiva de apoiar um lado com o desejo individual de ter um bom momento, a ordem social da vida quotidiana com a hierarquia particular do dia do jogo, etc. A transcendência aparece apenas confusamente e nas franjas. O sagrado e as suas figuras só são chamados de forma metonímica ou hiperbólica, muitas vezes em vírgulas, como se não estivessem no seu real lugar. Ao contrário de um sistema religioso, os jogos de futebol e o fervor que despertam não formam um corpo autónomo e coerente de representações, crenças e práticas. O comportamento ritual constitui aqui um remendo cintilante de empréstimos dos mais variados universos mágico-religiosos, de interpretações sincréticas que recorrem a uma variedade de formas (ritmos sacramentais, gestos) para dotá-los de novos significados de um modo ridículo. (Bromberger, 1995: 310)

Em suma, o futebol incorpora uma visão da vida quotidiana que é suficientemente profunda para nós a adornarmos com todos os atributos de um grande ritual. Se não nos diz a mínima coisa de onde viemos e para onde vamos, o futebol mostra-nos quem somos, santificando os valores fundamentais que moldam as nossas sociedades: as identidades que compartilhamos ou sonhamos, a competição, o desempenho, a fortuna, a injustiça e a astúcia no progresso da vida individual e coletiva. No espírito da modernidade, duas características principais distinguem este ritual das cerimónias e dos cultos mais tradicionais: primeiro, nunca se repete exatamente da mesma forma; em segundo lugar, ele muda os seus ídolos tão rapidamente que um jogador que é, num determinado momento, adorado, pode ser totalmente esquecido num curto período de tempo. Esta inconstância, gravada no ritual, simboliza perfeitamente dois aspetos principais do nosso mundo contemporâneo: a incerteza e a fragilidade dos valores e destinos. (Bromberger, 1995: 311)

3) O desporto enquanto agente de socialização e inclusão social

O desporto assume-se como um importante meio de socialização, a par da família, da escola, dos mass media e dos grupos de referência, transmitindo aos indivíduos os valores e as normas vigentes na sociedade. Por socialização podemos entender a transmissão dos hábitos e costumes característicos de um grupo social ou da sociedade em geral, tratando-se de um processo contínuo que se inicia aquando do nascimento do indivíduo e que apenas termina na sua morte. Os indivíduos ao apreenderem os valores e normas sociais vigentes tornar-se-ão membros de uma comunidade e assumirão a sua cultura. Existem vários agentes de socialização, sendo que a família é tradicionalmente o agente responsável pela socialização primária e a escola, os mass media, os grupos de referência, as instituições desportivas, a igreja e os grupos de pares são responsáveis pela socialização secundária. Através da socialização o indivíduo integra-se na sociedade e, ao longo deste processo, dará início à construção da sua identidade pessoal e coletiva. Com a socialização, o indivíduo passará de um ser biológico a um ser social.

Segundo Claude Dubar, a socialização remete para um processo de construção coletiva de condutas sociais que integra três aspetos complementares: o aspeto cognitivo que representa a estrutura da conduta e se traduz em regras; o aspeto afetivo que representa a energética da conduta e se exprime em valores; e o aspeto expressivo que representa os significantes da conduta e se simboliza em signos. (Dubar, 1997: 12) Na opinião deste autor, podemos entender a socialização, em última instância, como *“um processo de identificação, de construção de identidade, ou seja, de pertença e de relação. Socializar-se é assumir o sentimento de pertença a grupos (de pertença ou de referência), ou seja, “assumir pessoalmente as atitudes do grupo que, sem nos apercebermos, guiam as nossas condutas”* (Dubar, 1997: 18).

Ao olharmos para o desporto, uma vez mais, como um espelho da sociedade, verificamos que as normas e valores dominantes são incorporados no seio das práticas desportivas. Assim, as normas e valores presentes na sociedade estão também presentes no desporto e, neste sentido, podemos afirmar que as instituições desportivas funcionam como meios de socialização para os indivíduos. Os clubes, grupos ou associações desportivas incutem nos seus atletas um conjunto de valores sociais. *“Através da participação desportiva desenvolvem-se e incutem-se valores como lealdade, cooperação, desportivismo, persistência, responsabilidade, espírito de equipa,*

disciplina, tolerância, humanismo, respeito, solidariedade e dedicação.” (Claro, 2016: 21)

O desporto assume, como vimos, uma significativa interiorização de valores que enaltecem as práticas de competitividade nos diferentes espaços sociais, incorporando os princípios basilares da sociedade assentes na competição e evolução. Para além disso, a prática de desporto é resultado de diferentes influências e pressões que fazem com que os atletas iniciem e prossigam a prática desportiva, enveredando por este campo social com o objetivo de uma carreira profissional. Salomé Marivoet conclui que o envolvimento em práticas desportivas inseridas em quadros de competição decorre, por um lado, dos valores socioculturais que os atletas comportam face à sua atividade desportiva, e por outro, da valorização dada ao desporto nos espaços sociais onde os atletas se inserem. Tal facto leva-nos a concluir que, na opinião da autora, o envolvimento em carreiras desportivas, sobretudo o êxito e a permanência nestas, não podem ser unicamente explicados pelas características fisiológicas, pedagógicas ou de personalidade, potenciadoras de um maior desempenho corporal, mas igualmente a de uma maior determinação e adaptação às expectativas exigidas aos atletas pelos técnicos e organizações desportivas. (Marivoet, 1997: 111)

A prática desportiva contribui para um sentimento de coesão social e o desporto, como vimos falando, enquanto fenómeno social caracteriza-se por ser um agente de socialização. O campo desportivo é composto por um conjunto de indivíduos e grupos que se relacionam e interagem entre si, partilhando um mesmo objetivo: a promoção do desporto. (Claro, 2016: 27) A prática de desporto contribui para a criação de relações sociais, visto que quando uma atividade física é realizada em grupo, é possível estabelecer laços entre as pessoas. Simultaneamente, o desporto une todo o tipo de grupos sociais contribuindo para a coesão social. *“através do futsal é possível a inculcação de crenças e valores culturais e costumes, sendo igualmente possível fortalecer laços entre os indivíduos e dessa forma estamos perante um fenómeno de coesão social.”* (Claro, 2016: 99)

Neste sentido, os desportos coletivos têm um papel muito importante, uma vez que tratam a questão do grupo e da necessidade de interação entre os seus elementos, necessidade essa que se evidencia não só nas modalidades desportivas, mas também noutras dimensões do quotidiano de cada indivíduo. (Claro, 2016: 29).

O desporto é uma forma de participação cultural que anula barreiras como a língua, a religião, as fronteiras geográficas ou a etnia. Através deste fenómeno é possível a existência de interação entre as culturas, onde residem regras morais que permeiam e atestam a sociedade. O conceito de desporto remete-nos para uma união crescente entre pessoas de várias entidades culturais.

O desporto assume igualmente um importante papel enquanto agente de inclusão social, dado que este não exclui nenhum tipo de indivíduos. Para a prática desportiva é irrelevante de que grupo social, etnia ou religião são os atletas. Neste sentido, o desporto pode funcionar como um elemento de inclusão social, visto que os indivíduos desenvolvem sentimentos de pertença quando enquadrados numa determinada instituição social. Para Vanessa Claro, hoje em dia, é consensual olhar o desporto enquanto manifestação cultural com colossais competências no que respeita à aproximação das pessoas, das culturas e das nações, seja através da dinamização de sociabilidades, seja na transmissão de sentidos identitários, de fazer parte, isto é, de inclusão. A ética do desporto transmite valores associados ao princípio do fair play, onde a ação desportiva é direcionada sobretudo para a inclusão e o combate de todo o tipo de discriminação. (2016: 31).

A inclusão social no desporto remete para *“a existência real de igualdade de oportunidades no seu acesso, constituindo boas práticas a promoção da prática desportiva generalizada, e a presença de pessoas tendencialmente excluídas na sociedade no exercício das actividades dirigentes e técnicas, i.e., que não seja exercida discriminação no acesso a estes cargos por motivos raciais, étnicos, religiosos, deficiência, género, orientação sexual, classe social ou outros”* (Sherry, 2010, e Haudenhuyse, Theeboom e Nols, 2012, cit. por Marivoet, 2014: 8).

Existe já uma política desportiva europeia onde se enfatiza o papel social do desporto, destacando-se a importância do mesmo *“na promoção da inclusão social, no estabelecimento da igualdade de oportunidades, e na prevenção e luta contra o racismo e a violência e qualquer outra forma de discriminação”* (Marivoet, 2014: 5).

Assim, o desporto enquanto agente de inclusão social pode até contribuir para atenuar as desigualdades de determinadas sociedades. Esta ideia é defendida por António da Silva Costa e o autor argumenta que o futebol, através da sua função ideológica, pode

constituir um meio de inclusão social, de justificação da realidade sociopolítica e inclusive de dissimulação das deficiências da sociedade na qual ele funciona. (1992: 106)

O desporto ao enquadrar os indivíduos numa atividade que integra a realidade social assume um papel-chave na formação identitária dos mesmos, onde se salienta a inserção destes num núcleo social específico como os clubes de futebol, por exemplo. Estas instituições apresentam-se como espaços de produção de redes sociais geradoras de capital social e através destas redes sociais “*o indivíduo adquire sentimentos de pertença, de fazer parte da sociedade, e por isso de inclusão geradora de empowerment*” (Pinto, 2011, cit. por Marivoet, 2014: 7). Este capital social poderá servir para atrair outro tipo de capital, uma vez que, segundo postula Pierre Bourdieu na obra *A distinção* (2007), capital atrai capital. O autor destacou o facto de os indivíduos conseguirem obter benefícios mediante a participação em grupos ou redes sociais, existindo a possibilidade do capital social ser transformado em capital cultural ou económico, sendo que, no caso das práticas desportivas, se poderiam adicionar os capitais corporal e desportivo, promovendo o desporto enquanto espaço impulsionador de recursos geradores de inclusão. (Claro, 2016: 32)

Salomé Marivoet (2014) postula que o desporto é imprescindível enquanto agente de inclusão, uma vez que os indivíduos vão passar por uma vivência onde irão sentir justamente o contrário da exclusão, isto é, eles vão sentir que são aceites, que são úteis e que fazem parte. O desporto assume-se como um lugar privilegiado para a construção de laços sociais, permitindo a partilha de experiências e sentimentos. A pertença a grupos desportivos leva a que os indivíduos conjuguem os seus objetivos pessoais em prol de um objetivo comum, onde valores como o compromisso, a solidariedade, a união e a cooperação devem estar presentes para bem do coletivo. “*Pertencer a um clube é parte da vivência de cada um dos seus membros e a conjugação dos interesses pessoais, das capacidades e estilos comportamentais por um lado, e das circunstâncias, organização e estrutura do clube por outro, desenvolvem uma prática social com formas de trabalho, valorização coletiva, formação de grupos e cooperação, que dão especificidade a este tipo particular de organizações desportivas*” (Heinemann, 1999, cit. por Sousa, 2012: 5-6).

Ainda que estejamos a falar no desporto em geral, convém lembrar que nem todas as modalidades têm o mesmo valor social. Na realidade portuguesa, o futebol apresenta-

se claramente como a modalidade dominadora, sendo considerado o “desporto-rei”. Apesar de existirem diversas modalidades desportivas, o futebol é aquela que apresenta maior número de adeptos e, dessa forma, maior importância e reconhecimento social. *“Mas nem todas as modalidades desportivas encontraram a mesma capacidade de vingar no mercado do espectáculo desportivo, o futebol apresenta-se sem dúvida como a modalidade que detém a hegemonia aos mais diferentes níveis. (...) o modelo do futebol apresenta-se como o objectivo a atingir”* (Marivoet, 1997: 103). Se atendermos a um estudo feito pela autora Salomé Marivoet sobre a prática desportiva dos portugueses, verificamos que se comprova esta realidade, uma vez que o futebol se apresenta como a modalidade mais escolhida – e com larga vantagem face às restantes modalidades –, independentemente do grupo social. (Marivoet, 2000)

Ainda assim, e visto que este exercício se debruça sobre o futsal em Portugal, iremos conferir agora alguma atenção a esta modalidade. O futsal está desde o início do século XXI em clara difusão e afirmação na sociedade portuguesa, contabilizando um enorme crescimento no número de adeptos e praticantes da modalidade. Para isso muito terá contribuído a transmissão televisiva de jogos em canal aberto e o facto de este também ser um desporto-espetáculo onde a emoção está sempre presente. Desde há uns anos a esta parte – essencialmente nos últimos 15 anos –, o futsal vem-se assumindo como a segunda modalidade com maior importância social – logo atrás do futebol – e a sua popularidade é visível no número crescente de praticantes. Esta modalidade é a mais praticada nas escolas portuguesas e, sem surpresa, é a número um no que concerne aos desportos de pavilhão. Neste sentido, podemos afirmar que a modalidade *“está em pleno crescimento, modernizando-se e procurando suprir as necessidades dos praticantes, e, como todo o esporte de massa desempenha um papel importante nos aspectos psicológicos, físico e social”* (Melo, 2001: 165, cit. por Silva, 2012: 17).

Vanessa Claro - autora da tese *“Percursos de jogadores de futsal portugueses: uma pesquisa sobre socialização”* (2016) - destacou alguns dos pontos já aqui abordados como a importância do desporto na socialização e inclusão social. Atendendo à investigação realizada pela autora e destacando os contributos dos seis jogadores de futsal entrevistados verificamos que estes *“acreditam que o futsal esbate barreiras ou preconceitos e trabalha na união, na inclusão e na socialização do indivíduo. No futsal,*

apesar das diferenças de cada um, todos são iguais, e o todo é a base do sucesso.” (Claro, 2016: 99)

Neste sentido, os testemunhos recolhidos apontam para que o futsal possibilite aos indivíduos a sua inclusão na sociedade, sendo que os mesmos passam a fazer parte de um todo com objetivos comuns, funcionando, assim, enquanto processo de socialização e da própria construção identitária. (Claro, 2016: 21)

Ao longo deste capítulo vimos como o desporto se tem afirmado enquanto prática cultural amplamente difundida nas sociedades modernas e abordámos questões como o desporto enquanto espelho da sociedade, a inculcação de valores através das instituições desportivas ou a pertença a grupos enquanto formas de inclusão social. Falámos igualmente na existência dos valores vigentes nas sociedades modernas como a competição, a busca pelo progresso e o ideal de meritocracia - onde os melhores são recompensados socialmente com a atribuição de reconhecimento, prestígio e admiração, tendo por base uma sociedade livre e igualitária – e a sua presença no universo desportivo. Por fim, entre vários outros elementos, destacámos a expansão do desporto enquanto espetáculo e realçámos a importância dos adeptos a este nível.

Ora, todos os elementos aqui apresentados têm igualmente lugar no futsal e, dessa forma, enquadram-se no tema deste trabalho. Esta modalidade baseia-se nos valores e nas normas presentes nos demais campos sociais e transmite-os aos seus atletas através dos clubes ou associações desportivas. Para além disso, os indivíduos ao pertencerem a instituições desportivas sentem-se valorizados e socialmente incluídos. Relativamente à meritocracia, apesar da complexidade e diversidade de todos os elementos que influenciam a prática desportiva e o seu sucesso, este ideal está profundamente difundido e os atletas depositam todas as suas ambições e sonhos na possibilidade (difícil, mas real) de alcançar exemplos mediáticos como o Cristiano Ronaldo, no futebol, ou o Ricardinho no futsal. Ora, a popularidade do desporto reside precisamente na sua capacidade de incorporar os ideais das sociedades democráticas mostrando-nos, através dos seus heróis, que qualquer pessoa pode tornar-se alguém importante, sendo que esse *status* não é conferido à nascença, mas é ganho ao longo da vida. (Bromberger, 1995: 296) Por último, designámos o futsal como um desporto-espetáculo onde tem existido uma crescente mobilização de adeptos, uma condição que contribui para uma enorme expansão da

modalidade, assumindo-se a mesma como um desporto que arrasta atualmente pequenas multidões.

Em conclusão, o desporto, ao reunir pessoas em eventos, manifesta periodicamente a realidade duradoura de uma consciência coletiva, combinando quatro características. Em primeiro lugar, resume, como dissemos, os valores presentes nas nossas sociedades; em segundo lugar, ao opor o “nós” ao “eles”, polariza o particular e o universal; em terceiro lugar, dá ao grupo a oportunidade de se celebrar, realizando e exibindo-se, tanto nas bancadas como no campo; e em quarto lugar, devido ao seu carácter multifacetado, presta-se a muitas e variadas leituras. (Bromberger, 1995: 311)

Capítulo II – Género e identidades

1) A dominação masculina no desporto

O presente capítulo abordará as questões de género presentes no desporto e os processos de construção identitária dos indivíduos. Começando pelo género, e sabendo nós que vivemos em sociedades de dominação masculina – tal como postula Pierre Bourdieu (2012) -, podemos questionar se essa dominação se mantém no campo desportivo. Mais à frente iremos confirmar ou infirmar esta questão.

Para já, vejamos de que forma a dominação masculina se opera. Segundo Bourdieu, a divisão entre os sexos apresenta-se como algo normal, natural e até inevitável. Esta divisão está presente em casa - onde homens e mulheres assumem diferentes tarefas e papéis sociais – e estende-se ao trabalho, onde a distribuição das atividades de forma diferenciada produz e reproduz a ordem social que funciona como uma máquina simbólica que ratifica a dominação masculina. Mais ainda, diz-nos o autor que estas divisões arbitrárias são socialmente construídas e adquirem “*todo um reconhecimento de legitimação*”. (Bourdieu, 2012: 17)

Na verdade, esta dominação masculina entendida como natural e evidente inscrita numa natureza biológica, é, ela própria, uma construção social naturalizada. (Bourdieu, 2012: 33) Assim, estas relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os géneros inscrevem-se “*progressivamente em duas classes de habitus diferentes, sob a forma de hexis corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino.*” (Bourdieu, 2012: 41)

Ora, a dominação masculina encontra, desta forma, todas as condições para o seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens afirma-se na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas numa divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte. Por conseguinte, os atos de conhecimento desta dominação são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, de uma crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que se traduz numa violência simbólica. (Bourdieu, 2012: 45)

Em suma, Bourdieu postula que as estruturas de dominação são produto de um trabalho incessante de reprodução para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com as suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições como a família, a Igreja, a Escola e o Estado. *“Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais.”* (Bourdieu, 2012: 46) Neste sentido, a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina só pode ser compreendida se atendermos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce tanto sobre os homens como sobre as mulheres.

Assim, a dominação masculina é então um fenómeno estrutural que se produz e reproduz, tendo o consentimento das mulheres. Estas aceitam e reconhecem as lógicas de dominação presentes nas sociedades. *“O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder.”* (Bourdieu, 2012: 52)

Como vimos no primeiro capítulo, o desporto assume-se como uma esfera do social que incorpora os mecanismos e as estruturas dos demais campos e, como tal, não nos surpreenderá verificar que o campo desportivo se apresenta dominado por homens, à semelhança do que acontece na restante sociedade. Esta é a visão que Norbert Elias e Eric Dunning postularam ao afirmarem que o desporto espelha as relações de dominação presentes na sociedade. Tal é visível através daquilo que eles designam como *“caráter patriarcal do desporto”*, onde existe uma clara hegemonia masculina. O desporto funciona, assim, no entender dos autores, como uma área de produção e, consequente, reprodução de identidade masculina. (Elias e Dunning, 1992: 391)

Ao falarmos da dominação masculina presente no campo desportivo, não podemos esquecer que ela é resultado de um processo histórico. Os princípios do desporto moderno, o *ethos* competitivo e a exaltação das proezas físicas –, que constituíram os valores da cultura masculina dominante no século XIX – reservaram-no por excelência aos homens. No entanto, assistiu-se, ao longo do século XX, a uma progressiva entrada das mulheres no desporto. Esta constituiu uma das principais mudanças que o desporto registou, a par de outras, no último século, como sejam a profissionalização e intensificação da comercialização do espetáculo desportivo e a inserção do desporto nos modos de vida.

Nas últimas décadas, tem-se assistido a novos desenvolvimentos da cultura física, assumindo o corpo uma acrescida importância enquanto produto de um sujeito ativo. Estes novos valores, que se expressam nos *lifestyle sports*, parecem introduzir novas configurações na incorporação das identidades de género no campo das práticas desportivas que ultrapassam as tradicionais associações da masculinidade à força e à competitividade e a feminilidade à fragilidade e graciosidade. Apesar da tendência na uniformização dos estilos de vida associada ao processo de globalização que marca os nossos tempos, as práticas culturais – como são as desportivas –, continuam a diferenciar-se consoante as sociedades e os grupos sociais. (Marivoet, 2002: 423)

Na verdade, a crescente participação das mulheres na área do desporto tem sido visível e são várias as abordagens teóricas que defendem este fenómeno. Destacam-se, a este respeito, os casos das feministas radicais e críticas que atribuem grande importância ao espaço desportivo na luta contra a dominação masculina por, justamente, entenderem que este é um espaço por excelência da sua reprodução. As relações de género nas abordagens feministas tendem assim a ser concebidas numa estrutura social radicada em dois universos separados - por um lado, temos os homens que utilizam diferentes mecanismos de dominação e opressão, e por outro, as mulheres remetidas para o estado de dominadas. (Marivoet, 2002)

Apesar dos diferentes mecanismos que permitem a reprodução das formas de dominação, esta requer para a sua manutenção uma interação das categorias dominantes e dominadas, tal como explanamos acima. Para Bourdieu (2012), não podemos compreender a lógica paradoxal da dominação masculina, forma por excelência da violência simbólica, e da submissão feminina, a não ser levando em conta os efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres. Os constrangimentos impostos pelas estruturas sociais nas práticas e representações constituem o principal motor na reprodução das formas de dominação, sendo que “*no caso das relações de género estes se encontram acrescidos, dado o processo ontológico de identificação do eu (self) ser conduzido justamente por construções sociais que impõem diferentes papéis, e até atitudes morais, de acordo com o sexo com que cada indivíduo nasce.*” (Marivoet, 2002: 424)

O ponto de vista da cultura dominante ideologicamente construído age de forma coerciva nos comportamentos esperados quer das mulheres quer dos homens, aos quais

se lhes impõem igualmente diferentes formas de dever ser. Bourdieu (2012) advoga que a virilidade é exigida aos homens, uma vez que esta é entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão para o combate e para o exercício da violência. A cultura tradicional masculina impõe aos homens que provem a sua virilidade, assumindo esta nas palavras de Bourdieu, uma *“noção eminentemente relacional, construída diante dos e para os homens e contra a feminidade, numa espécie de medo do feminino, e antes de mais de si próprio”*, medo este, de *“perder a estima ou admiração do grupo, de ‘baixar a cabeça’ diante dos ‘colegas’ e de cair na categoria tipicamente feminina dos ‘fracos’, dos ‘medricas’, dos ‘maricas’, dos ‘paneleiros’, etc.”*.” (Bourdieu, 1999, cit. por Marivoet, 2002: 425)

Para Salomé Marivoet, o desporto moderno constituiu-se assim como um espaço ímpar de reprodução da cultura tradicional masculina, ao permitir aos homens, por um lado, provarem que o são (materializando o referencial simbólico de superioridade e virilidade nas proezas físicas virtualizadas em força de carácter e honra), e por outro, pela sua demarcação do feminino que, em última instância, implica a depreciação do sexo oposto associado no imaginário da tradição mais enraizada ao fraco. (2002: 425) Como Bourdieu (2012) preconiza as manifestações (legítimas e ilegítimas) da virilidade situam-se na lógica da proeza, do feito que traz honra, visto que na tradição europeia esta se encontra associada à coragem física ou moral.

Estas dinâmicas muito particulares tornam o espaço desportivo um universo simbólico da dominação masculina e, simultaneamente, um espaço de enormes potencialidades para as mulheres produzirem a desnaturalização dos atributos de género tradicionais. Contudo, a participação das mulheres neste espaço marcado pela cultura tradicional masculina não deixa de implicar a aceitação para si próprias das regras específicas do campo (atributos tradicionais da masculinidade), sendo por isso mesmo que as feministas radicais se opõem à entrada das mulheres no atual sistema desportivo. (Marivoet, 2002: 425)

Seguindo esta linha de pensamento, os homens procuram afirmar-se enquanto tal e tentam demarcar-se do feminino, através de práticas (desportivas) que os investem de superioridade e distinção. Desta forma, são várias as formas de exclusão e desvalorização a que as atletas se encontram sujeitas, incluindo a depreciação da sua feminilidade ou as observações que as reduzem a meros objetos sexuais. Estes processos parecem revestir-

se de formas de resistência em prol da preservação da cultura masculina dominante no campo desportivo. Ainda assim, como salienta Bourdieu (2012), a sociedade apresenta uma enorme riqueza de símbolos que investem virilidade aos homens para além dos seus testemunhos ou proezas físicas, nomeadamente a detenção de cargos de poder na esfera pública, a nível económico, académico, cultural e político, no exercício de determinadas profissões, no papel que desempenham nas relações familiares, entre tantas outras.

2) Assimetrias de género nas práticas desportivas

O campo desportivo, como temos visto, apresenta-se como um espaço de dominação masculina e isso é evidenciado, entre tantas outras situações, quando olhamos para as práticas desportivas. Existem diferenças nas práticas desportivas numa série de variáveis como são os casos da idade – onde os jovens apresentam maiores índices de participação -, da escolaridade - quanto mais elevada a escolaridade maiores são os níveis de participação registados -, ou da profissão - onde se registam maiores níveis de participação desportiva nos indivíduos que detêm um estatuto socioprofissional que requer maiores níveis de qualificação e de responsabilidade. Mediante este exemplo, percebemos que os indivíduos apresentam diferentes experiências e oportunidades consoante as suas características sociais.

Para este exercício, o que nos interessa esmiuçar são as diferenças nas práticas desportivas tendo em conta o género e perceber de que forma estas diferenças se apresentam e quais são as razões para a sua existência. Na realidade, a variável género também apresenta diferenças consideráveis no que respeita às práticas desportivas, visto que os homens tendem a praticar mais desporto do que as mulheres, algo expectável pelo que vimos até aqui, pois a existência de fortes preconceitos funciona como um entrave à prática desportiva das mulheres. Num estudo sobre os Hábitos Desportivos da População Portuguesa, Salomé Marivoet verificou que *“Entre a população dos 15 aos 74 anos, em cada cem homens 34 praticam desporto, enquanto nas mulheres 14%”* (Marivoet, 2000).

As práticas desportivas estão intimamente ligadas ao contexto spatiotemporal, ou seja, elas dependem em larga medida dos contextos históricos, sociais, culturais, políticos e económicos de cada sociedade. A nível europeu, por exemplo, verificam-se grandes assimetrias na participação feminina que resultam, essencialmente, de uma menor presença das mulheres dos países do Sul nas práticas de lazer face à verificada nas mulheres dos países do Norte. O menor envolvimento das portuguesas, espanholas e italianas nos *lifestyle sports*, não poderá ser compreendido sem que se tenha presente, por um lado, os condicionalismos culturais inerentes aos contextos históricos que marcaram as respetivas sociedades durante o último século, e por outro, as diferentes ações dos Estados e das organizações das mulheres com vista ao alargamento da participação feminina. (Marivoet, 2002: 427)

O desporto nos países do Sul da Europa ressentiu-se das ações e ideais dos regimes fascistas do século XX, visto que estes impuseram fortes condicionalismos culturais à afirmação das mulheres. Neste período, as mulheres foram confinadas à esfera doméstica - à maternidade e à educação dos filhos - e também ao marido que foi instituído pelo Estado na nobre missão patriótica de ser o chefe de família. Em ambientes de restrição económica, de baixos níveis de escolaridade e com grandes agregados familiares, devido à proibição do controlo da natalidade, os lares foram pouco estimulados. O desporto assumiu sobretudo interesses de índole patriótico, de disciplina dos corpos e de preparação física (tradicional paradas atléticas das organizações juvenis fascistas masculinas e femininas). A juntar a estes condicionalismos acresce-se o facto de o sistema de ensino ter sido sexualmente dividido – e restrito a uma minoria das raparigas e não muito maior dos rapazes –, e ainda ter sido fortemente influenciado pelos ideais da Igreja Católica pouco receptivos ao desporto, sobretudo no caso das mulheres. Neste contexto, compreende-se que a grande maioria das mulheres não tenha adquirido hábitos de prática desportiva, facto que se continua a fazer sentir atualmente, em especial nas gerações mais velhas. (Marivoet, 2002: 427-428)

O quotidiano das mulheres com filhos, sobretudo dos estratos sociais mais desfavorecidos, faz denotar uma clara escassez de tempo livre, com reflexos diretos na menor participação desportiva. Contudo, Salomé Marivoet alerta-nos que *“o tempo livre apresenta-se como um dos factores explicativos, ainda que seja maioritariamente invocado como justificação da não prática, pois pelo menos nos casos de Portugal e Espanha, os estudos têm revelado que entre as gerações adultas, e sobretudo nas mais idosas em que os níveis de escolaridade são menores, ainda se fazem sentir os preconceitos de género que as afastaram enquanto jovens das práticas desportivas”* (Marivoet, 2002: 428).

As assimetrias de género na participação desportiva tendem, assim, a atenuar-se nos países do Norte da Europa e a acentuarem-se nos países do Sul, apresentando os primeiros uma maior generalização dos hábitos desportivos entre as mulheres e os homens do que os segundos. Contudo, quando nos situamos no desporto intensivo, as assimetrias entre os países deixam de ser significativas, o que nos permite concluir que estas resultam, em grande medida, do maior envolvimento da população masculina e

feminina dos países do Norte nas práticas de lazer, enquanto nos países do Sul da Europa estas se tornam mais restritas, sobretudo no caso das mulheres. (Marivoet, 2002: 429)

Se atendermos à participação no desporto competitivo, organizado e intensivo (alta competição), a presença das mulheres torna-se bastante reduzida em todas as sociedades e as desigualdades de género tornam-se fortemente visíveis, fazendo denotar o forte predomínio que os homens aí exercem. Neste espaço das práticas desportivas, as mulheres encontram-se mais ausentes nos desportos tradicionalmente associados à masculinidade, como são os casos do futebol e do futsal. Ainda assim, no que concerne às afinidades das atletas pelas diferentes modalidades, estas demonstram contrariar mais os tradicionais estereótipos de género do que o que acontece com os homens, uma vez que se fazem representar mais nos desportos predominantemente praticados pelos homens do que os homens nos maioritariamente praticados pelas mulheres. Para além disso, as mulheres não tendem a concentrar-se *“nos desportos associados ao tradicional ideal de feminidade, contrariamente aos homens que se concentram em mais de metade nos mais associados ao tradicional ideal de masculinidade.”* (Marivoet, 2002: 429)

Se a fraca presença das mulheres nos desportos que veiculam a tradicional cultura masculina poderá ser explicada pelas resistências sexistas que restringem a sua entrada, noutros desportos parecem ser-lhes oferecidas maiores possibilidades de prática, dado o maior equilíbrio das taxas de feminização e masculinização. Deste modo, para podermos explicar a reduzida presença feminina no espaço das práticas competitivas federadas, teremos de considerar a hipótese de que as resistências também virão de muitas mulheres que não se sentem identificadas com o *nomos* deste espaço. (Marivoet, 2002: 430)

As diferenças entre homens e mulheres não se ficam pelas práticas desportivas, elas extravasam também para a forma como o desporto é vivido por cada género. João Sedas Nunes (2012) verificou que, regra geral, o futebol atrai os homens e repele as mulheres. Tendo em conta a afinidade clubista medida em graus de intensidade, apurou que esta é fortemente influenciada pelo género, verificando-se nos graus de intensidade mais elevados maiores proporções de homens e nos graus mais reduzidos maiores proporções de mulheres. É possível que esta diferença esteja relacionada, como vimos anteriormente, com o facto de o futebol – e o desporto em geral – proporcionar à forma de sociabilidade masculina competitiva um terreno especialmente fértil.

3) Identidades

Neste ponto centraremos a nossa atenção na construção identitária dos indivíduos, tentando perceber de que forma esta se processa e quais as suas particularidades. Em primeiro lugar, convém salientar que a construção das identidades é um processo longo e complexo que conjuga uma enorme diversidade de influências sociais. A identidade não é algo que nasce com os indivíduos, é sim fruto de uma construção iniciada na infância e que se prolonga ao longo da vida, havendo reconstruções sistemáticas. Este processo não está unicamente dependente dos indivíduos, mas também dos julgamentos de outros atores sociais, assim como das suas próprias orientações e autodefinições. Neste sentido, a identidade é produto de um conjunto de contínuas socializações. Ferronato defende que *“A construção da identidade é pessoal e social, pois acontece de forma interativa por meio de trocas entre o indivíduo e o meio e está intimamente relacionada, com a cultura, com os valores e a sociedade e o contexto social em que está inserido”* (2015: 5).

Desde logo parecem existir dois processos simultâneos e interdependentes que remetem para a construção da identidade pessoal e da identidade social. Claude Dubar é um autor que teorizou sobre a construção das identidades, dando especial atenção ao papel do indivíduo nesse processo. Segundo o autor, assistimos atualmente a uma *“pluralidade de modos de vida, de concepções, de configurações, isto é, de combinações inéditas de formas identitárias”* (Dubar, 2006: 84). Destacando o processo de construção da identidade pessoal, Dubar afirma que esta não é determinada pelas condições sociais, ela é construída a partir de recursos da trajetória social. É o laço comunitário, sem possibilidade de se distanciar, que determina os indivíduos quando lhes impõe as suas normas, as suas regras, os seus papéis e estatutos reproduzidos de geração em geração. Para o autor, o laço societário não determina nada, ele oferece oportunidades, recursos, referências, uma linguagem para a construção do Eu, tornando sempre possível o Nós centrado na ação coletiva. O societário diferencia, mas não determina. Ele também singulariza. (Dubar, 2006: 168)

A identidade pessoal implica a interiorização de uma atitude reflexiva através de relações significantes (amorosas e cooperativas, mas também competitivas e conflituais) que permitam ao indivíduo a construção da sua própria história, ao mesmo tempo que se insere na história social. A identidade pessoal não se reduz a uma interiorização passiva e mecânica das identidades herdadas, do conjunto de características ligadas à nascença,

nem a papéis estatutários predefinidos (a identidade estatutária do Eu socializado). Pelo contrário, ela conquista-se frequentemente contra estas últimas, por distanciação e ruturas que não excluem nem as continuidades, nem as heranças. (Dubar, 2006: 170)

Em relação à identidade social, José Madureira Pinto defende que esta acarreta dois procedimentos - o processo de identificação, ou seja, aquele através do qual os atores sociais se integram em conjuntos mais vastos, de pertença ou referência; e o processo através do qual os atores tendem a autonomizar-se e distinguir-se socialmente, mantendo distâncias e limites em relação aos seus semelhantes. O autor destaca ainda o facto de que é importante não se esquecer que as identidades sociais são construídas com base na incorporação e diferenciação, por inclusão e por exclusão, contradições e lutas, numa *“lógica de jogo de espelhos, as identidades impuras, sincréticas e ambivalentes”* (1991: 219).

Desta forma, e tendo por base, a importância dos grupos em que o indivíduo se insere na sua construção identitária, é possível avançar a ideia de que o futsal contribui para a construção da identidade dos indivíduos, uma vez que a pertença a um clube terá forçosamente, como vimos no primeiro capítulo, uma partilha de normas e valores sociais que repercutir-se-ão nas formas de sentir, pensar e agir dos indivíduos, assim como no modo como estes exteriorizam a sua identidade através de um conjunto de ações e comportamentos. Os atletas incorporam as estruturas, estratégias e modelos de ação dos clubes e a sua aprendizagem compreende um *habitus*, ou seja, um capital com o qual ele joga, classifica e constrói realidades. Os atletas levam a estrutura do clube a que pertencem nas suas trajetórias de vida individuais. (Rodrigues, 2002: 11)

Bernard Lahire é outro teórico que atendeu às questões associadas à construção identitária dos indivíduos. Segundo ele, através do individual é possível a compreensão do modo como o universal se manifesta na singularidade, uma vez que, ao estudarmos o social de forma individual, estamos a estudar a realidade social na sua forma integrada e assimilada, possibilitando, assim, perceber o processo através do qual a realidade que é exterior se torna corpo. Este individual possui características únicas e é dotado de capacidade reflexiva e vontade própria, não se constituindo, por isso, uma tábua rasa onde o social se inscreve. O individual apresenta-se como um contributo para o coletivo. (Brandão, 2007: 5)

O autor apresenta-nos uma metáfora do “social em estado dobrado ou desdobrado” o que significa que o mundo social não se apresenta apenas enquanto realidades exteriores (coletivas e institucionais), mas também sob a forma de disposições e de competências incorporadas. Cada indivíduo porta em si competências e disposições para pensar, sentir e agir que são produto das suas múltiplas experiências socializadoras. Tudo aquilo que é institucional e cientificamente decomposto (a escola, a família, a empresa, o clube desportivo, o partido político ou o sindicato, a Igreja, o grupo de pares, etc.) recompõe-se (no sentido de um entrecruzamento) de certa maneira em cada indivíduo. (Lahire, 2013: 20) Assim, se representarmos o espaço social nas suas diferentes dimensões - económica, política, jurídica, cultural, desportiva, sexual, moral, religiosa, científica, etc. - numa folha de papel, então cada indivíduo será comparável a uma folha amassada. Estas dimensões dobram-se sempre de uma forma relativamente singular em cada ator e encontramos em cada um deles o produto de um conjunto de desdobramentos do espaço social. (Lahire, 2013: 21)

Neste sentido, percebemos que, para Lahire, são várias as instituições sociais que contribuem para a construção da unicidade do indivíduo. Esta produção do indivíduo como indivíduo singular e autónomo é muitas vezes procurada no conteúdo dos discursos (ideológicos, filosóficos), mas não podemos negligenciar o estudo das instituições, dos dispositivos sociais ou das configurações de relações de interdependência que contribuem para produzir este sentimento de singularidade, de autonomia, de interioridade e de identidade de si para si. Podemos inclusive tentar perceber de que forma as conceções de identidade individual, ou do “eu”, dependem de maneira estreita de uma série de instituições sociais. (Lahire, 2005: 31)

Em suma, Lahire afirma que *“Os actores não são feitos de um só pedaço, mas pelo contrário são colagens compostas, complexos matizados de disposições (para agir e para crer) mais ou menos fortemente constituídos. Isso não significa que sejam “sem coerência”, mas sim sem princípio de coerência único — de crenças (modelos, normas, ideais, valores...) e de disposições para agir.”* (2005: 32)

Atendendo agora às identidades de género e à forma como estas se exprimem no campo desportivo, facilmente percebemos que homens e mulheres têm diferentes atitudes e comportamentos, sendo estes influenciados pelos seus processos de socialização – a partir dos quais aprendem a agir em sociedade – e pelas expectativas socialmente

impostas, dado que a masculinidade e a feminilidade pressupõe diferentes formas de sentir, pensar e agir.

Neste sentido, os discursos disponíveis em cada formação social concreta são dotados de um poder performativo e é sob a sua influência que se aprende a ser homem ou mulher. Sendo incorporado e adquirindo materialidade através das práticas dos atores sociais, o género é, então, assumido por estes como diferença garantida, inquestionável e real. Mas ele é também algo que está em construção permanente. (Brandão, 2008: 2)

Ora, consoante o género, os indivíduos assumirão papéis sociais diferentes, sendo que estes impõe comportamentos individuais diferenciados. Existe uma diversidade de expectativas sociais face a esses comportamentos. Por exemplo, a cultura tradicional masculina, em países como Portugal, defende que os homens não devem realizar as tarefas de lide da casa. Estas tarefas domésticas apresentam-se aos olhares da cultura tradicional masculina como as práticas mais depreciativas do exercício pleno da sua virilidade, aquela que faz de um homem um verdadeiro homem e que exige não ser profanada com qualquer lide da casa que os colocaria no rótulo dos “fracos” ou dos “maricas”, de resto, práticas pouco adequadas ao imaginário que tende a persistir de se considerarem os chefes de família. (Marivoet, 2002: 428) O mesmo acontece com as mulheres, onde a assunção de comportamentos que vão contra as expectativas sociais da sua feminilidade leva a uma série de preconceitos socialmente partilhados. O desporto exemplifica bem esta realidade, uma vez que, como vimos, em modalidades como o futebol e o futsal, as mulheres são discriminadas e acusadas de assumirem papéis masculinos. O campo desportivo configura, assim, diferentes incorporações de masculinidade e feminilidade, sendo sobretudo no espaço das práticas de competição federadas que as tradicionais identidades de género se continuam a reproduzir. À exceção de um número reduzido de desportos que incorporam os requisitos que o olhar masculino da cultura tradicional atribui à feminilidade (fragilidade, graciosidade e elegância), a maioria exercita os atributos que esta considera serem demonstrações da masculinidade (força, competitividade e honra). (Marivoet, 2002: 429-430)

4) Distinção no campo desportivo

No seguimento do ponto anterior, onde nos centrámos nos processos de construção identitária, veremos agora de que forma o campo desportivo se assume enquanto espaço de distinção social. Na realidade, a procura de práticas culturais distintas associam-se igualmente a tentativas de expressão dos indivíduos das suas identidades. Pierre Bourdieu insere as *“práticas desportivas nas práticas de consumo cultural, encontrando princípios explicativos para os envolvimentos sociais na capacidade distintiva que estes encerram. O desporto para Bourdieu apresenta-se como um produto cultural, social e económico, inserido num mercado de oferta e procura, socialmente produzidas”* (Bourdieu, 1987, cit. por Marivoet, 1997: 105) Segundo o autor, as classes com maior capital cultural, social e económico procuram modalidades desportivas que lhes fornecem maior capacidade distintiva. Desta forma, ao praticarem desportos de elite e de difícil acesso, marcam uma distinção face às restantes classes sociais que praticam desportos mais massificados. O desporto assume-se então como um espaço privilegiado *“para a afirmação da distinção pela diferença, ou seja, uma forma de constante actualização das distâncias sociais e das hierarquias”*. (Batista e Pires, 1989: 15)

As classes sociais com níveis superiores de capital cultural, social e económico procuram sobretudo chegar a patamares em que o acesso é mais restrito, uma vez que é precisamente através desses que lhes é possível obter maior distinção. Bourdieu (2007) entende que a burguesia – enquanto classe dominante - pretende distinguir-se, procurando conservar a sua posição através de uma estratégia de distinção, impondo o seu “bom gosto” e legitimando a sua própria dominação. Quanto às restantes classes as opções passam por estratégias de compensação da sua baixa estrutura de capital, através do acesso a consumos desportivos que lhes fornecem capacidade de identificação social. O autor aponta a tendência para a generalização das modalidades, através da constituição de uma oferta menos elitista, facto que leva as classes sociais com níveis superiores de capital a procurarem novos desportos, de modo a ser-lhes restituída a distinção que procuram. (Marivoet, 1997: 105)

Ora, se as atividades e espetáculos desportivos classificam socialmente, eles só o podem fazer porque eles mesmos são socialmente classificados. *“a lógica da distinção consiste em manter uma distância distintiva entre as práticas: logo que uma prática se difunde, e perde assim o seu valor distintivo, é substituída por outra, reservada aos*

membros das classes dominantes” (Bonnewitz, 2005: 108, cit. por Lopes, 2014: 178). Seguindo esta ideia, a partir do momento em que um desporto se torna massificado, ele tende a ser abandonado pelas classes dominantes que procuram outro tipo de desporto ou modalidade que lhes garanta a distinção social desejada. Para Bourdieu, esta distinção, todavia, não supõe apenas a aquisição dos produtos desportivos legítimos, mas, também, o seu uso legítimo. Assim, o valor distintivo de assistir a uma partida de críquete, por exemplo, dependeria do conhecimento e aplicação das regras de assistência desse desporto, como não saltar, dançar ou ameaçar os adeptos rivais, à semelhança do que acontece num jogo de futebol. (Lopes, 2014: 178-179)

É necessário pensar o espaço das práticas desportivas enquanto um sistema no qual cada indivíduo vê reconhecido o seu valor distintivo, ou seja, para compreendermos um desporto é preciso reconhecer a posição que ele preenche no campo dos desportos. O desporto tem inerente a si uma estratificação interna e uma classificação hierárquica. Bourdieu defende que um desporto só pode ser pensado em relação aos demais. Do seu ponto de vista, apenas opondo-se uns aos outros, os desportos podem ter os seus aspetos sociais revelados. (Lopes, 2014: 169)

Em suma, o desporto pode apresentar duas formas distintas de leitura. Uma, tida como sincrónica, em que a modalidade está diretamente relacionada com as disposições patenteadas nos agentes de uma determinada posição social. Outra, de forma diacrónica, em que o desporto pode ser apropriado por agentes das mais variadas disposições, ou seja, os programas desportivos sociais, assim como uma determinada disposição, pode adaptar-se a qualquer prática. Segundo Jarvie (2006), a distribuição das práticas desportivas entre as classes sociais é determinada por três fatores - capital económico, capital cultural e tempo livre.

Ao mobilizarmos a teoria de Bourdieu (2007) sobre os campos, percebemos que o desporto é um campo especializado da vida moderna, tratando-se de um espaço de diferenciação social com autonomia relativa em relação à política, à economia e à religião. O autor apresenta-nos o conceito de campo enquanto espaço de posições específicas, com leis próprias de funcionamento, com um capital específico, com agências de consagração - estas definem a estrutura do próprio campo e legitimam quem tem mais poder - e regras de jogo particulares.

O campo é, segundo Bourdieu (2007), um espaço de luta social nos quais se operam distinções em torno de uma oposição entre dominados e dominantes. Estudar o campo é estudar as relações de força que se desenvolvem no seu âmbito, implicando também a análise da estrutura interna do campo e os interesses específicos que são irredutíveis às paradas em jogo e aos interesses de outros campos. As oposições manifestam-se em torno de tipos específicos de capital, sendo que a distribuição desigual dos capitais implica relações de dominação. Os campos estabelecem-se em relação com o capital e o *habitus* e permitem ter conhecimento das posições sociais e das disposições individuais.

Bourdieu (2007) refere que tendem a existir homologias de posições dos agentes em campos distintos, ou seja, os indivíduos que assumem posições dominantes num determinado campo tendem a reproduzir essa posição noutra campo. As classes dominantes mantêm-se no poder na medida em que conseguem impor a sua visão do mundo como legítima, dissimulando o seu carácter arbitrário e interessado. Desta forma, a reprodução do mundo social é garantida, fundamentalmente, por meio de um longo trabalho de legitimação da visão do mundo das classes dominantes. São estas classes que definem os critérios de classificação social das atividades e dos espetáculos desportivos. (Lopes, 2014: 172)

Os agentes sociais, dependendo da posição que ocupam na estrutura social, adotam estratégias de conservação ou de transformação da estrutura do campo. Na opinião de Bourdieu (2007) quanto mais os indivíduos ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais tendem a conservar a estrutura e a sua posição. Assim, no campo das práticas desportivas, a noção de fair play, defendida pela aristocracia, seria uma forma de triunfar dentro das regras – algo totalmente oposto à busca plebeia da vitória a qualquer custo. (Lopes, 2014: 175) A teoria de Bourdieu revela-se inovadora no sentido em que relaciona práticas desportivas e posições sociais. O universo desportivo exige uma compreensão entre a existência de afinidades entre certos tipos de desporto e certos grupos sociais.

No campo desportivo, as lutas giram em torno da definição e uso legítimo do corpo. Luta essa traduzida nas disputas entre desporto amador vs desporto profissional ou desporto de elite vs desporto de massa. (Rodrigues, 2002: 8) O campo desportivo, como qualquer campo, caracteriza-se então por assimetrias e diferenças relativamente estáveis,

um espaço onde existem dominantes e dominados que se comportam como se estivessem num jogo. Assim, ainda que sejam adversários, todos os agentes do campo possuem algo em comum - a crença de que o jogo social do desporto vale a pena ser jogado. Bourdieu (2007) designa esta crença de *illusio*. É a *illusio* que faz com que os agentes de um campo se deixem levar pelo jogo nele jogado e é ela que faz com que eles invistam nesse jogo.

Pierre Bourdieu na obra *A Distinção* (2007) dá importância aos estilos de vida [estilização da vida] para ler as divisões sociais, afirmando que se queremos perceber as capacidades que os hábitos têm em gerar práticas é necessário perceber como se constroem os estilos de vida. Os estilos de vida são formações muito importantes no quotidiano e resultam do *habitus* individual, relacionando-se com o gosto. O autor apresenta uma visão tripartida do espaço social - classes dominantes, pequena burguesia e classes populares - e o modo como se constrói o gosto varia tendo em conta estas classes.

Na opinião de Bourdieu, o gosto não é uma propriedade inata dos indivíduos. Pelo contrário, ele é assimilado e incorporado ao longo das nossas trajetórias sociais, estruturando e sendo estruturado pelo nosso *habitus* de classe que constitui o princípio gerador e unificador dos nossos estilos de vida. Por conseguinte, o gosto desportivo relaciona-se com outros gostos. Assim, não será possível entender o gosto desportivo sem entendermos a relação de cada classe social com o corpo, ou seja, sem entendermos as funções e os significados que ele tem para cada uma delas. Na verdade, as classes privilegiadas tendem a tratar o corpo como um fim em si mesmo e as classes trabalhadoras como um instrumento. Conforme observa Bourdieu (2007), a relação instrumental com o próprio corpo que as classes populares exprimem em todas as práticas, tendo o corpo como objeto ou desafio, regime alimentar ou cuidado com a beleza, relação com a doença ou com os cuidados com a saúde, também se manifesta na escolha dos desportos, requerendo um grande investimento de esforços, de fadiga ou de sofrimento (como o boxe) e às vezes exigindo que se coloque em jogo o próprio corpo (como o motociclismo, o paraquedismo, todas as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os desportos de combate). (Lopes, 2014: 177-178)

Além de ser extensivo a outros gostos, o gosto desportivo, como qualquer outro, também se inscreve numa vontade de distinção social. Em primeiro lugar, ele diferencia os que gostam de desporto daqueles que não gostam. E, ao mesmo tempo, os que gostam da modalidade “X” daqueles que gostam da modalidade “Y”. Em segundo lugar, ao

diferenciar, ele hierarquiza socialmente. Assim, os desportos são fundados sobre uma hierarquia que vai do mais legítimo ao menos legítimo. “*A título de exemplo: enquanto que assistir a uma partida de críquete é visto como uma atividade distintiva, ir a um torneio de luta livre é tido como uma atividade vulgar.*” (Lopes, 2014: 178)

De acordo com Bourdieu, os conflitos decorrentes do processo de valorização simbólica dos desportos desenvolvem-se em contextos sociais caracterizados por assimetrias e diferenças em termos de distribuição de recursos e poder. Assim, o valor atribuído pelas classes populares às práticas desportivas possui um peso muito inferior do que é atribuído pelas classes dominantes. Em última instância, estas é que impõe a definição e a função legítima do desporto. (Lopes, 2014: 179) Segundo o autor, os grupos dominantes não se distinguem apenas consumindo aquelas atividades desportivas que eles próprios definiram como legítimas, mas, também, menosprezando aquelas que definiram como ilegítimas. As classes populares, por sua vez, tendem a apresentar uma atitude de resignação em relação às classes superiores, reconhecendo o modelo de distinção imposto pelos grupos dominantes. Assim, os indivíduos dessas classes poderiam, por exemplo, reconhecer uma modalidade desportiva como sendo nobre (como o golfe), admitindo, ao mesmo tempo, que não é o tipo de prática que desejariam (ou seriam capazes de) consumir e apreciar.

No entanto, não devemos olhar para o campo desportivo como um espaço onde as classes dominantes exercem o seu poder sem contestação ou questionamento por parte das classes dominadas. Como vimos, os campos são espaços de luta social e, como tal, é habitual que existam tentativas de inverter as dinâmicas do campo e o *status quo* atual. O desporto apresenta-se, por isso mesmo, como um espaço onde é possível combater a ordem dominante e as classes populares procuram encontrar formas de assumirem posições de maior destaque no interior do campo.

Neste sentido, o desporto pode apresentar-se para as classes populares como um espaço de resistência ou inversão da dominação existente. Como fomos referindo ao longo do primeiro capítulo, parte da força e popularidade do desporto reside na igualdade entre os participantes, conferindo aos indivíduos um leque de oportunidades para assumirem posições mais elevadas na estrutura social. Embora saibamos que o sucesso ou insucesso de um indivíduo se explica pela conjugação de uma série de fatores, a

verdade é que o desporto defende uma posição de partida no mesmo patamar para todos os atores sociais.

De facto, o campo desportivo é um espaço onde a mobilidade social ascendente – algo que as classes populares procuram – se apresenta como uma possibilidade. Desta forma, casos como o Cristiano Ronaldo, no futebol, e o Ricardinho, no futsal, são amplamente difundidos pelas classes mais desfavorecidas, tendo em conta a ambição e desejo dos indivíduos seguirem estes exemplos mediáticos. Assim, a tese de que os envolvimento desportivos traduzem a procura de mobilidade social ascendente, através do reconhecimento da sociedade ao *status* social e económico alcançado na hierarquia competitiva desportiva ganha força. (Marivoet, 1997: 104)

Em suma, abordámos ao longo deste capítulo uma série de questões relacionadas com o género e as identidades, dimensões-chave no que ao tema desta dissertação diz respeito e que se apresentaram como centrais na recolha de dados que fizemos através da realização de entrevistas. Constatámos, em primeiro lugar, que as sociedades ocidentais se caracterizam por relações sociais desigualitárias, marcadas por relações de dominação masculina. Dominação essa visível, desde logo, na esfera doméstica onde a grande maioria das tarefas da lide da casa ficam a cargo das mulheres; dominação no campo profissional onde as mulheres ganham menos do que os homens e acedem com menos frequência a funções de direção e a promoções - os empregos continuam sexados e as mulheres concentradas em atividades consideradas como femininas; e dominação política, onde a taxa de mulheres deputadas é muito baixa; etc. (Dubar, 2006: 64-65)

Em seguida, e olhando para o campo desportivo, verificámos que este reproduz as desigualdades e se apresenta como um espaço dominado pelos homens. Estes tendem a reproduzir a sua posição dominante, afastando as mulheres, sendo que elas próprias vão incorporando algum do estigma social presente nas sociedades que remete o desporto como um espaço adequado para os homens e não tanto para as mulheres. Esta é uma dimensão que procurámos explorar aquando da realização das entrevistas, onde tentámos perceber de que forma as atletas femininas sentem e experienciam a discriminação, os preconceitos e os estereótipos de que são alvo.

Posteriormente, ao atendermos às práticas desportivas, concluímos que o desporto parece ser uma prática mais presente e com maior importância na vida masculina, sendo isso visível nos maiores índices que os homens apresentam de participação desportiva.

Simultaneamente, o desporto parece ser vivido com maior intensidade e interesse pelos homens e exemplo disso são os elevados graus de afinidade clubista. Desta forma, o desporto parece conceber-se como um universo simbólico de produção e reprodução da cultura masculina, enaltecendo o exercício e testemunho das proezas físicas como símbolos de virilidade.

Relativamente às identidades, percebemos que estas surgem num contexto social que assume um peso significativo na sua construção e comunicação. As instituições e os grupos sociais influenciam as construções identitárias através de pressões socialmente exercidas. Os indivíduos tendem a incorporar os papéis socialmente expectáveis fruto da posição ocupada na estrutura social, dos grupos a que pertencem e da família de que são originários e adotam os comportamentos esperados pela sociedade e entendidos como aceitáveis para cada agente social. A comunicação da identidade acontece através de um conjunto de formas de sentir, pensar e agir que são fortemente influenciadas pelo *habitus* do indivíduo, sendo esse resultado de um conjunto de socializações, da pertença a determinados grupos e da incorporação das suas normas e valores.

Por último, destacámos o campo desportivo enquanto forma de distinção, onde as classes dominantes tentam a todo o custo demarcar-se das práticas das restantes classes sociais. Para isso, escolhem desportos ou modalidades desportivas de difícil acesso a agentes sociais desprovidos de igual capital económico, cultural e social. Assim sendo, distanciam-se de modalidades massificadas – caso do futebol e futsal - e praticam desportos de elite – caso do golfe. Por seu turno, as classes populares, numa situação desfavorável, perspetivam, não raras vezes, o campo desportivo como um espaço onde podem tentar resistir às dinâmicas de dominação existentes e, para isso, revestem o desporto como um espaço onde depositam um conjunto de desejos e ambições. Este apresenta-se, então, como um campo que possibilita aos indivíduos ocuparem posições mais elevadas na estrutura social.

II – Estrutura Metodológica da Investigação

1) Objeto de estudo

O objeto de estudo do presente exercício centra-se na análise do futsal enquanto agente de construção identitária e enquanto espaço de dominação masculina, onde as desigualdades de género se reproduzem. Para além disso, destacamos igualmente o futsal enquanto agente de socialização e inclusão social. Este objeto de estudo parece-nos relevante do ponto de vista sociológico, uma vez que, como vimos, o desporto assume uma importância crescente nas sociedades modernas e daí a importância do seu estudo. Para além disso, consideramos que a Sociologia do Desporto é um campo pouco explorado e um espaço de enormes possibilidades de investigação.

Para irmos ao encontro do objeto de estudo, foram entrevistados oito atletas de futsal portugueses – 4 homens e 4 mulheres. Neste leque de jogadores, tentámos abranger indivíduos com percursos distintos no futsal, nomeadamente atletas que já experienciaram a profissionalização na modalidade e atletas que têm apenas experiência amadora. O nosso objetivo passou por entrevistar atletas que nos garantissem diversidade nos dados recolhidos, tendo em conta a experiência na modalidade, mas igualmente percursos de vida diferenciados. Neste sentido, procurámos, por exemplo, entrevistar atletas que já tivessem a experiência de conjugar trabalho e futsal.

Relativamente aos atletas masculinos entrevistados, o foco passou por entrevistar jogadores que disputam atualmente a I e II Divisão Nacional de Futsal. Já as atletas femininas são todas elas jogadoras que competem na I Divisão Nacional de Futsal.

2) Questões de partida e objetivos

Tendo em conta aquilo que abordámos nos dois primeiros capítulos desta dissertação, procurámos estabelecer questões de partida que satisfizessem os propósitos desta pesquisa. Assim, as questões de partida que guiaram esta investigação foram as seguintes: “De que forma o futsal pode ser perspetivado enquanto agente de construção identitária do indivíduo?” e “Em que medida o futsal reproduz, atenua ou acentua as desigualdades de género existentes na sociedade?”

Relativamente aos objetivos desta investigação, estes procuraram ir ao encontro dos conteúdos que foram sendo apresentados até ao momento. Neste sentido, os nossos objetivos de investigação são os seguintes:

- Perceber de que forma é que os indivíduos encaram o futsal;
- Conhecer quais os impactos do futsal noutras dimensões da vida do indivíduo;
- Perceber de que forma o futsal se apresenta como um espaço importante para a construção identitária do indivíduo;
- Perceber se o futsal se assume enquanto espaço de dominação masculina;
- Perceber como são encaradas as desigualdades de género no futsal português;
- Perceber de que forma as atletas experienciam fenómenos de discriminação, preconceitos e estereótipos presentes no futsal.

Desta forma, a informação recolhida nas entrevistas permitiu-nos confirmar e/ou refutar as questões de partida e dar resposta aos objetivos da investigação.

3) Escolhas metodológicas para recolha e tratamento de informação

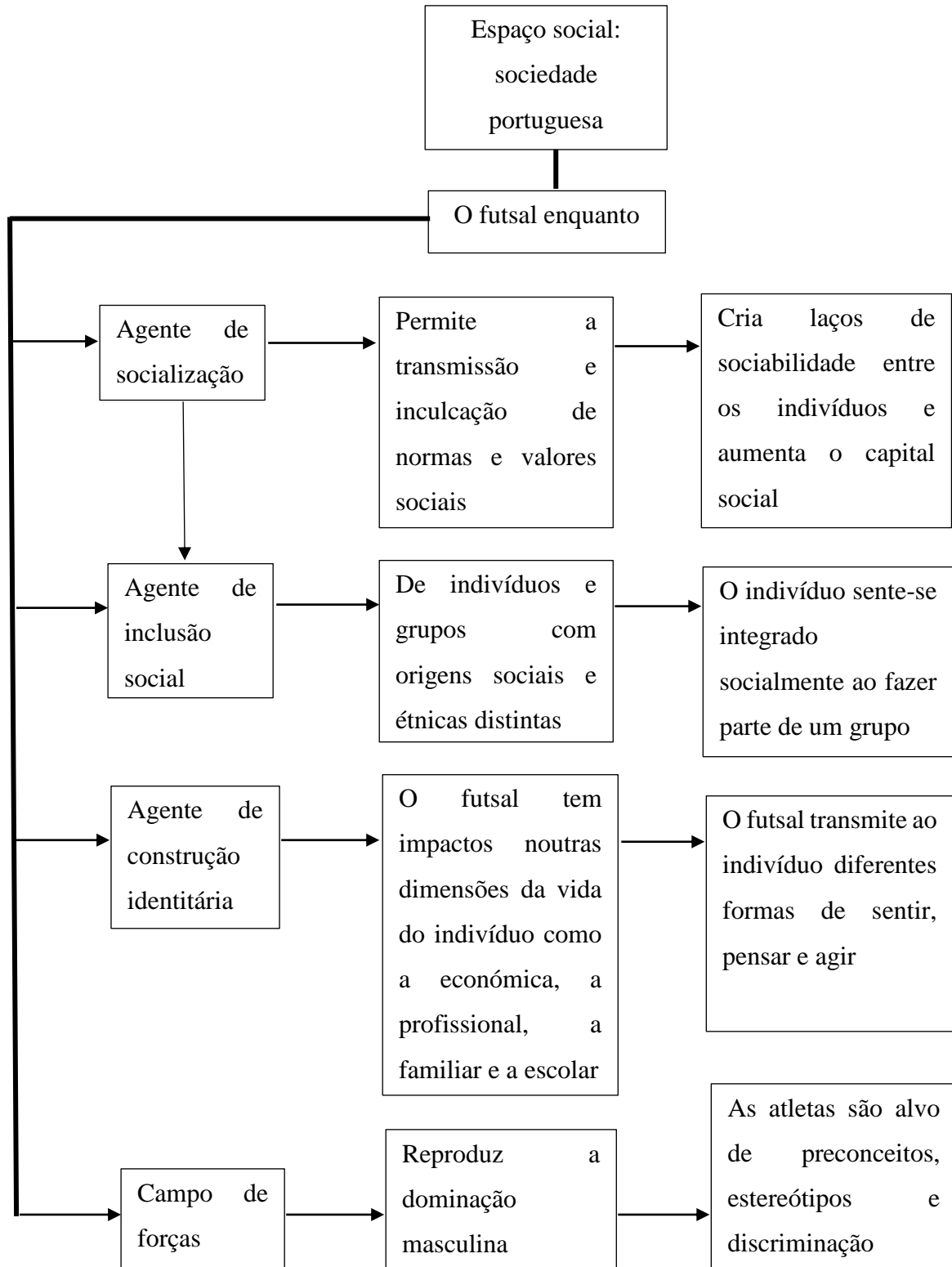
Para a realização deste trabalho foram tomadas algumas opções metodológicas. Pretendeu-se que os métodos e técnicas utilizadas fossem os mais apropriados para o estudo empírico realizado, sendo que os mesmos traduziram a forma como se procurou estudar o tema em questão.

No que respeita ao Modelo de Análise da nossa investigação, este partiu de um nível macro – a sociedade portuguesa – e visou entender o futsal enquanto agente de socialização, enquanto agente de inclusão social, enquanto agente de construção identitária e enquanto campo de forças - aspetos que foram sendo desenvolvidos nos primeiros capítulos deste trabalho.

Assim, ao perspetivarmos o futsal enquanto agente de socialização procurámos destacar que este permite a transmissão e inculcação de normas e valores sociais. No que diz respeito ao futsal enquanto agente de inclusão social, destacámos a sua capacidade de incluir indivíduos e grupos com origens sociais e étnicas distintas. No que respeita ao futsal enquanto agente de construção identitária destacam-se os impactos que o futsal tem nas restantes dimensões de vida dos indivíduos e o facto de as formas de sentir, pensar e agir dos atletas serem influenciadas pelos clubes. Por último, no que concerne ao futsal enquanto campo de forças realçámos a dominação masculina existente neste campo.

Vejamos de seguida o Modelo de Análise no qual se apresentam as várias dimensões, variáveis e indicadores que guiaram a nossa investigação.

Figura 1 – Modelo de Análise



3.1) Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação

O presente exercício assumiu um carácter eminentemente qualitativo, uma vez que consideramos ser o que mais se ajustava à investigação realizada. Neste sentido, a técnica escolhida para a recolha de informação foi a entrevista, tendo como objetivo traçarmos *retratos sociológicos* dos entrevistados. O tipo de entrevista que utilizámos foi a entrevista biográfica de cariz semidiretivo e a entrevista enquanto técnica tem um conjunto de especificidades que consideramos serem as mais ajustadas para esta pesquisa, dado que ela permite fazer um estudo intensivo sobre um problema específico, sendo possível ficar a conhecer os pontos de vista presentes, os sistemas de relações, o sentido que os atores dão às suas práticas e a acontecimentos, a sistemas de valores e a quadros de referência. Para além disso, o nível de profundidade da informação recolhida é elevado, algo essencial para traçarmos os tais *retratos sociológicos*. A entrevista tem ainda a particularidade de ser uma técnica bastante flexível onde há possibilidade, no decorrer da sua aplicação, de alterar, corrigir ou acrescentar perguntas mediante o que nos vai sendo transmitido pelo entrevistado, isto tendo por base uma gestão mais livre do guião da entrevista. O facto de permitir estudar uma realidade em profundidade faz com que a entrevista seja uma técnica aplicada a um conjunto reduzido de indivíduos – 8 no nosso caso – sendo possível ficar a conhecer, através da totalidade e da coerência das suas respostas, diversos aspetos das várias dimensões da vida dos atletas. Pelas suas características, a entrevista confere liberdade aos entrevistados para se exprimirem e darem a conhecer os mais variados aspetos das suas vidas, produzindo um discurso baseado numa atitude reflexiva.

Ora, o objetivo passou então por traçar um conjunto de *retratos sociológicos* e, para isso, procurámos conhecer os atletas em profundidade através de entrevistas que explorassem as várias dimensões da vida individual – desportiva, familiar, cultural, social e económica. Como tal, e seguindo a linha de pensamento de Lahire (2013), teremos de entender o indivíduo como um corpo socializado e resultado de múltiplas influências sociais. Dessa forma, devemos procurar conhecer os vários papéis sociais que o indivíduo assume para ficarmos a conhecer as variações comportamentais decorrentes dos diferentes papéis assumidos.

Os *retratos sociológicos* surgem como um dispositivo metodológico proposto por Bernard Lahire, onde importa perceber como cada indivíduo se desdobra em

compromissos e metamorfoses múltiplas pelos diferentes domínios de ação. Para o autor, as disposições individuais têm na sua génese um processo de diferenciação mediante os processos de socialização que os indivíduos conheceram. O processo de socialização é, segundo Lahire, sempre plural, mais ou menos contraditório e acionado por múltiplos agentes, inclusive no próprio meio familiar, e faz-se sentir de um modo particular em cada indivíduo. (Lopes, 2014: 100) Assim, o *retrato sociológico* “consiste, antes de mais, numa entrevista biográfica de cariz semi-directivo. A sua grande especificidade reside no guião, onde se procura, como objectivo primordial, perceber a forma como as disposições individuais se formam e encarnam nos diferentes papéis sociais do actor, nos múltiplos “mundos da vida” (para utilizar uma expressão tão cara à fenomenologia) onde habita, no mosaico das situações e quadros de interacção em que se move e compreender, ainda, que dessa plural circulação resultam stocks disposicionais variados.” (Lopes, 2014: 101)

No momento da entrevista, para além da preocupação diacrónica associada ao percurso de vida, o entrevistado foi levado a pensar na sua trajetória de forma multifacetada, através dos vários agentes de socialização e domínios de existência - família, escola, trabalho, residência, redes de sociabilidade, etc. Desta forma, o ator expressará, em primeiro lugar, continuidades e ruturas, transferências e especificidades entre as diferentes esferas, informação que o investigador analisará, posteriormente, para estabelecer as condições de transporte ou fixação das disposições, bem como mecanismos contextuais de ativação e/ou inibição. (Lopes, 2014: 103) O entrevistado ao falar-nos da sua vida revela uma sucessão de contextos interativos e de personagens, onde as experiências relatadas não só afetam esses contextos, mas também transformam os próprios atores. (Bertaux, 1979, cit. por Lalanda, 1998: 875)

No decorrer da entrevista procurou-se igualmente despertar a reflexividade do ator, a partir de uma avaliação do seu próprio percurso. Ainda que se imponha alguma cautela na análise entre aquilo que são as práticas que os entrevistados declaram e as práticas efetivas dos mesmos, parece-nos evidente que os atores sociais reinterpretam ativa e criticamente as condições objetivas de existência e os constrangimentos que pesam sobre a ação e elaboram estratégias e projetos dentro de um campo de possibilidades. “Em suma, a situação de entrevista constitui-se, ela própria, num contexto de activação

de competências reflexivas, mormente quando o seu guião adopta a configuração de retrato sociológico.” (Lopes, 2014: 103)

O *retrato sociológico* apresenta-se assim como um dispositivo de articulação entre uma análise sociológica, interpretação em segundo grau, da pluralidade de disposições e de contextos (de práticas) e uma narrativa em voz própria - interpretações em primeiro grau. (Lopes, 2014: 104)

Vejamos agora quais as fases que devemos seguir para construirmos um *retrato sociológico*:

1. Formulação de um guião de entrevista semidiretiva de cariz biográfico, adequado aos objetivos da investigação e contendo, obrigatoriamente, questionamentos sobre o posicionamento do ator em várias esferas da vida, domínios de atividade, papéis sociais, contextos e quadros de interação;
2. Realização de duas a três sessões de entrevista, preferencialmente afastadas temporalmente umas das outras por um período de dias ou de uma semana, de modo a permitir ao entrevistador e ao entrevistado maior reflexividade;
3. Transcrever as entrevistas, seguindo as regras clássicas para o efeito;
4. Editar as entrevistas, transformando-as num discurso na primeira pessoa, fluido e corrente, como se de uma narrativa se tratasse, sem considerar silêncios, interjeições, etc., nem tão-pouco as questões e interferências do entrevistador;
5. O retrato constrói-se num vaivém entre recursos teóricos e material empírico. Este não é meramente descritivo, apresentando igualmente um pendor interpretativo, embora sem uma análise demasiadamente aprofundada;
6. Cada retrato deverá, na opinião dos autores António Firmino da Costa e João Teixeira Lopes, conter um título, onde se realce o fio condutor interpretativo do relato; um conjunto de parágrafos capaz de funcionar como resumo do percurso e, por fim, um corpo mais detalhado. Trata-se assim de três formas de leitura complementares da série de retratos - pelo título (ultra-rápida), pelo resumo (rápida) e pelo corpo principal (mais demorada). (Lopes, 2014: 107-108)

Em suma, o *retrato sociológico* pode ser considerado como um dispositivo técnico ao serviço de uma teoria da prática assente na génese plural e contextual das disposições. Mas, mais do que isso, trata-se, na verdade, de uma abordagem metodológica, que pode ser utilizada de forma experimental ou aplicada. (Lopes, 2014: 108) No fundo, como

vimos, os *retratos sociológicos* servem as pretensões de pesquisas que tenham como objetivos potenciar a reflexividade do ator e resgatar a pluralidade intrínseca das práticas a uma escala individual. Lahire vê o indivíduo como corpo socializado e socializador, refletindo no seu percurso o conjunto de forças socialmente exercidas e desenvolvendo modos de relação consigo próprio e com os contextos e situações onde se move. Essa forma de produção de si incorpora os mais pesados constrangimentos sociais, sendo que, ao mesmo tempo, há a capacidade do indivíduo garantir a sua singularidade. Esta perspectiva apresentada pelo autor, leva-o a defender uma escala de observação e um nível de análise mais micro e com maior enfoque nas práticas individuais. (Lopes, 2014: 109)

Bernard Lahire (2005) assume, assim, uma posição distante e, ao mesmo tempo, crítica em relação a pesquisas macrosociológicas que se baseiam excessivamente em generalizações e abstrações relativas aos indivíduos que integram os grandes coletivos investigados. O contributo do autor leva-nos para o tratamento da individualidade de forma rigorosamente sociológica. A ideia de disposição expressa essas considerações, a partir do momento em que o autor estabelece uma relação entre o macro e o micro e entre o social e o individual. Neste sentido, os *retratos sociológicos* aparecem enquanto instrumentos ideais para reconhecer e analisar as disposições dos indivíduos. Para Lahire, “o que salta aos olhos é a configuração relativamente heterogénea que cada património individual de disposições constitui” (2004: 323).

Depois da apresentação das características e especificidades técnicas e metodológicas dos *retratos sociológicos*, sobram ainda alguns aspetos que devem ser levados em conta pelo investigador que realiza entrevistas onde os entrevistados narram uma série de acontecimentos da sua vida. Assim, durante a realização das entrevistas, não devemos descurar que o entrevistado ao narrar as suas experiências, está a dar-nos conta de uma história que é sempre única e pessoal, uma história de um indivíduo particular que é narrada a partir do seu ponto de vista e à luz da sua experiência. A mesma está, portanto, carregada de subjetividade própria do narrador. Uma história de vida pode ser definida como a história que alguém decidiu contar relativamente à vida que viveu, aquilo que esse alguém se lembra e aquilo que quer que os outros conheçam acerca dela. É, em última instância, uma essência narrativa daquilo que lhe aconteceu (Atkinson, 2002, cit. por Brandão, 2007). Ou seja, o indivíduo ao narrar a sua história irá sempre omitir, de forma voluntária ou involuntária, dimensões que poderiam ser significativas do ponto de

vista sociológico (Brandão, 2007). Bourdieu (2006) designa este fenómeno de *ilusão biográfica*.

Assim sendo, a função do investigador passa por estabelecer ligações e lógicas que o próprio ator não vê, a partir da informação que este lhe passa durante o seu discurso. Mas este processo implica igualmente considerar a trajetória e a história de vida particular de cada ator, dado que é à luz destas que é possível dar conta das suas condutas e das suas representações do mundo. (Brandão, 2007: p.9)

Ora, a história de vida transpõe a verdade subjetiva daquele que a narra e a forma como essa verdade é concebida em momentos e contextos sociohistóricos peculiares. É através dela que o ator se organiza e atribui sentido à sua experiência e existência, patenteando a sua pertença a uma determinada comunidade, a uma cultura, a grupos e/ou a classes próprias (Atkinson, 2002; Bertaux, 1996; DeGaulejac, 1995, cit. por Brandão, 2007). Podemos então afirmar que é através do ato de narrar as suas experiências que “*o indivíduo se assume enquanto sujeito da sua própria ação e vai readquirindo, de forma permanente, um sentimento de unidade, continuidade e singularidade.*” (Claro, 2016: 46)

Digneffe e Beckers (1997) advogam que a história de vida possibilita alcançar aquilo que não é conseguido pelas estatísticas, pelas regularidades objetivas principais e pelos determinismos macrosociológicos, uma vez que torna alcançável aquilo que é particular, o marginal, as ruturas, componentes elementares da realidade social que mostram as razões de não existir apenas reprodução, identificando, simultaneamente, o valor sociológico no saber individual. (Cit. por Brandão, 2007) Durante a entrevista, o entrevistador deve tentar colocar questões que o entrevistado não colocaria a si próprio, perguntas para as quais não tem respostas imediatas. São estas mesmas perguntas que poderão fornecer material para saltar, na análise de uma mera reprodução do autorretrato que o entrevistado entrega, para um retrato mais genuinamente sociológico que incorpora em si o que poderíamos chamar de princípio da não-consciência. Isto é, os atores sociais nem sempre têm consciência completa das razões que condicionam as suas práticas (Junior e Massi, 2015: 565-566). Para além disso, no momento de análise, o investigador não deve desconsiderar os traços disposicionais que podem ser retirados de partes essenciais da entrevista que os próprios entrevistados desprezam. O sociólogo, por não poder antever que o entrevistado está todo o tempo consciente das razões por detrás das suas ações, deve investir forças em conseguir algum excesso de visão que lhe possibilite

a realização de uma análise para além daquilo que o entrevistado sabe de si mesmo. (Junior e Massi, 2015)

No que concerne à recolha de dados propriamente dita, esta consistiu na aplicação de entrevistas em dois momentos distintos, de forma a permitir a desejada reflexividade ao ator social. Os testemunhos dos oito entrevistados ficaram registados através da utilização de um gravador, sendo que este se revelou extremamente importante ao permitir guardar todos os detalhes narrados pelos intervenientes. A partir da gravação tivemos acesso a todo o discurso, assim como aos tons utilizados e às pausas efetuadas, o que nos permitiu uma melhor interpretação do discurso apresentado pelos entrevistados. A gravação da entrevista foi autorizada pelos intervenientes, sendo que garantimos aos mesmos o anonimato e que a utilização dos dados recolhidos seria unicamente para fins académicos.

A transcrição das entrevistas assumiu-se como um momento de trabalho árduo, uma vez que a informação recolhida foi extensa. Como tal, depois de várias leituras da transcrição das entrevistas, procedeu-se a uma análise que tinha como objetivo esclarecer informações e interpretações que se apresentaram como pertinentes para a investigação. Nesta transcrição pretendeu-se identificar os pontos-chave mais relevantes e isso foi conseguido através de uma análise vertical. Através desta apresentamos diversos aspetos da vida dos indivíduos, tendo em conta as diferentes fases de vida – infância, adolescência e idade adulta – e as dimensões exploradas – familiar, cultural, desportiva, entre outras.

3.2) Recolha dos dados e principais constrangimentos

A presente investigação iniciou-se em Setembro de 2016 e concluiu-se em Junho de 2017. Na escolha dos oito entrevistados tivemos a preocupação de escolher atletas com percursos desportivos distintos, tendo por objetivo estabelecer proximidades e diferenças entre eles. Inicialmente, ao contactarmos com os jogadores demos-lhes a conhecer o tema da investigação e a sua pertinência, assim como os seus objetivos. Neste primeiro contacto tentámos igualmente perceber se havia interesse e disponibilidade da parte dos entrevistados em participar na pesquisa. Nesta fase, foram ainda dadas a conhecer as dimensões de análise que seriam abordadas e a forma como seria registada a informação. A partir daqui, e assegurada a participação na investigação, fomos estabelecendo contacto com os entrevistados de forma a agendar as entrevistas num local e horário conveniente

para os mesmos. De referir que foram elaborados três guiões de entrevista¹ – um para os atletas profissionais masculinos, um para os atletas amadores masculinos e um para as atletas amadoras femininas. A elaboração dos diferentes guiões prendeu-se com o facto de haver pequenas diferenças nas perguntas feitas aos diferentes atletas. No caso dos atletas profissionais, por exemplo, não foram colocadas questões relativas à conciliação do trabalho com o futsal, dado que estes indivíduos nunca exerceram nenhuma profissão além da de atleta profissional. Já às atletas femininas foram colocadas questões que se prendiam com a forma como experienciaram fenómenos de discriminação, preconceitos ou estereótipos associados à prática da modalidade - questões que não fariam sentido colocar aos atletas masculinos.

Posteriormente - e após a realização do primeiro momento das entrevistas – analisámos as informações recolhidas e agendámos uma segunda sessão com os entrevistados. Nesse momento, procurámos essencialmente desenvolver ou esclarecer pontos que ficaram menos explícitos na primeira sessão. Para além disso, aproveitámos pistas que surgiram do discurso dos entrevistados e procurámos aprofundar algumas questões que entretanto surgiram após a análise do primeiro momento das entrevistas.

No que respeita ao momento da recolha de dados, o saldo foi amplamente positivo. Desde logo pelo facto de terem sido contactados 11 atletas e apenas três não mostrarem interesse em participar na investigação. Os restantes oito jogadores são os que compõe o nosso leque de entrevistados. Estes permitiram que a pesquisa se desenrolasse e não houve qualquer contratempo de maior a assinalar. As sessões das entrevistas decorreram da melhor forma e todos os intervenientes corresponderam ao combinado entre as partes envolvidas. De salientar que, apesar de haver três atletas que não jogam no distrito do Porto, todas as entrevistas se realizaram neste mesmo distrito – quatro delas no concelho do Porto, três no concelho de Matosinhos e uma no concelho de Gondomar - o que facilitou a realização das mesmas e economizou o tempo despendido.

No entanto, nem tudo foi positivo, dado que houve um atleta que aceitou participar na pesquisa, mas que falhou nesse compromisso. Esse atleta mostrou-se disponível no primeiro momento, mas após ter sido contactado - ao longo de cerca de dois meses - de modo a agendar a entrevista, concluímos que o melhor seria procurar outro entrevistado, caso contrário a investigação não prosseguiria. Assim o fizemos e depois de um período

¹ Ver em anexos

que nos custou tempo precioso e que atrasou os nossos objetivos, a pesquisa voltou ao rumo que pretendíamos.

No próprio momento da recolha de dados também ocorreram alguns constrangimentos que nós consideramos normais, uma vez que, por se tratar de uma entrevista que obriga à reflexividade por parte do entrevistado, verificámos diferenças no discurso e no à-vontade dos intervenientes. Alguns entrevistados revelaram grande capacidade reflexiva e produziram um discurso articulado e de elevado grau de profundidade, enquanto outros tiveram um discurso mais curto e menos rico em detalhes. Estas diferenças podem resultar de uma série de fatores, como por exemplo características ou especificidades individuais como um código linguístico mais ou menos elaborado, maior ou menor capacidade discursiva e reflexiva ou a própria história de vida e o tema abordado que pode permitir ao entrevistado sentir-se mais confortável a refletir e a falar sobre isso ou pode acontecer exatamente o contrário e funcionar como bloqueio ou inibição.

Ainda assim, e apesar de as mulheres terem tido discursos mais longos e detalhados, não encontramos diferenças significativas entre os entrevistados que mereçam ser destacadas. Todas as entrevistas ocorreram num ambiente agradável, onde se abordaram temas que os entrevistados consideraram extremamente interessantes e não houve constrangimentos visíveis que impedissem ou dificultassem a recolha dos dados. Para esta proximidade existir, parece-nos crucial o facto de o entrevistador e os entrevistados terem idades próximas entre si, o que permitiu sessões de entrevistas muito confortáveis para todos os envolvidos. Para além disso, o facto de o entrevistador estar inserido no meio, dado que pratica a modalidade a nível federado há 15 anos, possibilitou que essa proximidade fosse ainda mais visível, uma vez que partilha com os entrevistados os códigos linguísticos característicos desse campo e partilha igualmente experiências e vivências que resultam da prática da modalidade.

III - Apresentação e análise dos dados

1) Caracterização da amostra

Neste ponto faremos uma breve caracterização dos atletas entrevistados, tendo em conta alguma informação pessoal, escolar, familiar e desportiva. Ora, nesta investigação foram entrevistados oito atletas portugueses de futsal, sendo que quatro deles são masculinos e quatro são femininos. No que respeita às idades estas estão compreendidas entre os 21 e os 36 anos. Em relação à escolaridade, há um atleta com o ensino básico, três com o ensino secundário, três com a Licenciatura e um com o Mestrado. No que concerne ao estado civil todos os entrevistados são solteiros, sendo que dois deles vivem em união de facto. Relativamente ao percurso desportivo dos atletas, dois deles já tiveram experiências enquanto profissionais da modalidade e os restantes seis entrevistados tiveram apenas experiência no futsal enquanto jogadores amadores.

2) Apresentação e análise dos resultados

De seguida iremos apresentar os dados recolhidos, tendo por base diversos aspetos da vida dos atletas. Tratando-se de *retratos sociológicos* tentaremos analisar os pontos-chave das diferentes dimensões abordadas durante a realização das entrevistas. A análise terá em linha de conta o percurso de vida dos entrevistados desde a sua infância até aos dias de hoje e serão consideradas as dimensões familiar, cultural, social, académica, profissional e desportiva. Para facilitar a leitura, os testemunhos dos atletas masculinos serão apresentados do entrevistado A-D, enquanto os atletas femininos serão apresentados de E-H. De referir ainda que os entrevistados A e B são os atletas que já passaram por experiências profissionais na modalidade, sendo que os restantes têm um percurso de amadorismo no futsal.

2.1) Estrutura familiar

A família é uma das instituições que assume maior importância na construção identitária dos indivíduos e no seu processo de socialização. Quando nascemos estabelecemos o primeiro contacto com os nossos pais e a partir daí construímos as primeiras relações sociais. Assim, a família apresenta-se como um veículo de modelos sociais que encaminha o indivíduo à comunidade. Como advoga Maria de Lourdes Lima

dos Santos, a família é um instrumento de socialização que permite aos indivíduos inserirem-se no meio que os rodeia. (1969: 67-68)

A família transmite um conjunto de valores e normas sociais aos indivíduos que têm um peso significativo nos comportamentos e atitudes que os mesmos assumem. Esta inculca formas de sentir, pensar e agir nos indivíduos que repercutir-se-ão nas identidades individuais. A este respeito convém lembrar que a família assume um papel-chave no que respeita à transmissão dos papéis sociais associados à masculinidade e feminilidade. A família passará, desde muito cedo, à criança os modelos culturais dominantes de masculinidade e feminilidade e aquilo que se espera de cada um deles. Logo nos primeiros anos de vida, os indivíduos são tratados de forma diferenciada tendo em conta o seu sexo e vão sendo moldados os comportamentos que se têm como adequados pela sociedade. (Santos, 1969: 78)

O **Entrevistado A** tem 25 anos, é solteiro e revela ter uma estrutura familiar sólida, sendo que isso o ajudou a tomar boas decisões ao longo da sua vida. Para ele, a presença dos pais foi muito importante e a sua influência no seu percurso foi muito positiva. Para além disso, assume que os valores que estes lhe transmitiram ajudaram a moldar a sua identidade. Segundo o entrevistado:

“Acho que a relação que tenho com os meus pais sempre foi fantástica. A estrutura familiar é extremamente importante através dos valores que nos passa e foram extremamente importantes ao longo do meu percurso. A influência deles é sem dúvida grande, porque conseguiram que eu tomasse boas decisões, mediante as experiências e as vivências que eles foram tendo ao longo das suas vidas.”

Já o **Entrevistado B** tem 27 anos, vive em união de facto e refere que os pais se esforçaram para lhe dar a melhor educação possível, transmitindo-lhe um conjunto de valores. Assume ainda que a sua família foi muito importante na construção da sua identidade, uma vez que, na sua opinião, a educação que os pais dão serve de base para aquilo que os filhos se irão tornar enquanto seres humanos. Diz-nos que:

“Eu sempre vivi com os meus pais e o meu irmão e a pessoa que sou hoje, em grande parte deve-se a eles. Sempre tentaram dar-me o melhor que podiam e eu acho que acatei bem esses princípios e a educação que eles me deram. A influência da minha família na que sou hoje sente-se essencialmente no modo como encaro a vida, nos valores que me

foram passados como a educação e os comportamentos e atitudes que eu tinha de ter. Considero-me uma boa pessoa e estou grato aos meus pais por isso.”

O **Entrevistado C** tem 22 anos, é solteiro e viveu sempre com os pais, um primo e um irmão mais velho. Segundo ele, a sua família transmitiu-lhe valores, ensinou-lhe a ter normas e isso foi muito importante na sua vida, contribuindo significativamente para a pessoa em que se tornou. Os seus pais transmitiram-lhe princípios e valores, dos quais se destaca o respeito pelos outros. Segundo ele:

“A família funcionou sempre como uma base de apoio, de suporte que me ajudou a sustentar algumas decisões e escolhas que tive de tomar ao longo do meu percurso. Em alguns casos foram os meus pais, noutras o meu irmão. Portanto, sem dúvida que eles foram muito importantes para a pessoa em que eu me tornei.”

No que respeita ao **Entrevistado D**, este tem 21 anos, é solteiro e vive com os pais, o irmão e a irmã. Para ele o apoio da família é realmente muito importante e quando tem algum problema é normalmente na família que procura soluções. Afirma que a família sempre o apoiou e que apenas lhe indicava o que considerava ser o melhor caminho a seguir, sendo que teve sempre liberdade para tomar as decisões que bem entendesse. Na sua opinião:

“Os meus pais deram-me a liberdade de escolher o que eu achava ser o melhor para mim. Eles e os meus irmãos são pessoas importantes na minha vida, desde logo por serem aqueles que mais convivem comigo. O meu pai e a minha mãe são pessoas que eu vejo como exemplos a seguir. Aquilo que eles me transmitiram foi muito importante para a pessoa que eu sou hoje e para as escolhas que fiz até ao momento, sempre foram uma base de apoio e suporte para a minha tomada de decisão.”

A **Entrevistada E** tem 36 anos, vive em união de facto e passou por um momento difícil a nível familiar, dado que os seus pais se separaram quando tinha 8 anos. Três anos após a separação, a sua mãe juntou-se com outra pessoa. Na sua opinião este acontecimento teve muita influência na construção da sua identidade, uma vez que:

“Tive vários contextos de aprendizagem tanto da parte do meu pai como da parte da minha mãe. A família do meu padrasto foi espetacular, acolheu-me e deu-me outro tipo de valores que eu acho muito importantes como a aceitação - apesar de eu não ser da família sempre me consideraram como alguém da família. Portanto, acho que em termos de valores, o percurso familiar foi bastante importante.”

Já a **Entrevistada F** tem 24 anos, é solteira e vive neste momento apenas com os pais. Tem uma irmã mais velha e esta assumiu uma grande importância numa fase inicial da sua vida, tendo sido um grande apoio e um exemplo enquanto mulher. A relação com os pais nem sempre foi a melhor, mas, ainda assim, considera que estes contribuíram para a construção da sua identidade. Na sua opinião, estes sempre foram muito rígidos e exigentes consigo, mas foi isso que a fez lutar e lhe permitiu chegar onde está hoje. Para a entrevistada:

“A minha família sempre me cortou um pouco as “asas”, nunca me abriu muito o leque de oportunidades para eu fazer aquilo que gosto ou até mesmo para me descobrir como um ser individual. O meu pai é um pai ausente e pouca influência teve e tem na minha vida. A minha mãe tem uma mente à antiga e vive muito para as aparências e tudo aquilo que eu fazia e era, tinha de ser como ela queria. É uma pessoa nervosa e dramática, o que me influencia por vezes de forma negativa. Ainda que não tenha tido a estrutura familiar que desejava, nem o apoio e o suporte que precisava, a verdade é que os meus pais me deram as bases para eu crescer.”

A **Entrevistada G** tem 27 anos é solteira e vive com os pais, com a irmã mais nova e com o avô. Assume que a sua estrutura familiar é muito boa, forte e que sempre a apoiou em tudo. A família transmitiu-lhe uma série de valores, o que fez com que a entrevistada lutasse sempre para conseguir chegar onde queria. Considera ainda que a família é a base da construção da sua identidade. Segundo ela:

“Nunca tive uma família instável ou que me causasse qualquer tipo de problemas a nível profissional, familiar ou desportivo. A família é a base da minha educação e também da formação da minha personalidade. Posso dizer que sempre tive o apoio deles para a prática da modalidade e isso também foi muito importante para o meu sucesso.”

A **Entrevistada H**, por seu turno, tem 26 anos, é solteira, vive com os pais e considera a sua estrutura familiar sólida e com uma estrutura rígida. Destaca os pais enquanto as pessoas mais próximas de si e afirma que foi sempre acompanhada ao longo do seu percurso, realçando que a estrutura familiar foi preponderante na construção da sua identidade. Na sua opinião:

“Eu tenho uma estrutura familiar sólida, é uma família grande, unida e que obviamente é preponderante na construção da minha identidade. Foram-me incutidos valores e ideias, foi-me sendo criado uma idealização do que é certo e do que é errado.

Por isso, grande parte do que sou hoje, da forma como penso e da forma como estou comigo e com a sociedade foi construída por essa estrutura. Uma estrutura forte, aliada e que sempre me acompanhou em todos os momentos.”

2.2) Educação e condições de vida na infância e na juventude

Para o **Entrevistado A**, as condições que teve nestas duas fases de vida foram muito importantes para o seu futuro. Os seus pais permitiram-lhe ter uma formação escolar bastante exigente, o que fez com que este tivesse uma panóplia de opções ao ingressar no ensino superior. Segundo ele:

“Foi muito importante. Eu estudei do 5º ao 12º ano no Colégio do Rosário e agradeço imenso aos meus pais, porque foi uma escola que me pôde dar uma formação fantástica. O ensino é do melhor que há a nível nacional e aumentou, com certeza, o meu leque de escolhas quando decidi entrar para a faculdade.”

Já o **Entrevistado B** considera que as condições de vida que teve durante a infância e a juventude foram extremamente importantes para a sua identidade. Por essa razão, agradece aos pais a educação que teve e tudo o que estes lhe deram. Na opinião do entrevistado:

“Acho que é bastante importante as condições de vida que tivemos durante esse período, porque é isso que nos dá as bases, é isso que nos vai dizer o que à partida seremos no futuro. Acho que as condições de vida que eu tive durante a infância e juventude foram as melhores, os meus pais deram-me tudo o que podiam e conseguiam. E por isso, acho que tive uma boa infância e uma boa educação. Não tive tudo do bom e do melhor, como é óbvio, mas tive sempre aquilo que os meus pais me puderam dar e que eu atualmente considero ter sido positivo.”

O **Entrevistado C** considera que teve as melhores condições de vida durante as fases da infância e da juventude e que, por isso, estes foram períodos felizes da sua vida. Afirma que:

“Sempre tive tudo, nunca me faltou nada. Nunca tive dificuldades, sempre tive tudo o que quis. Posso dizer que fui feliz nesses períodos da minha vida.”

O **Entrevistado D**, por seu turno, considera-se um privilegiado pelas condições de vida que teve nestas fases da sua vida. Assume ter tido melhores condições do que a grande maioria das pessoas e, por essa razão, agradece aos pais por tudo o que lhe deram. No seu entender:

“Penso que sou um privilegiado. Nunca me faltou nada, os meus pais sempre fizeram tudo para eu ter tudo o que eu precisasse e tudo o que eu queria. E tenho noção que em relação a outras pessoas estou favorecido e agradeço aos meus pais por isso.”

Já a **Entrevistada E** assume que em termos financeiros nunca passou dificuldades, ainda que não tenha tido abundância. No que respeita à educação que recebeu considera que esta foi bastante rígida por residir num bairro social. Ainda que nessa fase não tenha considerado ter sido a melhor educação, afirma atualmente que o facto de ter tido regras foi extremamente importante. Para a entrevistada:

“Em termos financeiros nunca tive falta de nada, mas também nunca tive abundância. Em termos de educação, foi bastante rígida até porque morava num bairro. Eu considerava que era muito má na altura, mas vendo agora, acho que foi a ideal porque tive regras – apesar de não gostar - e acho que isso foi importante.”

A **Entrevistada F** no que diz respeito à educação, atribui maior importância aos professores que teve durante estas fases da sua vida. De qualquer das formas, considera que a educação que se recebe em casa é crucial para as relações sociais que se estabelecem fora de casa. Relativamente às condições de vida, acredita que estas nem sempre influenciam a vida das pessoas. Na sua opinião:

“Acho que muitas das vezes os pais não dão o apoio necessário às crianças e os nossos principais educadores são as pessoas que apanhamos na escola. Em termos de marcação individual, tive mais professores a marcarem-me positivamente do que propriamente os meus pais. Ainda assim, considero que é importante teres uma educação em casa para que consigas ter um maior relacionamento social fora de casa. A nível de condições de vida não tenho propriamente nada a apontar, porque acho que nem sempre influenciam a vida de um indivíduo.”

A **Entrevistada G** afirma ter tido uma infância feliz, onde teve acesso a todas as condições básicas. Ainda que não tenha tido acesso a tudo o que gostaria, considera que nunca passou por dificuldades. Para além disso, atribui grande importância aos seus pais, uma vez que estes lhe deram todas as condições necessárias e que lhe permitiram chegar ao patamar que hoje se encontra a nível escolar e desportivo. Descreve a sua situação desta forma:

“Posso dizer que tive as condições básicas e normais que uma criança tem para ser formada de forma saudável, para ter educação, para seguir determinadas regras da

sociedade. Não tive acesso a tudo, mas tive acesso ao essencial e ao básico, à educação, à escola, à alimentação, nunca passei fome, nunca passei grandes dificuldades e posso dizer que tive uma infância feliz em todos os sentidos. Para poder depois ter atingido, quer a nível escolar quer a nível desportivo, o patamar que tenho hoje, os meus pais e a minha família foram muito importantes porque me deram tudo aquilo que eu necessitei, todas as ferramentas necessárias para poder chegar longe.”

Por último, a **Entrevistada H** considera ter tido sempre boas condições de vida durante a sua infância e juventude. Assume igualmente que foi muito importante ter tido acesso a várias experiências, ainda que nem todas tenham sido desejadas por si. Segundo ela:

“Eu sempre tive, na minha opinião, boas condições. Sempre me foi dado tudo, nunca tive dificuldade nenhuma. Sempre tive acesso àquilo que quis e ao que não quis também, na altura não achava bom para mim, mas agora reconheço que foram experiências positivas. Portanto, acho que foi mesmo muito importante.”

2.3) Apoio dos familiares na prática da modalidade

O **Entrevistado A** vem de uma família com grande tradição na modalidade e, por isso, considera que sempre teve o apoio dos seus familiares para a prática da modalidade, referindo que:

“Sem dúvida. Acho que nunca houve uma fase em que isso estivesse em causa.”

A situação do **Entrevistado B** aponta no mesmo sentido, uma vez que o gosto pela modalidade foi-lhe transmitido pelo pai que é treinador de futsal. Segundo ele:

“Sim, sem dúvida.”

Já o **Entrevistado C** herdou o gosto pela modalidade do irmão e do primo e acredita ter tido sempre o apoio de todos os familiares, afirmando que:

“Sim, de todos. Desde pais a padrinhos e tios, todos me apoiaram.”

O **Entrevistado D** também revelou ter tido o apoio para a prática da modalidade. Ao admitir perentoriamente que:

“Sim.”

No que respeita à **Entrevistada E**, a situação foi diferente. A sua mãe nunca foi a favor da sua prática do futsal, o que gerou alguns conflitos. Descreve a situação da seguinte forma:

“A minha mãe nunca gostou, quando eu me afirmei e disse que queria mesmo, ela aceitou. Raramente vê jogos meus e sempre foi contra eu jogar, mas a partir de uma certa idade deixou de me proibir.”

A **Entrevistada F** assume igualmente que a sua família nunca a apoiou no seu percurso de atleta, revelando que:

“Em termos de percurso a nível de atleta se calhar não tive o apoio que devia da parte deles, porque sempre fui uma pessoa que quis seguir desporto, sempre fui uma pessoa que quis praticar várias modalidades e os meus pais sempre me deram para trás por causa de questões financeiras, por causa de deslocamentos e assim.”

Por sua vez, a **Entrevistada G** tem na sua família uma pessoa ligada ao futsal – o seu pai é treinador - e afirma que o apoio dos familiares para a prática da modalidade foi absoluto. Segundo ela:

“Sim, sim a 100%.”

Por fim, a **Entrevistada H** considera que não teve o apoio dos familiares essencialmente por praticar uma modalidade como o futsal. Diz-nos a entrevistada que:

“Não, no futsal não. Mas penso que é por ser futsal mesmo, se fosse outra coisa aceitariam melhor.”

Em suma, ao longo destes tópicos, que abordam várias questões associadas à família, verificámos que todos os entrevistados consideraram que esta instituição é fundamental na construção das identidades e na socialização dos indivíduos. Segundo eles, as relações familiares têm grande influência e impacto sobre o indivíduo enquanto criança, sendo que tudo isso repercutir-se-á numa fase adulta. A família assume um papel-chave no desenvolvimento emocional da criança e os primeiros anos de vida serão decisivos na forma como os indivíduos se constituem enquanto seres sociais. A relação que se estabelece com os pais e restantes familiares funciona como base e referência na vida da criança e do adolescente, sendo que as experiências vividas em família influenciam fortemente o processo de construção da sua identidade. Ou seja, como referem os entrevistados, as fases de vida da infância e da juventude apresentam-se como períodos cruciais, onde o indivíduo vai moldando a sua identidade.

Relativamente à influência dos familiares na escolha pelo futsal, são visíveis diferenças significativas em termos de género. Apesar de a grande maioria dos entrevistados - apenas com os entrevistados D e H isso não aconteceu - ter iniciado a

prática da modalidade por via da influência dos familiares, todos eles homens, que praticavam futebol ou futsal, concluímos que a aceitação por parte da família é diferente consoante se é homem ou mulher. De facto, todos os atletas masculinos revelaram que o apoio que recebem da família para a prática do futsal é absoluto, sendo que o mesmo não acontece nas atletas femininas, dado que apenas a entrevistada G assume ter apoio da família. Assim, percebemos que as barreiras criadas para a prática de futsal se iniciam na própria família, o que impede ou dificulta a entrada e permanência das atletas na modalidade. Na verdade, o preconceito parte, muitas das vezes, dos próprios familiares e as entrevistadas referem que os pais foram a favor de elas praticarem ballet ou ginástica – desportos considerados por eles tipicamente femininos –, mas totalmente contra a prática de modalidades como o futebol ou o futsal, uma vez que estas são, na sua opinião, modalidades masculinas.

2.4) Futsal enquanto tradição e herança cultural

Na opinião dos entrevistados, o futsal tem crescido exponencialmente nos últimos anos. Para esse crescimento muito tem contribuído a Federação Portuguesa de Futebol na promoção e divulgação da modalidade. Surgem agora mais apoios e a aposta nos escalões de formação é uma realidade. O futsal conhece atualmente um momento de expansão ao nível do número de praticantes e ganha cada vez maior visibilidade e reconhecimento social. Para que isto aconteça, convém destacar a importância da televisão, dado que esta passa semanalmente jogos de futsal em canal aberto.

Ainda assim, os indivíduos têm opiniões contraditórias no que concerne a ver o futsal enquanto tradição e herança cultural. Alguns deles acreditam que o futsal tem ganho essa dimensão, enquanto outros consideram que ainda estamos longe de ver isso acontecer.

O **Entrevistado A** afirma que é possível ver a questão de duas formas. Na sua opinião:

“Acho que tem dois pontos de vista. Pode ser visto como no meu próprio caso que é uma tradição e uma passagem de testemunho. E não pode, porque numa outra família se um pai é treinador e se tiver um filho que goste de basquetebol, esse filho irá praticar basquetebol e o testemunho não se irá passar.”

Já o **Entrevistado B** acredita que o gosto pelo futsal pode ser transmitido a nível familiar. Segundo ele:

“Sim, claro que sim. Quem tem muitas pessoas na família ligadas ao futsal, no momento em que uma pessoa pretende escolher alguma coisa para fazer seja um “hobby”

ou um desporto, é óbvio que tendo familiares ou mesmo amigos nessa área, vão-te dar essa indicação.”

O **Entrevistado C** não acredita que a herança do futsal seja algo linear, apesar de no seu caso ter havido uma continuidade da prática da modalidade a nível familiar. Para o entrevistado:

“Acho que não, se um dia tivesse um filho não o colocaria a jogar futsal. Mas no meu caso pessoal houve alguma tradição e herança a nível familiar, do meu irmão para o meu primo e do meu irmão e do meu primo para mim. Mas na minha família só somos os 3. Depois tenho outros familiares que jogam basquetebol, entre outras coisas.”

O **Entrevistado D**, por seu turno, acredita que o futsal está cada vez mais enraizado em Portugal e que, por essa razão, pode considerar-se que a modalidade tem vindo a tornar-se como uma tradição e herança cultural. Dá-nos o exemplo da influência que teve no irmão. No seu entender:

“Sim, acho que cada vez mais está enraizado no nosso país e apesar de o meu pai nunca ter jogado - não foi uma herança passada do meu pai para mim - se algum dia eu tiver filhos, espero que eles sigam o meu exemplo. O meu irmão também pratica a modalidade e fui eu que o incentivei. Fui eu que passei para o meu irmão.”

A **Entrevistada E** considera que a tradição começa a existir e que isso se deve em grande parte ao facto de termos o melhor jogador do mundo em Portugal. A nível de herança, dá o exemplo do filho do namorado que cresceu a vê-la jogar e vendo o pai como treinador de futsal e, dessa forma, acabou por herdar o gosto pela modalidade. Segundo ela:

“Começa já a haver um bocadinho, já há muita gente a praticar e vai passando de uns para os outros. Claro que o Ricardinho ao estar no patamar em que está ajudou imenso, porque acaba por ser a tradição e a tal herança. Portugal está a herdar do futsal uma responsabilidade muito grande devido ao Ricardinho, Portugal é mundialmente conhecido no futsal pelo Ricardinho, ele é um embaixador. E sim, acaba por ser uma herança. Eu sou jogadora de futsal, o meu namorado é treinador, o filho dele tem 12 anos e já joga futsal. Ele cresceu a ver-me jogar – eu já estou com ele há 10 anos – e viu o pai ser sempre treinador de futsal e acabou por ser a tal herança.”

Para a **Entrevistada F**, a tradição do futsal em Portugal está a crescer. No que respeita à herança afirma que no seu caso isso não aconteceu, mas reconhece que há cada vez mais pais que passam o gosto pela modalidade aos filhos. Na sua opinião:

“A nível de tradição o futsal está a crescer. Já se vêem muito mais equipas a investir a nível de formação. Agora a nível de herança, eu por exemplo não tenho ninguém na minha família que jogue futsal, mas há pais que sim que gostam de transmitir a sua experiência de ser jogador de futsal. Há famílias que fazem isso. Acho que pode ser transmitido.”

Relativamente à **Entrevistada G**, considera que o futebol ainda permanece como o desporto-rei em Portugal. Como tal, é da opinião que o futsal ainda tem um caminho a percorrer até que se torne uma referência a nível cultural. Para a entrevistada:

“Neste momento, acho que o futebol ainda prevalece muito como desporto-rei em Portugal. Daí até (o futsal) ser uma modalidade em que de facto possamos dizer que é mesmo uma referência ou que é cultural, acho que ainda falta um bocadinho.”

Por fim, a **Entrevistada H** acredita que a herança no futsal tem acontecido cada vez mais, havendo pais que transmitem o gosto pela modalidade aos filhos. Segundo ela:

“Acho que sim, até acho que isso cada vez mais tem acontecido. O facto da herança, pais que jogam futsal e que começam a colocar os miúdos desde cedo na prática dessa modalidade.”

2.5) Apoio da “cara-metade” na prática da modalidade

Todos os entrevistados atribuem grande importância à “cara-metade” na prática da modalidade. Segundo eles, na esmagadora maioria das vezes, a “cara-metade” é o principal apoio dos atletas e é com ela que desabafam e tentam ultrapassar situações menos positivas que vivem na modalidade. Para além disso, consideram que a pessoa com quem têm um relacionamento tem um papel decisivo na sua performance desportiva. Neste sentido, na opinião dos entrevistados, uma relação amorosa saudável e equilibrada permite que os indivíduos tenham estabilidade e se possam focar completamente no futsal, alcançando o melhor rendimento possível.

O **Entrevistado A** afirma ter o apoio total da sua “cara-metade” para a prática da modalidade. Segundo ele:

“A 100%. 80% dos jogos do campeonato, decisões, seleção, é uma pessoa bastante presente e que contribui em grande percentagem para a minha performance nos jogos.”

O **Entrevistado B** considera que o apoio é incondicional e que se faz sentir em todas as dimensões da sua vida. Descreve a sua situação da seguinte forma:

“Eu acho que o apoio é incondicional, ela apoia-me em tudo o que eu faço. Está sempre do meu lado.”

Já o **Entrevistado C** refere que tem todo o apoio da sua “cara-metade”, embora não consiga contar com a sua presença em todos os jogos. Para o entrevistado:

“Apoia, apoia o possível. Não é uma apoiente que esteja lá a 100%, mas gosta de me ver jogar e apoia-me em tudo.”

O **Entrevistado D** afirma que tem um grande apoio da sua “cara-metade” e que esta funciona como um suporte muito importante. Segundo ele:

“Apoia muito. É um grande apoio para mim. Sempre que eu estou em baixo porque alguma coisa corre mal ou menos bem, é um suporte muito grande e tenta sempre animar-me para da próxima correr melhor.”

A **Entrevistada E**, por seu turno, considera que só continua a praticar a modalidade, porque o apoio e compreensão da sua “cara-metade” é total. Ainda assim, fala de uma relação anterior onde surgiram alguns problemas pelo facto de não haver a aceitação que gostaria para continuar a praticar a modalidade. Descreve assim as duas situações:

“100%. Se não fosse assim, era impossível neste momento, com a idade que tenho, ainda estar a jogar. Neste momento acho que é fundamental, se não houver uma compreensão total é difícil, principalmente na parte feminina. Porque há sempre aquela coisa “E o jantar?”. Principalmente quando nós já temos alguma idade, como é o meu caso em que tenho um relacionamento, vivemos juntos. Portanto, nesse aspeto, acho que sou uma privilegiada, porque tenho 100% de apoio. Tive uma relação anterior em que ele não me apoiava, não digo que foi por isso que não deu certo, mas ajuda a não dar certo.”

A **Entrevistada F**, não está, neste momento, numa relação, mas deu-nos a conhecer a situação das suas últimas relações. Segundo a entrevistada, a sua última “cara-metade” foi um apoio muito importante. Ainda assim, afirma que já teve pequenos conflitos noutras relações amorosas. Vejamos ambos os casos:

“Apoiava-me imenso. Por acaso a última relação que eu tive, foi daquelas pessoas que principalmente como eu estava no campeonato nacional me apoiou sempre imenso. Ia aos meus jogos e se pudesse também ia aos meus treinos. Foi um grande apoio. Em

relações anteriores um bocado, porque era do género “só pensas em treinar, só pensas em jogar e eu fico aqui em casa”. Mas acho que nunca me causou assim grande transtorno.”

Já a **Entrevistada G**, que também não se encontra atualmente numa relação, dá-nos o exemplo de duas relações anteriores que se diferenciam entre si. Numa delas o apoio era evidente, enquanto na outra a incompatibilidade de horários e tempo disponível fez com que a pessoa que estava ao seu lado não tivesse perspectivado a prática do futsal como a entrevistada desejaria, o que conduziu ao fim do relacionamento. Descreve-nos as situações da seguinte forma:

“Tive uma pessoa que sim, que me apoiava bastante e me acompanhava, não havia problema nenhum. E tive outra que não se importava que jogasse, mas ao mesmo tempo, para jogar às vezes temos de fazer algumas opções, não temos tanto tempo para a família, para o namorado e dessa forma não havia muita compatibilidade de horários e de tempo disponível. E nesse aspeto não funcionou da melhor maneira. Não entendeu essa situação e também não quis estar a abdicar daquilo que eu gosto por alguém.”

Por último, a **Entrevistada H**, não se encontra neste momento num relacionamento, mas afirma que na relação anterior o apoio da sua “cara-metade” foi absoluto. Segundo ela:

“Sempre me apoiou a 100%.”

Mais uma vez surgem diferenças de género assinaláveis no que concerne à aceitação da “cara-metade” na prática do futsal. Na verdade, os atletas masculinos afirmam que nunca tiveram qualquer tipo de problemas com a “cara-metade” por praticarem a modalidade. Já três das atletas femininas entrevistadas – da qual se exclui a entrevistada H – assumem terem tido conflitos por causa do futsal, ainda que no caso da entrevistada F tenham sido pequenos atritos. Uma vez mais se percebe que as mulheres têm de ultrapassar um conjunto de obstáculos para poderem praticar a modalidade. No caso das entrevistadas E e G, o facto de não haver o apoio e compreensão desejável levou mesmo a que as relações amorosas fossem difíceis de manter.

2.6) Pertença a uma instituição desportiva

As instituições desportivas assumem-se como importantes agentes de socialização, inclusão social e de construção identitária, uma vez que transmitem aos atletas um conjunto de valores e normas sociais que moldam os seus comportamentos e atitudes.

Assim, os clubes são instituições importantes para os indivíduos, dado que influenciam os seus hábitos e práticas sociais. Para além disso, os indivíduos ao fazerem parte de uma instituição desportiva vão desenvolver sentimentos de pertença a um grupo e sentir-se-ão socialmente integrados num coletivo. Os clubes permitem a troca de experiências entre os seus membros e formam grupos que ligam pessoas em torno de gostos e objetivos comuns.

Pedro Abrantes advoga que *“todas as experiências do indivíduo, ao longo da vida, contribuem para o processo de socialização, ou seja, para a construção de disposições internas que permitem (e orientam) a participação na vida social.”* (2011: 122) Segundo o autor, a socialização é um processo permanente e nunca concluído, implicando esforços contínuos de atualização. (Abrantes, 2011: 125) Ora, é também através dos clubes que os indivíduos sofrem processos de *(re)socialização*, incorporando - através de uma participação regular nas suas práticas sociais - competências, disposições e representações do mundo. (Giddens, 1984; Bourdieu, 1987, cit. por Abrantes, 2011: 125) Na opinião do autor, existem múltiplos pólos de socialização e a relação entre socialização e identidade é bastante pertinente, dado que *“cada indivíduo interioriza disposições, competências e valores, na medida em que as associa a uma identidade específica, resultante de uma negociação entre papéis atribuídos e intenções próprias. Acrescenta-se, assim, uma dimensão de intencionalidade e de reflexividade a um processo que decorre ao longo de toda a vida”* (Abrantes, 2011: 131-132) Ainda assim, Pedro Abrantes alerta que a socialização não é apenas construção de identidades, uma vez que implica o desenvolvimento de disposições, linguagens e competências; e, ao mesmo tempo, as identidades não são apenas o produto de sucessivas socializações, pois incluem igualmente fatores genéticos e condições materiais. (2011: 132)

Para Cruziani e Buzato (2009), as identidades são formadas ao longo do tempo e surgem das situações vivenciadas por cada um e do contexto social em que os indivíduos se inserem. Anthony Giddens (1997), por sua vez, considera que na modernidade tardia, o “eu” é um projeto reflexivo. O “eu” caracteriza-se por uma autointerrogação, questionando-se a si mesmo e a tudo o que o rodeia. A autoidentidade, para Giddens, constitui-se a partir do sentido atribuído pelos atores sociais à sua própria vida. O desenvolvimento da autoidentidade é, portanto, oriundo da criação de uma narrativa autobiográfica relacionada com a perceção dos indivíduos a respeito de si mesmos,

considerando que ações individuais acontecem sob determinadas condições (regras e recursos), se estendem no tempo e no espaço, e, por fim, estruturam as condições de realização de outras ações. (Giddens, 1997)

Para o **Entrevistado A**, que pratica a modalidade desde os 8 anos, a pertença a um clube é muito importante. Na sua opinião, os clubes transmitem valores que ajudam a moldar a identidade dos atletas. Refere igualmente que a pertença a um clube possibilita a inclusão social e destaca as relações que são criadas no seio de uma instituição desportiva. No seu entender:

“O clube também nos transmite valores e ensinamentos que nos ajudam a construir a nossa identidade. Ajuda também à inclusão do atleta na própria estrutura e essa inclusão aliada a toda a socialização do atleta irá aumentar ao longo do tempo. Quando existem várias relações, isso melhora a nossa identidade, porque conhecemos vários pontos de vista e melhora a nossa forma de agir perante adversidades e pontos de vista diferentes. Os valores e as normas que me passaram sem dúvida que me influenciaram e naturalmente que tiveram um peso importante na pessoa que me tornei.”

O **Entrevistado B** pratica a modalidade desde os 11 anos e considera que os clubes tentam incutir normas e valores aos seus atletas, algo que se reflete nas suas identidades. Destaca igualmente as muitas relações que se vão criando com a prática da modalidade. Segundo ele:

“Para mim foi importante passar por todas as experiências e por todos os anos da modalidade que já levo. Nós vamos passando por vários clubes, conhecemos várias pessoas, vários treinadores, vários diretores e acho que é uma forma de enriquecer a nossa pessoa. A experiência de pertencer a um clube para além da parte desportiva, tens a parte do lazer, das amizades, dos grupos que criamos e isso também é importante. Não devemos olhar apenas para a vertente desportiva. Os valores e as normas que me transmitiram também foram importantes e ajudaram-me de certa forma a construir a pessoa que sou hoje. Tu passas por vários clubes e lidas com pessoas diferentes, vários feitios, formas diferentes de pensar e tu vais absorver sempre alguma coisa que adicionas à tua identidade.”

Já o **Entrevistado C** pratica a modalidade desde os 7 anos e acredita que as relações de amizade que criou foram o aspeto mais positivo da sua experiência na modalidade.

Considera também que recebeu valores importantes e que estes o influenciaram enquanto pessoa. Vejamos o seu caso:

“Tive sempre grandes amizades. Aprendi muita coisa. Acho que faz bem às pessoas praticar um desporto onde podes ter amigos e estabelecer relações. Em algumas coisas atribuo importância aos clubes por onde passei para a pessoa que sou hoje, nomeadamente naquilo que experienciei e nas pessoas com quem partilhei o balneário. Teve alguma importância na transmissão de valores como o respeito e (o facto de) ter normas. Em relação ao facto de ter estado inserido num grupo, destaco a criação de relações de amizade que foi algo que me influenciou. Hoje em dia ainda mantenho essas amizades e isso foi importante no meu trajeto de vida.”

O **Entrevistado D**, por sua vez, pratica a modalidade desde os 8 anos e considera que a pertença a um clube foi importante para a construção da sua identidade. Estar num clube é, segundo ele, uma forma de integração que permite criar relações de amizade. Na sua opinião:

“Claro que pertencer a instituições desportivas foi importante para a minha identidade. É uma forma de conhecer e interagir com outras pessoas, ver outras formas de pensar e de estar na vida. O facto de pertencer a uma equipa é uma forma de integração. Claro que há sempre amizades que ficam e que espero que se mantenham. O facto de estar inserido num grupo moldou-me de certa forma e isso repercutiu-se na minha vida familiar, escolar, deu-me outra perspectiva de ver as coisas.”

A **Entrevistada E** pratica a modalidade desde os 23 anos e afirma que a pertença a um clube teve um peso significativo na sua identidade. Considera ainda que o facto de estar inserida numa equipa ajudou imenso em diferentes níveis da sua vida. Segundo ela:

“Acho que muda muito a identidade da pessoa. Nós temos comportamentos sociais, tanto individuais como de grupo, que são diferentes. Acho que aprendemos a conviver em sociedade, a lidar com os feitios uns dos outros e acabamos por melhorar a nossa postura no dia-a-dia, mesmo quando estamos em empresas. Acho que facilita o facto de desde muito cedo estarmos inseridos dentro de uma equipa. Hoje em dia, fala-se muito do trabalho em equipa, da cooperação e acho que o desporto coletivo ajuda imenso. Pertencer a uma equipa coletiva teve muita influência na minha forma de estar. Acho que nos muda e ajuda imenso na nossa vida.”

A **Entrevistada F** começou a praticar a modalidade aos 20 anos e destaca as relações que criou no futsal o que, na sua opinião, melhorou imenso a sua vida social. Admite também ter-se sentido integrada nos clubes por onde passou. Vejamos o seu caso:

“Desde que entrei para o futsal a minha vida social melhorou imenso. E a minha vida como pessoa também, porque eu era uma pessoa um bocado fechada, era uma pessoa que se calhar não conseguiria estar neste momento a falar contigo. O futsal ajudou imenso. O ambiente de balneário é muito importante, eu no primeiro clube onde estive, cheguei e as minhas colegas integraram-me no grupo. Comecei a melhorar imenso a minha vida social. O segundo clube foi basicamente uma família para mim.”

A **Entrevistada G** tem um percurso de grande sucesso no futsal, tendo já representado a nossa seleção nacional em várias fases finais de Campeonatos Europeus e Mundiais. A atleta atribui importância aos clubes por onde passou na construção da sua identidade e considera que o futsal permite entrar em contacto com pessoas e culturas diferentes, o que acaba por enriquecer os indivíduos. Garante igualmente que sempre procurou clubes que partilhassem os mesmos valores que ela própria defende, porque só dessa forma se sentiria bem. No seu entender:

“Numa fase inicial da minha formação desportiva a minha identidade e ideais enquanto pessoa não estão totalmente definidos, pois iniciei a minha prática federada aos 13 anos. Sem dúvida que os clubes por onde passei também tiveram influência naquilo que sou. O facto de estar inserida num clube é sempre importante, porque a nível social contactamos com diferentes pessoas que vêm de sítios diferentes, algumas com culturas diferentes e acho que isso acaba por ser bom para ti como pessoa, porque acaba por te abrir um bocadinho os horizontes. Sempre procurei fazer parte de um grupo ou equipa que tivesse os mesmo objetivos e valores que eu. Penso que só assim faz sentido.”

Por fim, a **Entrevistada H** afirma que o facto de estar no mesmo clube desde os 12 anos de idade foi muito importante na construção da sua identidade. Realça que a forma como a orientaram e ajudaram no clube, a deixou melhor preparada para a sua vida pessoal, familiar, desportiva e profissional. Para além disso, assume que o clube foi uma instituição ativa no seu processo de socialização, transmitindo-lhe um conjunto de valores. Ora, vejamos:

“A verdade é que este clube me ajudou na construção da minha identidade. Os valores que ele me transmitiu, toda essa socialização foi extremamente importante. Acho

que contribuiu imenso para a pessoa que sou hoje e cada vez mais tem contribuído. O clube é na minha opinião mais um agente de uma "estrutura familiar". É mais uma estrutura importante na construção da identidade da criança ou na alteração de alguns comportamentos. E estas relações que se vão criando fomentam a socialização."

Depois de atendermos aos testemunhos dos entrevistados, podemos concluir que as associações desportivas se assumem enquanto agentes de socialização, inclusão social e de construção identitária. Os atletas afirmaram que adquiriram valores importantes ao longo do seu percurso desportivo e que estes se revelam, hoje, essenciais para a sua identidade. Todos os entrevistados consideraram ter recebido por parte dos clubes um conjunto de valores e normas sociais, dos quais destacam o respeito, a dedicação, a humildade, a capacidade de trabalho, o espírito de sacrifício, a entreaajuda, o empenho e a responsabilidade.

Em relação aos laços de amizade que se estabelecem, estes são muito importantes para os atletas entrevistados. Todos eles afirmam ter criado laços de sociabilidade bastante fortes e essa é uma das motivações que os leva a praticar a modalidade.

2.7) Paixão pelo futsal

Apesar de existirem diferenças evidentes na forma como encaram o futsal e na relação que têm com o mesmo, se existe algo que une e caracteriza os atletas entrevistados é a sua paixão pela modalidade. Neste sentido, vamos ver como esta surgiu em cada um deles. Aqui ficam os seus testemunhos:

Entrevistado A - *"É de família, mas é também algo que nós vamos adquirindo ao longo dos anos com a prática da modalidade."*

Entrevistado B - *"O futsal começou desde miúdo, até foi numa brincadeira que fui experimentar. Sempre gostei de futebol, mas nunca tinha sequer ouvido falar de futsal. Mas fui experimentar e gostei. Acho que é um desporto com muita emoção, muitos golos, muito ataque-contrataque e acaba por ser um jogo mais interessante do que o futebol."*

Entrevistado C - *"Gosto de futsal, porque desde pequenino o meu irmão e o meu primo me levaram a praticar. A verdade é que eu gostava mais de futebol de 11, só que comecei a jogar futsal e comecei a gostar. Foi o que aprendi."*

Entrevistado D - *"Começou desde muito cedo, eu sempre gostei de jogar. Na altura para decidir, ou iria para o futebol ou para o futsal e tive a felicidade de ingressar pelo futsal. Desde aí nunca mais saí, foi um desporto pelo qual me apaixonei."*

Entrevistada E – *“Quando fui para o futsal federado, ao início era giro, era diferente. O futsal é neste momento sem dúvida a minha paixão. Adoro o que faço, acho que é muito intenso, é algo que não tem muito descanso. Enquanto guarda-redes é muito mau às vezes, mas pegando numa balança acho que os momentos bons conseguem sempre superar os maus e é fantástico.”*

Entrevistada F – *“É completamente diferente, é uma dinâmica bastante diferente, não é tão monótono. É um espetáculo. Se for bem jogado é um espetáculo. As defesas dos guarda-redes – eu sou guarda-redes – são espetaculares, principalmente os masculinos em que as defesas é com a cara, com tudo.”*

Entrevistada G – *“Eu não digo que me apaixonei logo pelo futsal, como todos os miúdos ou todas as crianças, começam a ver futebol e gostam de futebol. No entanto, depois do contacto com o futsal acabei por me apaixonar. Achava um jogo muito mais interessante do que o futebol. Estamos sempre a correr, sempre a tocar na bola, sempre a mexer, a bola tanto está na nossa baliza como está na outra logo a seguir, o resultado é muito mais inconstante, é muito mais emotivo, acho que é algo, mesmo para as mulheres, muito mais bonito de se jogar do que futebol.”*

Entrevistada H – *“Eu adoro futebol e futsal. Escolhi futsal, porque foi a experiência que me foi dada. Por acaso cheguei a ter uma experiência de futebol, mas não me integrei muito bem. Houve ali um período que quis experimentar o futebol para ver as diferenças, mas não me integrei muito bem e continuei no futsal e realmente gosto imenso. É algo que está incutido em mim e no meu progresso enquanto pessoa, são muitos anos de futsal.”*

2.8) Importância atribuída à escola

A escola é mais uma das instituições que fazem parte da socialização e construção identitária dos indivíduos, uma vez que ela transmite valores e normas sociais que moldam formas de sentir, pensar e agir dos atores sociais. Segundo António Teixeira Fernandes, a escola permite a *“transmissão de um património comum, de inculcação de uma cultura. Esta cultura oferece valores e regras de conduta.”* (2007/2008: 260) Na escola são introduzidos valores, ideias, conhecimentos e símbolos presentes na sociedade que influenciam a construção das identidades. (Carvalho, 2012: 215)

Neste sentido, as escolas são como um fio condutor que une, orienta e exhibe todo um conjunto de referências acerca da construção da identidade dos adolescentes. (Carvalho,

2012: 210) A juventude enquanto grupo social é um produto da modernidade, sendo este um ciclo de vida que antecede e prepara os indivíduos para a vida adulta. O jovem é entendido pela sociedade como alguém inacabado, em processo de construção ou em devir. (Pappámikail, 2010) Assim, a instituição escolar é um espaço social no qual os adolescentes compartilham significados, referências, representações e outras práticas identitárias presentes na sociedade. (Carvalho, 2012: 222)

Em suma, se considerarmos que as identidades são modos de inscrição que vinculam as instituições e os seres ao meio e à cultura, a escola estará sempre presente no processo identitário dos adolescentes. (Carvalho, 2012: 210-211) A experiência escolar é central na vida de qualquer adolescente e fundamental para a construção da sua identidade. A escola oferece a possibilidade do encontro com conhecimentos, com representações, com condições objetivas de existência pelos quais os adolescentes elaboram e constroem as suas identidades. (Carvalho, 2012: 223-224)

O **Entrevistado A** é Licenciado e teve um percurso escolar de sucesso. Ainda assim, refere que atribui atualmente maior importância à escola do que quando a frequentava. Descreve o seu caso da seguinte forma:

“Eu atribuo mais importância agora do que quando a frequentava. É um sentimento que ocorre em muita gente que é “se eu soubesse...” a vida é mesmo assim. Mas acho que nunca fui um aluno desinteressado da escola, se calhar não no mesmo nível de interesse do futsal, mas só um pouco mais abaixo.”

Já o **Entrevistado B** revela que não aproveitou a escola como deveria e, por essa razão, não teve grande aproveitamento escolar, tendo ficado pelo Ensino Básico. Segundo ele, era um miúdo muito rebelde e que nunca deu grande valor à escola. Atualmente a situação é diferente e, para além de mostrar algum arrependimento, reconhece que a escola é muito importante na vida de um indivíduo. Vejamos a sua situação:

“Eu sempre fui uma pessoa muito rebelde, mesmo nas aulas e na escola era uma pessoa que se calhar não dava o devido valor à escola, porque no fundo esta acaba sempre por ser bastante importante para nós. Dá-nos as bases de uma vida. Neste momento atribuo muito mais importância à escola. Acredito que se pudesse voltar atrás, olharia para a escola com outros olhos.”

O **Entrevistado C** tem uma visão muito semelhante à do **Entrevistado B**, assumindo que nunca deu grande importância à escola, mas atualmente considera que esta é

fundamental para o crescimento dos indivíduos. Confessa-se algo arrependido por não ter dado o devido valor à formação escolar, tendo abandonado os estudos quando terminou o Ensino Secundário. Segundo ele:

“A escola faz parte do nosso crescimento, é onde aprendemos tudo. Acho que a formação é a coisa mais importante que uma pessoa deve ter. Mas na altura que andava na escola não atribuía esta importância, andava lá apenas porque era obrigado. Hoje em dia cresci e já vejo as coisas de outra maneira, se soubesse o que sei hoje, se calhar não fazia nem metade das coisas que fiz.”

O **Entrevistado D**, por sua vez, tem um percurso escolar marcado pelo sucesso e está, neste momento, a tirar a Licenciatura. Afirma que, à medida que foi crescendo, foi dando uma importância crescente à escola. No caso do entrevistado:

“Quando eu era mais novo – e como a maioria dos rapazes e raparigas de hoje em dia – nunca liguei muito à escola, mas acho que à medida que vamos crescendo e vamos amadurecendo, damos uma importância maior e percebemos que realmente toda a educação que adquirimos um dia vai ser útil na nossa vida.”

Já a **Entrevistada E** é Licenciada e reconhece que não deu grande importância à escola quando a frequentava. No entanto, a situação é agora diferente, visto que:

“Na altura achei que não era nada de importante, ir estudar para a Faculdade? O que é isso? Eu não quis, foi a minha opção. Mas agora vejo que é muito importante estudar, ter conhecimentos. Durante a minha licenciatura, o que fiz foi espetacular porque tivemos 3 cadeiras de desenvolvimento comportamental e tudo isso foi mudando a minha forma de pensar e um bocadinho a minha identidade também.”

A **Entrevistada F** está a tirar a Licenciatura e assume que a escolaridade é muito importante e que a escola tem um importante papel na construção identitária dos indivíduos. Para ela:

“Acho que a escolaridade é importante. Hoje em dia, o valor educacional e as escolas têm um peso na pessoa que tu és e no trabalho que tu podes desempenhar no futuro.”

A **Entrevistada G**, que é Licenciada e teve uma trajetória escolar de sucesso, admite que existe uma pequena diferença na importância atribuída à escola, ainda que esta seja pouco significativa, dado que sempre valorizou a escola. Na sua opinião:

“Há uma pequena diferença, embora sempre tenha atribuído importância e valorizado a escola.”

Por fim, a **Entrevistada H**, que é Mestre, teve um percurso marcado por um enorme sucesso escolar e afirma que sempre atribuiu grande importância à escola, sendo que esse pensamento ainda hoje se mantém. Segundo a entrevistada:

“Eu sempre valorizei muito a escola. Sempre fui uma boa aluna, muito regradada. Portanto, dei sempre valor à escola. Até porque quando tinha uma negativa para mim era um caos, mesmo antes de contar para a média. Sempre dei extrema importância e ainda hoje acho que é extremamente importante para o futuro de cada um.”

2.9) Papel da escola na construção da identidade

O **Entrevistado A** considera que a escola é bastante importante na construção identitária dos indivíduos, através dos valores que transmite e das relações que permite criar. Na sua opinião:

“É muito importante. A entidade escolar é mais um grande parâmetro no que respeita à nossa identidade e formação pessoal. Se a escola através dos seus professores, docentes e auxiliares de educação nos conseguir transmitir valores certos, é sem dúvida uma entidade importante na formação da identidade da pessoa. A escola ajuda não só em termos individuais, mas também na relação com outros alunos, colegas e até amigos.”

O **Entrevistado B** assume igualmente que a escola foi importante na construção da sua identidade. Realça que esta lhe permitiu criar várias relações de amizade. Segundo ele:

“Foi importante. Apesar de eu não ter sido um grande aluno, deu-me muitas bases, deu-me muitos amigos, deu-me muita coisa que eu tenho neste momento na minha vida.”

O **Entrevistado C** atribui uma importância relativa à escola na construção da sua identidade. Destaca essencialmente as regras que a escola lhe incutiu e que, segundo ele, tiveram utilidade na sua vida. No seu caso:

“Em algumas coisas foi importante, mas nem tudo o que aprendemos na escola será utilizado na nossa vida. Ainda assim, aprendi muita coisa que tem utilidade e, por isso, algumas coisas foram importantes para a minha identidade, sim. Principalmente as regras que me foram incutidas.”

O **Entrevistado D** considera que a escola é importante na sua identidade, uma vez que lhe permite estabelecer relações sociais e adquirir os conhecimentos específicos na área que pretende vir a ocupar profissionalmente no futuro. Para o entrevistado:

“É importante, porque me permite conhecer novas pessoas e molda um bocado a minha personalidade. Para além disso, permite-me neste momento adquirir os conhecimentos mais específicos da minha área para no futuro, se possível, seguir o que estou a estudar.”

A **Entrevistada E**, por seu turno, afirma que a escola foi muito importante no momento em que frequentava o ensino secundário, dado que influenciou a sua identidade. Nessa fase, assume que teve de se moldar a um contexto escolar novo, o que fez com que se tornasse uma pessoa diferente. No seu caso:

“Na altura do Secundário foi muito importante, quando fui para o Colégio de Gaia fazer Gestão de Desporto, influenciou muito na minha identidade. Estive em contacto com pessoas de outro nível social - mais alto em termos de educação - e as coisas eram diferentes. Isso fez com que eu aprendesse a ser uma pessoa diferente. Fui-me moldando um bocadinho ao contexto. Agora eu sei que me ajudou imenso a crescer como pessoa.”

Para a **Entrevistada F**, a escola assumiu uma grande importância na sua construção identitária, destacando-se a relação que criou com alguns professores e que possibilitou que a mesma chegasse ao patamar escolar em que hoje se encontra. Segundo ela:

“Teve muita importância. Tive professores espetaculares, sempre tive um apoio grande por parte dos professores. E acho que se, por exemplo, não tivesse tido um estagiário espetacular e um professor de Educação Física espetacular no meu 12º ano, supostamente eu nem sequer estava a tirar a Licenciatura. Tive um apoio espetacular por parte de alguns professores que contribuíram para eu chegar até onde estou hoje.”

A **Entrevistada G** considera que a escola assume extrema importância na construção identitária dos indivíduos. Na sua opinião:

“Acho que a escola, principalmente desde que és criança até à tua juventude, tem um papel muito importante na tua formação como pessoa e ser humano. É verdade que a escola sobretudo nessas fases, até à fase da tua juventude, se calhar 16/18 anos é quando formas a tua personalidade, o teu carácter, a tua forma de ser e como passas muito tempo na escola, acaba por ter um papel muito importante na tua formação não só académica, mas também pessoal.”

Por último, a **Entrevistada H** afirma que a escola foi preponderante na construção da sua identidade. Para a entrevistada:

“Acho que é preponderante. Passamos grande parte do nosso tempo enquanto criança e jovem na escola, portanto é lá que vamos construindo a nossa personalidade e a nossa forma de ser. Acho que foi preponderante na construção da minha identidade.”

2.10) Conciliar a escola com o futsal

O **Entrevistado A** acredita que é possível conciliar a escola e o futsal, mas, para isso, deve haver uma boa organização que permita que haja tempo para tudo. Na sua opinião:

“Concilia-se de uma boa forma. Eu acho que a organização e a elaboração de um plano de estudo e de trabalho é muito importante, porque eu acho que existe tempo para tudo. Acho que há tempo para treinar, há tempo para estudar, tempo para ir às aulas, tempo para ver jogos de futsal. Acho que uma boa organização é um bom método para o sucesso.”

Já o **Entrevistado B** assume que numa fase inicial mais do que qualquer dificuldade de conciliação, havia falta de interesse no que respeita à escola. Numa fase posterior da sua vida, e quando se tornou profissional, afirma que tudo se tornou mais difícil de gerir, devido ao cansaço. No seu caso:

“Quando eu era mais novo não era dificuldade, acho que até era mais por preguiça. Quando passei a um nível mais sério, ou seja, a nível profissional, as coisas tornaram-se um pouco mais complicadas, porque ao treinar de manhã e treinar à tarde, ficava cansado e à noite não tinha muita paciência para andar a estudar.”

O **Entrevistado C** admite que a escola nunca dificultou a prática do futsal, dado que sempre atribuiu pouca importância à escola. Para além disso, afirma que o futsal sempre foi uma prioridade face à escola. Para ele:

“A escola nunca interferiu com a minha vida no futsal, porque não era aluno de estudar, eu nunca deixei de fazer o que mais gostava só por causa da escola ou porque tinha testes, nunca fiz isso. Nunca interferiu em nada, sempre pus o futsal à frente da escola.”

O **Entrevistado D**, por seu turno, acredita que é possível conciliar tudo, desde que haja uma boa organização e gestão do tempo. Dessa forma, a relação entre escola e futsal nunca lhe criou nenhuma dificuldade. Na sua opinião:

“Eu penso que há sempre tempo para tudo. Uma pessoa tem é de ser organizada e saber organizar o tempo para gerir da melhor maneira. A relação da escola com o futsal

não me cria nenhuma dificuldade. Normalmente nunca foi problema e espero que continue assim.”

A **Entrevistada E** considera que com a idade a conciliação entre escola e futsal torna-se mais fácil, dado que os indivíduos têm mais responsabilidade e conseguem gerir melhor o tempo. No seu caso:

“Quando eu fui para o 10º ano, eu praticava futebol e tirei logo 5 negativas. Isto teve uma explicação e tive de desistir do futebol. Eu treinava 3 vezes, ainda era longe, saía da escola às 16:30 e chegava a casa às 00h. No dia a seguir quando saía das aulas queria descansar, no outro dia outra vez igual, chegava a Sábado e às vezes estudava e outras não, ao Domingo passava o dia fora, porque o futebol ocupava muito tempo. Quando fui para a Licenciatura era muito diferente. Aí temos uma motivação e organização diferentes, eu entrava às 8h, saía às 14h e ia para a Faculdade de tarde e treinava à noite. Era assim duas vezes por semana, nos outros dias descansava, mas dava para conciliar porque entretanto ia no autocarro ou no metro e ia estudando, ia fazendo algumas coisas.”

A **Entrevistada F** é trabalhadora-estudante e, por isso, tem de conciliar estudos, trabalho e futsal, uma tarefa que considera ser bastante difícil. As maiores dificuldades que enfrenta prendem-se com a gestão do tempo e a conciliação de todas as tarefas e horários. Para ela:

“Conciliar os estudos, trabalho e futsal nem sempre foi fácil, aliás, não é mesmo nada fácil. Existem bastantes dificuldades em estar presente em todos os treinos e jogos. No entanto, tento dar o meu máximo em tudo o que faço e aproveito todos os momentos que tenho para estudar o máximo que conseguir, ir trabalhar e sempre que possível ir para o futsal e dar tudo, seja em treinos ou aquecimentos de jogos para manter o meu lugar. As maiores dificuldades prendem-se mesmo com a gestão do tempo e a conciliação de todas as tarefas e horários.”

A **Entrevistada G** considera que à medida que se vai avançando na carreira académica as dificuldades em conciliar escola e futsal aumentam. Na sua opinião:

“Depende das tuas fases escolares, até um determinado ponto é relativamente fácil conciliares, à medida que vais avançando na tua carreira académica torna-se mais difícil. Sempre tive relativa facilidade até ao 12º ano, depois na Faculdade já foi um bocadinho mais difícil. Na altura tinha também um part-time, ou seja, tive de conciliar

três coisas, esse part-time, a escola e o futsal. Foi uma altura, os últimos dois anos do curso, de facto muito desgastante, mas tudo deu para conciliar.”

Por último, a **Entrevistada H** assume que nunca teve qualquer tipo de dificuldade em conciliar a escola com o futsal. No seu caso:

“Eu sempre conciliei bem, fui sempre muito regrada, muito organizada. Sempre pude ir aos treinos, tinha testes e ia na mesma aos treinos, porque conseguia organizar isso.”

Em suma, ao longo destes três últimos tópicos, verificámos que todos os entrevistados consideraram que a escola é uma instituição fundamental na construção das identidades e na socialização dos indivíduos. Os atletas reconhecem que as experiências vividas ao longo do seu percurso escolar influenciaram fortemente o processo de construção da sua identidade. A escola, durante a infância e a juventude, transmite aos indivíduos um conjunto de valores e normas sociais que, na opinião dos entrevistados, são muito importantes.

2.11) Futsal enquanto profissão

Esta questão só se aplica aos entrevistados A e B, dado que são os únicos atletas com experiência de profissional na modalidade. Estes dois jogadores contam com experiências profissionais em Portugal e na Rússia.

O **Entrevistado A** é um futsalista de sucesso, contando já com vários anos de experiência profissional na modalidade e é um atleta que já participou num Europeu e num Mundial ao serviço da nossa seleção nacional. Ele afirma que o facto de se ter tornado profissional na modalidade é a realização de um sonho. Para o entrevistado:

“Sempre foi um sonho. Eu acho que é uma profissão que não podemos ter para sempre, mas sempre foi um sonho e consegui. Neste momento estou a realizá-lo e espero, se Deus quiser, continuar por muitos anos. É a dedicação total a uma causa. Só aí o foco deve estar completamente virado para a equipa e para o êxito da mesma.”

O **Entrevistado B** tornou-se profissional aos 18 anos e falou-nos mais detalhadamente das suas experiências, considerando que ambas tiveram aspetos difíceis de gerir. Contudo, considera que os dois casos foram positivos e serviram para aprendizagem pessoal. Segundo ele:

“Eu já tive duas experiências distintas daquilo que é ser profissional, tive uma cá em Portugal durante 3 anos no Freixieiro e não é fácil. As pessoas pensam que treinar de manhã e treinar de tarde é só dar uns chutos numa bola, mas não é fácil. Nós temos muita

pressão no dia-a-dia e é sempre aquilo, sempre sempre aquilo. Uma pessoa às vezes está um bocado desgastada e tem de ser forte, tem de lutar contra isso. Mas pronto, acaba também por nos fortalecer noutros aspetos como no caso das amizades, porque convives sempre com aquelas pessoas, passas os dias com essas pessoas e são elas a tua família, também tem isso de positivo. E tive outra experiência fora de Portugal, em que era diferente e infelizmente não tinha amigos, porque era na Rússia e eu não sabia falar russo. Não conseguia ter diálogos, ter amizades e então passava muito por treino-casa/casa-treino e essa realmente foi uma experiência que eu gostei, coloquei-me à prova a mim mesmo, mas por outro lado foi uma experiência bastante difícil.”

2.12) Futsal enquanto “hobby” e aspiração de profissão

Esta questão aplica-se aos restantes entrevistados, uma vez que todos eles apenas experienciaram o futsal enquanto jogadores amadores.

O **Entrevistado C** compete atualmente na 2ª Divisão Nacional e admite que sempre sonhou ser profissional na modalidade, no entanto, reconhece que, neste momento da sua vida, esse objetivo já é mais difícil de ser alcançado. No seu caso:

“Quando era mais novo sonhava ser jogador profissional de futsal. Hoje em dia, já sou Sénior jogo na 2ª divisão nacional e já não é tanto um objetivo a atingir. Claro que ainda hoje gostava de jogar numa equipa profissional, era o meu sonho, mas sei que é mais difícil.”

Por seu turno, o **Entrevistado D** é um atleta que também compete na 2ª Divisão Nacional e considera que o futsal sempre foi um “hobby” que lhe permitiu abstrair-se dos problemas. Ainda assim, reconhece que se tivesse uma oportunidade de ser profissional na modalidade, essa possibilidade iria ser levada em consideração. Vejamos a sua situação:

“O futsal sempre foi um “hobby”, porque era uma maneira de me distrair. Desde pequeno que foi um escape aos problemas, quando estava mais stressado pela escola ou por outro problema. Sempre foi uma forma de me abstrair. Há sempre uma altura na vida em que uma pessoa pensa “e se eu fizesse disto vida?”. Claro que isso já me passou pela cabeça, neste momento não o sou, mas se alguma vez tivesse a oportunidade, sem dúvida que era uma hipótese a ter em conta.”

A **Entrevistada E** revela que ser profissional na modalidade nunca foi o seu principal objetivo, visto que chegou à modalidade um pouco tarde. Acrescenta ainda que sempre

tentou gerir a sua vida em função do futsal e que uma das suas prioridades foi conseguir conciliar a prática da modalidade com o seu trabalho. No seu caso:

“Neste momento não gostava devido à minha idade, mas quando comecei sim, gostava de ter chegado. Embora o meu caso seja diferente, porque eu cheguei um bocadinho tarde a guarda-redes de futsal, comecei muito por baixo e gostava de ter ido à seleção, mas quando cheguei ao topo já tinha 28/29 anos. Portanto, a minha carreira foi muito tardia como jogadora. Nunca foi a minha prioridade ser atleta profissional ou um dia sonhar ser atleta profissional. Claro que toda a gente gostava de ganhar dinheiro a fazer aquilo que gosta. Apesar de gerir muito a minha vida em função do futsal, tentar arranjar empregos que dessem para treinar e jogar, rejeitar alguns que até ia ganhar mais. Consegui sempre gerir para trabalhar e jogar, esse foi sempre um dos meus objetivos.”

Já a **Entrevistada F** afirma que nunca viu o futsal como profissão, até porque considera que já não tem as condições necessárias para tal acontecer. Enquanto “hobby” acredita que a modalidade lhe permitiu fazer uma melhor gestão do tempo. Segundo ela:

“Nunca tinha visto nenhum desporto como profissão e o futsal não é exceção. Porque eu comecei há relativamente pouco tempo, comecei com 20/21 anos, tenho 24. Não é propriamente aquela coisa de querer chegar mais longe, porque sei que já não consigo. O meu próprio corpo ou a minha própria vida já não o permitem. Agora, como “hobby” trouxe-me bastante, porque sempre soube conciliar muito bem entre ser trabalhadora-estudante e atleta. Soube aproveitar muito mais o tempo, dar muito mais valor ao tempo.”

A **Entrevistada G** revela que já teve mais do que uma possibilidade de ser profissional na modalidade, tendo recebido propostas de Espanha e Itália. Contudo, no seu entender, não se pode gerir a vida pessoal, apenas olhando para a modalidade, uma vez que esta não permite projetos a médio/longo prazo. Tendo em conta isso, rejeitou as duas propostas que teve para apostar naquilo que considera serem as suas prioridades. No primeiro caso a sua formação académica, no segundo a sua carreira profissional. Vejamos a sua situação:

“Quando comecei a jogar futsal fazia-o porque gostava daquilo que estava a fazer, à medida que os anos foram passando, fui evoluindo, fui tendo noção que se calhar poderia ser uma das melhores na modalidade e fui tomando decisões na minha carreira tendo em conta isso. Já me passou pela cabeça sim e houve uma altura em que estive

quase para sair de Portugal, uma vez para ir jogar para Espanha, outra para Itália. Mas o facto de ser algo muito incerto, não é algo que me garantisse ter uma vida profissional dos 20 aos 30 anos, em que pudesse de facto ganhar o suficiente a médio/longo prazo. Por isso, sempre tive em consideração a minha formação académica, essa era a minha prioridade. Ou seja, se calhar as propostas que me surgiram, surgiram em timings que para mim não eram os indicados. Nós não podemos pensar sustentar-nos e pensar a nossa vida com base apenas na modalidade e aquilo que podemos ganhar no futsal.”

Por último, a **Entrevistada H** afirma nunca ter tido a aspiração de ser profissional na modalidade. Para ela, o futsal sempre foi um “hobby” que lhe permitiu abstrair-se dos seus problemas pessoais. Segundo a entrevistada:

“Nunca foi aspiração para mim ter como profissão. Também se calhar pelo facto de saber como era a realidade. Ter o futsal enquanto “hobby” é ótimo, porque trabalho, tenho as minhas coisas e é muito bom chegar aos dias de treinos, eu chegando aos dias de treino sinto-me melhor. São ali duas horinhas em que nos abstraímos da nossa vida profissional, dos nossos problemas.”

2.13) Principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino

O campo desportivo em Portugal apresenta-se como um espaço de profundas desigualdades de género. O desporto constitui-se num dos espaços onde as desigualdades entre homens e mulheres continuam acentuadas. Neste sentido, urge produzir mudanças na histórica assimetria entre homens e mulheres. (Jaeger [et al.], 2010: 246) Vários estudos assinalam que em Portugal as mulheres estão sub-representadas no desporto, são pouco incentivadas a praticá-lo, recebem prémios inferiores aos dos homens e têm espaço reduzido nos meios de comunicação social. (Jaeger [et al.], 2010: 247)

Tentámos então perceber quais são as principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino na opinião dos entrevistados. Vejamos os seus testemunhos:

O **Entrevistado A** centrou-se essencialmente numa análise no que ao jogo diz respeito. Para ele, as mulheres são muito mais dedicadas do que os homens, mas têm mais dificuldades em contrariar as adversidades. Na sua opinião:

“Eu acho que as meninas são muito mais dedicadas do que os homens, só que também acho que quando lhes surge algum entrave elas têm mais dificuldade em improvisar. Mas acho que são mais dedicadas do que os homens e são mais dotadas

tecnicamente em termos de lateralidade. Vê-se muito mais raparigas a jogar com os dois pés do que os homens.”

Já o **Entrevistado B** considera que existe uma grande diferença entre o futsal masculino e o futsal feminino e que isso se deve principalmente à enorme divulgação e promoção que é feita no futsal masculino. Segundo ele:

“A nível de promoção acho que o futsal feminino ainda está a começar a ser divulgado, acho que ainda está numa fase muito inicial. Já o futsal masculino, temos de afirmar que neste momento, em Portugal está no top, está mesmo no auge, acho que é a melhor fase do futsal desde que se iniciou aqui em Portugal. Por isso, acho que há uma grande diferença entre o futsal masculino e o futsal feminino.”

O **Entrevistado C** afirma que o futsal masculino tem mais apoios e adeptos do que o futsal feminino. No entanto, considera que essa diferença é visível em todos os desportos e locais. No seu entender:

“O futsal masculino tem muitos mais apoios do que o feminino, as pessoas vão ver mais o masculino do que o feminino. Mas acho que isso é em todos os desportos, em todo o lado isso acontece.”

O **Entrevistado D**, por sua vez, considera que o futsal é um desporto masculino. Como tal, afirma que há algumas diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino. Essas diferenças prendem-se essencialmente com o maior apoio financeiro e a maior visibilidade existente no futsal masculino. Na sua opinião:

“Eu vejo o futsal como um desporto mais masculino, por isso acho que há algumas diferenças entre o masculino e o feminino. Há muitos mais apoios para o futsal masculino, há muita mais visibilidade para o futsal masculino do que para o feminino. E em termos de comparação, tal como por exemplo há desportos mais femininos como o ballet, o futsal eu vejo-o mais como um desporto masculino e por isso, há aí uma diferença significativa na modalidade.”

A **Entrevistada E** é da opinião que o futsal masculino tem maior visibilidade em termos de meios de comunicação social e maiores apoios financeiros. Para ela, o facto de o futsal feminino não dar tanto dinheiro, nem ter tantas audiências faz com que não lhe seja dado tanto valor. Segundo a entrevistada:

“Neste momento eu acho que tem que ver com a visibilidade em termos de comunicação social. O feminino não traz dinheiro, não traz audiências, então não se dá

tanto valor. Na Taça de Portugal, a minha equipa felizmente esteve na final four do ano passado na Póvoa, de manhã houve jogos das meias-finais femininas e não houve um jogo que passasse na televisão. Agora, neste momento, as coisas começam a evoluir até porque os próprios clubes têm canais onde passam os jogos e já há mais jogos do feminino a passar na televisão – na Benfica TV, na Sporting TV. Começa a ter mais visibilidade, mas mesmo assim, há muita desigualdade em termos de financiamento e de apoio.”

Para a **Entrevistada F**, a maior diferença está nos adeptos, o futsal masculino tem muitos mais adeptos do que o futsal feminino. No seu entender:

“O futsal masculino sempre teve muito mais dedicação e apoio do que propriamente o futsal feminino. Há muita diferença. Tu vais a um jogo do masculino tens imensos adeptos, vais a um jogo do feminino e se calhar não tens metade.”

A **Entrevistada G** considera que a capacidade física é a principal diferença entre homens e mulheres. Para além disso, diz-nos que o futsal masculino é mais valorizado no que diz respeito às competições nacionais. Segundo ela:

“Acima de tudo, a principal diferença entre homem e mulher, é a condição e a capacidade física. Há determinadas coisas que nós como somos mulheres não temos tanta força, tanta massa muscular e não conseguimos fazer da mesma forma que os homens ou executar de uma forma tão rápida, etc. A nível de competições acho que o masculino é um bocadinho mais valorizado. Dou-te o exemplo do nosso calendário, o nosso calendário é muito elaborado tendo em conta o do masculino. Porque fazem o calendário para o masculino e o nosso é que tem de se encaixar lá, ou seja, preocupam-se mais com o masculino. Acho que não pensam muito no feminino.”

Por fim, a **Entrevistada H** focou-se mais no próprio jogo e afirma que o futsal masculino tem mais intensidade e competitividade. Aliado a isso, o facto de ter mais adeptos faz com que o espetáculo seja melhor. Na sua opinião:

“Para já a intensidade, é sempre mais agradável ver um jogo de homens, há mais intensidade, mais confronto, mais competitividade. Também têm sempre mais gente a ver, o espetáculo acaba por ser diferente.”

2.14) Desvalorização do futsal feminino

O **Entrevistado A** considera que o futsal feminino já foi mais desvalorizado socialmente do que é neste momento. Segundo ele, a desvalorização resulta essencialmente do pouco investimento que é feito no futsal feminino. Na sua opinião:

“Já foi mais desvalorizado, hoje em dia com a entrada de Belenenses, Leões Porto Salvo, equipas da Liga Sport Zone que também investiram no futsal feminino já não é tanto. Hoje em dia já lhes dão algum valor, mas não o devido valor. Eu acho que é desvalorizado não por serem raparigas, eu acho que é desvalorizado por nunca terem tido um investimento nessa parte do futsal. Ainda há 6/7 anos atrás, uma menina, por exemplo, com 16 anos tinha de jogar pelas Seniores do clube, porque a maior parte das associações não tinham campeonato de Juniores femininos de futsal.”

O **Entrevistado B** é da opinião que o futsal feminino é desvalorizado e que o facto de haver poucas atletas femininas a praticar a modalidade é causa e efeito dessa desvalorização. Segundo ele:

“Acho que sim, porque também não há tantas mulheres a querer praticar a modalidade. Há muitas mulheres que gostam de desporto, mas no futsal não vejo muitas.”

Já o **Entrevistado C** considera que o desporto mundial tende a desvalorizar o feminino. Para o entrevistado isto pode acontecer por questões de género, dado que há a ideia generalizada de que os homens fazem tudo melhor do que as mulheres. Na sua perspetiva:

“Sim, é. Mas não só no futsal, no desporto mundial acho que o feminino é sempre mais desvalorizado do que o masculino. Se calhar por ser menos intenso. Acho que é mais uma questão de género, homem que é homem faz tudo muito melhor, deve ser isso.”

O **Entrevistado D**, por sua vez, considera que o futsal feminino é desvalorizado porque socialmente se tende a olhar para o futsal como uma modalidade masculina. Para o entrevistado:

“Sim, um bocado. É um desporto que as pessoas vêem como mais masculino do que feminino.”

Para a **Entrevistada E**, o futsal feminino já não é desvalorizado atualmente. O que ainda existe é um preconceito associado à modalidade. No seu entender:

“Eu acho que neste momento já não é desvalorizado, acho que as pessoas já começam a ver de outra forma, até porque já há mais resultados, aparece mais na

televisão. Acho que começam a dar mais valor às mulheres praticarem futebol e futsal. Mas acho que se calhar ainda há um bocadinho de preconceito. Acho que já não é tanto o valor que é dado, mas mais o preconceito “ah, porque és mulher não jogas nada”.”

A **Entrevistada F** é da opinião que se tem vindo a dar maior valor ao futsal feminino e isso é visível, desde logo, no aumento do número de praticantes da modalidade. Segundo ela:

“A nível geral agora está melhor, está muito melhor. Ao nível da opinião da sociedade já esteve muito pior. Agora já se valoriza mais um bocado. Também já há muitos mais praticantes de futsal feminino.”

A **Entrevistada G** considera que o futsal feminino é desvalorizado socialmente e que tem menos importância do que o futsal masculino. A entrevistada refere que é uma questão cultural e que está enraizada no nosso país, sendo que o masculino é sempre beneficiado. Na sua opinião:

“Sim, acho que é desvalorizado. Não dão a mesma importância e não seguem os mesmos critérios que tem para com o masculino. Eu entendo que quem traz mais receitas é o masculino, mais visibilidade, entendo isso e se calhar por isso é que acontecem esse tipo de coisas. É a tal questão cultural, o masculino é sempre, à partida, valorizado. Nunca vês num tipo de situações destas o feminino a ter algo mais que o masculino, ou é igual ou então se tiver que pender para algum lado é para o masculino.”

Por último, para a **Entrevistada H** não é só no futsal que o feminino é desvalorizado, isso acontece também a nível profissional e social. É algo que já está enraizado no nosso país e os homens são sempre valorizados. É uma questão cultural. Para a entrevistada:

“Sim, de certa forma sim. Primeiro acho que é mesmo pelo facto de ser feminino, porque como nós sabemos não é só no futsal que isso acontece. O sexo feminino é desvalorizado a nível profissional, social e depois obviamente que passa também pelo desporto. Há a questão cultural de se valorizar sempre mais os homens do que as mulheres. Mas não é só ao nível do nosso país, é em todo o lado. Eu acho que as pessoas já lidam com essa situação de forma normal. Volta e meia ainda há algum debate neste sentido, as pessoas ainda se vão apercebendo que isso realmente acontece, mas pouco ou nada fazem para mudar. Já é algo que está enraizado.”

2.15) Discriminação, estereótipos e preconceitos devido à prática da modalidade

Esta questão é unicamente para as atletas femininas e procurámos perceber se estas já tinham sido alvo de algum tipo de discriminação, estereótipo ou preconceito por praticarem a modalidade. Atendamos aos seus depoimentos:

A **Entrevistada E** revela que já experienciou este tipo de situação por parte de médicos e numa relação amorosa anterior. Vejamos o seu caso:

“Já, primeiro de onde veio foi muito triste, foram médicos. Quando cheguei ao hospital com uma entorse a jogar futsal, a primeira coisa foi “ah, por que é que não está em casa a lavar a louça? Assim não se lesionava” foi a resposta que me deram. Mas já tive vários, tive também outra lesão e o médico disse “ah, tem é de deixar de jogar, o futebol não é para as mulheres”. Esse tipo de preconceitos sim. Numa relação anterior também tive um bocadinho dessa situação, porque na opinião dele eu não devia estar a jogar.”

A **Entrevistada F** refere que nunca teve problemas a este respeito, sendo que os únicos comentários que lhe dirigem se prendem com o facto de não receber qualquer valor monetário por praticar a modalidade. Segundo ela:

“Não, é só mesmo do género “Mas tu recebes? Estão-te a pagar para tu jogares?” Isso é mais por parte do meu pai, porque o meu pai foi jogador profissional de futebol. Mas é essa parte “oh, futsal feminino. Mas tu nem recebes e vais para lá? Nem recebes, o que é isso?”. ”

A **Entrevistada G** afirma que nunca se sentiu discriminada por praticar a modalidade. Ainda assim, revela que ouve frequentemente o comentário de que o futsal é um desporto para homens. Na sua situação:

“De uma forma geral não. Na escola e tudo, os rapazes da minha turma sempre achavam piada eu jogar bem à bola, queriam-me na equipa deles, nesse aspeto nada a apontar. Agora claro que muitas vezes ouço aquele comentário “ah, vais jogar à bola? Isso é para rapazes”, mas eu nem considero isso, nem levo isso muito a peito. E eu felizmente nunca me senti muito discriminada ou visada nesse aspeto.”

Já a **Entrevistada H** refere que já foi alvo de algumas brincadeiras, mas não considerou isso como preconceito. Segundo a entrevistada:

“Não considero isso preconceito, fizeram já brincadeiras, motivo de risota, mas não levei isso dessa forma, ri-me também com eles, achei piada. Não encarei isso dessa forma.”

2.16) Posição dominante dos homens no futsal português

O **Entrevistado A** considera que há uma dominação masculina no futsal português, dado que há maior visibilidade e mais apoios financeiros no futsal masculino do que no futsal feminino. Na sua opinião:

“Sim, por todas as circunstâncias que referi. Não é uma dominação em termos pessoais, mas por toda a envolvimento. Porque é uma liga semiprofissional, porque tem jogadores que só vivem disto, tem visibilidade, tem apoios que o futsal feminino ainda não tem. Eu acho que são esses os fatores, não é em termos pessoais como é lógico. Porque ser homem ou mulher para a prática da modalidade é indiferente.”

O **Entrevistado B** também é da opinião de que os homens assumem uma posição dominante no futsal português, sendo que isso acontece porque há maior visibilidade e é feita mais divulgação do futsal masculino. Para ele:

“Sim, acho que sim e isso acontece essencialmente pela visibilidade que o futsal masculino tem, assim como a divulgação que é feita. Quando tens o futsal português a passar todas as semanas na televisão, todos os dias tens notícias e é óbvio que o futsal masculino tem outra divulgação. Já no futsal feminino é capaz de dar 2/3 jogos anualmente, a não ser nos canais dos clubes como é o caso da Benfica TV e da Sporting TV. Tirando esses casos, eu conheço algumas equipas de futsal feminino, mas não me lembro de ter visto um único jogo delas.”

Para o **Entrevistado C** a dominação masculina no futsal português é visível e resulta de:

“Sim, sim. Acho que o essencial é haver mais visibilidade, mais apoios atribuídos, maiores valores financeiros recebidos e o facto de mobilizar mais adeptos.”

O **Entrevistado D** partilha da opinião de que os homens assumem uma posição dominante no panorama do futsal português, sendo que isso acontece porque:

“Sim, na minha opinião sim. E isso acontece essencialmente pela questão da visibilidade, os apoios atribuídos e o investimento que é feito na parte masculina e não na feminina.”

Já a **Entrevistada E** considera que a dominação masculina no futsal português se inicia nos escalões de formação. Na sua opinião, a maior visibilidade, o maior número de praticantes e o maior investimento feito no futsal masculino contribuem para a posição dominante dos homens no futsal português. Na sua perspetiva:

“Sim, assumem. Eu acho que em termos de dominação do masculino face ao feminino tem tudo que ver com o movimento das massas, de dinheiro. É o que dá mais dinheiro. Eu acho que quando se começa a evoluir e se chega a uma fase de Seniores, por exemplo, há mais visibilidade e dominância do masculino, pela quantidade de praticantes, mas também pelo dinheiro envolvido. Porque se dá dinheiro, vamos investir. Acho que infelizmente funciona muito assim. Não é só o masculino por ser masculino, tem que ver com o que dá dinheiro e o que não dá. É o que faz parte da nossa sociedade.”

A **Entrevistada F** afirma que as diferenças que permitem aos homens assumirem uma posição dominante no futsal português remetem para a maior visibilidade, mais apoios financeiros e maior número de adeptos que mobilizam. Segundo ela:

“As diferenças são algumas sim, a nível da visibilidade, dos apoios e dos adeptos que mobilizam.”

Para a **Entrevistada G**, a dominação masculina existente no futsal português resulta de:

“Sim, por tudo aquilo que referi. O futsal masculino é mais valorizado socialmente, tem mais visibilidade, mais apoios, maior investimento.”

Por fim, a **Entrevistada H** considera que os homens assumem uma posição dominante no futsal português, dado que:

“Sim, claro. O masculino tem mais apoios, mais visibilidade, tudo isso.”

2.17) Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?

O **Entrevistado A** revela que encara as desigualdades de género existentes no futsal português com alguma normalidade, dado que o futsal masculino e o futsal feminino têm realidades completamente distintas. Segundo ele:

“Eu acho que acaba por ser normal pelas realidades serem completamente distintas, incomparáveis.”

Já o **Entrevistado B** reconhece que há alguma injustiça no futsal português, mas afirma igualmente que as desigualdades acabam por ser naturais tendo em conta as especificidades da modalidade. Na sua opinião:

“Acaba por haver uma certa injustiça, mas há em tudo na vida. Mas por tudo o que eu referi anteriormente, acaba por ser algo um pouco natural.”

O **Entrevistado C** defende que deveria existir maior igualdade de género no futsal português. Na sua perspetiva:

“Acaba por ser algo natural, mas acho que deveria haver mais igualdade. Não se deveria olhar para as mulheres como inferiores, devia ser de igual para igual. Na minha opinião, o que as mulheres fazem tem o mesmo valor dos homens.”

Para o **Entrevistado D**, seria preferível haver maior igualdade. Segundo ele:

“O mais justo seria haver um equilíbrio maior, mas sabe-se que as pessoas vão sempre optar mais pelo futsal masculino do que pelo feminino.”

A **Entrevistada E** considera que se houver compreensão e aceitação das duas realidades, tudo se torna mais fácil de ultrapassar. Na sua opinião:

“Não é natural, mas se nós percebermos a realidade de cada um deixa de nos incomodar. Percebemos que não há hipótese, a realidade é esta. Há mais investimento, há mais poder, há mais tudo no masculino. Se nós conseguirmos compreender essas duas realidades, acaba por ser muito mais fácil nós evoluirmos dentro do feminino do que se estivermos agarradas ao que o masculino faz. Acho que não é uma questão de não ligar ou aceitar, é uma questão de compreensão de realidades. Claro que às vezes me incomoda, podíamos ter mais qualquer coisa. Mas se a nossa realidade é esta, temos de lutar com aquilo que temos. Não podemos ficar chateados, se eles têm aquilo e nós só temos isto, temos de aceitar.”

Já a **Entrevistada F** afirma que as desigualdades de género no futsal português não a influenciam minimamente. Contudo, considera que deveria existir maior igualdade, uma vez que as mulheres fazem tantos ou mais esforços do que os homens. No seu caso:

“Eu pessoalmente é-me indiferente, eu não estou muito preocupada sinceramente. Há muito essa ideia de que uma rapariga não pode jogar futsal, não pode jogar futebol por causa dos rótulos. Mas como atleta não me influencia minimamente. Eu pratico desporto por paixão, obviamente que é sempre bom e vantajoso ser reconhecida por aquilo que dou em campo, pela minha evolução, mas no geral, embora não goste dessa desigualdade, não é algo que me "revolte" no meu dia-a-dia. Não acho justo, óbvio que não, acho que devia de haver uma maior igualdade, porque não é por sermos raparigas que temos menos treino, esforço e talento do que os rapazes. Se calhar até temos muito mais trabalho para sermos reconhecidas e sermos alguém na vida como atleta, fazemos correr mais lágrimas e suor, fazemos mais sacrifícios para sermos "captadas" para um clube de excelência do que um rapaz, por exemplo.”

A **Entrevistada G** revela algum conformismo ao falar nas desigualdades de género existentes no futsal português. A atleta refere que as mulheres acabam por naturalizar as diferenças e que o que mais lhes importa é ter o essencial para praticar a modalidade. Na sua situação:

“São realidades incomparáveis, não tem nada que ver uma coisa com outra. Se estamos a falar de questões monetárias muito mais. Nós atletas femininas acabamos por naturalizar um bocadinho essas diferenças porque crescemos com elas, já fomos habituadas a isso. E acabamos por desvalorizar um pouco essas situações, embora claro há sempre uma situação ou outra que nos faz mais confusão. Como é que é possível que isto seja tão diferente de uns para os outros? Não pode. Mas de certa forma, acabamos por banalizar e nem nos chateamos muito com isso, porque também sabemos que há certas questões que não dependem de nós e que não vale a pena estarmos a desconcentrar-nos com isso. Desde que tenhamos o básico e aquilo que é mais essencial, o resto acabamos por fechar um bocadinho os olhos e não dar tanta importância.”

Por seu turno, a **Entrevistada H** afirma que existe alguma injustiça no futsal português. Ainda assim, considera que aos poucos se vão notando melhorias. Segundo ela:

“É algo que acaba por ser natural. É óbvio que nós atletas femininas sentimos alguma injustiça e eu não falo a nível monetário, falo a nível de eventos. O futsal masculino, se houver um evento da Taça de Portugal tem tudo e mais alguma coisa, vai para o melhor hotel e tem acesso ao melhor pavilhão. O feminino já vai para o hotel mais baratinho, já não tem acesso a tantas coisas. É óbvio que as coisas estão a mudar, ainda o ano passado na Taça de Portugal juntaram tudo, o masculino e o feminino. Mas agora tivemos a Taça da Liga e foi só masculino, não houve feminino. Portanto, ainda há aqui alguma discrepância. Vai melhorando, está-se progressivamente a ver melhorias, mas ainda há algum distanciamento.”

Em suma, e tendo em conta os depoimentos recolhidos, constatámos - ao longo dos últimos cinco tópicos que remetem para questões de género no futsal português - que o campo desportivo em Portugal se assume como um espaço de dominação masculina. Os entrevistados referem que, apesar de ter havido melhorias nos últimos anos, o futsal feminino ainda tende a ser desvalorizado socialmente. O futsal masculino reúne maior visibilidade nos meios de comunicação social, maior divulgação e promoção, mais apoios

financeiros e maior número de adeptos e praticantes. Ao nível dos valores monetários recebidos por atletas masculinos e atletas femininos, todos os entrevistados consideraram que as realidades são completamente incomparáveis. A discrepância é enorme e os atletas acreditam que nunca haverá uma aproximação de valores, muito menos uma igualdade. A profissionalização é atualmente impossível no futsal feminino português e a única opção das atletas femininas passa pela emigração para países como Espanha ou Itália, onde existem equipas femininas profissionais.

Estas desigualdades são, muitas das vezes, experienciadas como injustiça pelas atletas, mas estas assumem uma postura conformista. As entrevistadas afirmam que cresceram com essas desigualdades e que muito dificilmente as conseguirão inverter. De salientar que continua a existir a ideia de que o futsal não é para as mulheres, sendo este encarado socialmente como um desporto masculino. Contudo, verificam-se mudanças ao nível das mentalidades e as pessoas começam a aceitar cada vez melhor o facto de as mulheres praticarem a modalidade.

Enquanto aspeto mais negativo, assinala-se a persistência de situações discriminatórias e preconceituosas como aquela que o entrevistado E nos deu a conhecer. Para além disso, o entrevistado F revelou que existe alguma discriminação a nível sexual, dado que, não raras vezes, se associa a prática da modalidade por parte das mulheres à homossexualidade.

2.18) Vida pós-futsal

Por fim, o último tópico que iremos abordar remete para as perspetivas de vida futuras dos entrevistados quando estes deixarem de praticar a modalidade.

O **Entrevistado A** afirma que ainda não tem nada em concreto para a sua vida no pós futsal. Contudo, revela que pensa apostar numa carreira profissional na sua área de formação académica. Vejamos a sua situação:

“Não tenho ainda nada idealizado pós futsal. Tenho uma vaga ideia, mas que não é certo. Vou tentar alicerçar nestes próximos anos para que quando começar a minha fase descendente na modalidade, possa já estar numa fase ascendente da minha outra profissão.”

O **Entrevistado B** deixou bem explícito o desejo de continuar ligado ao desporto. Segundo ele:

“O ideal seria estar ligado ao desporto, não sei a área ao certo, mas era algo que gostava. Certamente que irei tentar continuar ligado ao desporto, porque isso é o que eu gosto de fazer.”

Já o **Entrevistado C** não se imagina ligado ao desporto no futuro. O entrevistado deseja focar-se na sua vida pessoal, na sua família e emprego. No seu caso:

“Neste momento, não me imagino ligado ao desporto seja como treinador ou treinador-adjunto, não me vejo a exercer essas funções. Imagino-me a deixar de ser atleta e a concentrar-me mais na minha vida, na minha família e no meu trabalho.”

Para o **Entrevistado D** é difícil imaginar a sua vida sem a prática da modalidade. Ainda assim, no futuro espera acompanhar a modalidade e transmitir o gosto pelo futsal aos seus filhos. Para o entrevistado:

“Isso é um bocado difícil, porque ainda não me consigo imaginar sem jogar futsal. Mas se algum dia isso tiver que acontecer, e espero que não seja tão cedo, espero passar a motivação que eu tive e tudo o que aprendi aos meus filhos. Sinceramente não me vejo como treinador ou adjunto qualquer coisa assim, mas espero estar sempre a par dos resultados e do que se passa na modalidade.”

A **Entrevistada E**, por sua vez, considera que a sua vida pós futsal está muito bem idealizada e o seu desejo é continuar ligada à modalidade. Vejamos a sua situação:

“Pós futsal, neste momento, está muito bem idealizada. Há dois anos não estava, tinha muita dificuldade, para mim pensar em deixar de jogar era péssimo, não conseguia. Neste momento, eu consigo pensar em deixar de jogar, porque consegui colmatar essa necessidade do desporto com a minha profissão. Sendo massagista, eu quero trabalhar na área do Desporto, trabalhar com equipas – seja em futebol, futsal ou andebol, o que seja, mas se pudesse ser em futsal era o ideal – mas não podendo, desde que esteja ligada ao desporto, para mim era o ideal. Se eu, neste momento, tiver de deixar de jogar é mais pacífico. Mas o meu futuro continuará sempre ligado ao futsal.”

A **Entrevistada F** tem o desejo de criar uma instituição de apoio a jovens e continuar ligada a um clube. Segundo ela:

“A minha ideia sempre foi criar uma instituição de apoio a jovens e estar ligada a um clube. Era estar ligada às camadas jovens e, se possível, ter uma instituição minha de apoio a jovens em que tivesse vários tipos de modalidades não só o futsal, mas também dança, karaté, judo, o que fosse. Várias modalidades tipo academia de desporto, mas

mais de apoio a jovens, onde também fosse possível fazer tpc's, tivesse um psicólogo que te ajudasse pós aulas, etc."

A **Entrevistada G** considera que não ficará ligada ao futsal quando terminar a sua carreira de atleta, no entanto, admite que continuará a acompanhar a modalidade. O seu objetivo passa por dedicar-se mais à sua vida profissional. No seu caso:

"No pós futsal, acho que não vou conseguir ficar logo ligada à modalidade, por exemplo, deixo de jogar sou treinadora, diretora ou qualquer coisa, pelo menos naquele ano ou 2/3 anos a seguir, acho que não. Tenho de ir acompanhando mas por fora, até para descansar um bocadinho a cabeça e dedicar-me um bocadinho mais à minha vida profissional, tentar chegar o mais longe possível. E depois a nível profissional também gostava de ter outros projetos, projetos meus de investimentos e outras coisas. Mas é algo que eu também só quero fazer pós futsal, porque neste momento não tenho condições financeiras nem capacidade para tal, assim como não ia ter tempo tendo em conta que tenho o futsal neste momento da minha vida, em que ainda me sinto bem fisicamente para poder competir."

Por fim, a **Entrevistada H** revela que o seu maior desejo é ter estabilidade a nível profissional. No entanto, afirma que prefere viver o dia-a-dia e não fazer grandes projetos a longo prazo. Para a entrevistada:

"A nível profissional, eu a curto ou médio prazo gostaria de ter um emprego bom e ter alguma estabilidade. Mas se não fizer nada no dia-a-dia, se eu não viver o dia-a-dia, eu não vou ter isso. Portanto, eu por acaso desfoco um bocadinho desse pensamento a longo prazo. Ainda tenho muitos anos para jogar."

Para concluir, referir que, regra geral, os entrevistados revelaram que se sentem pessoas realizadas, ainda que salientem que há objetivos por atingir. Os atletas consideraram ter feito boas escolhas ao longo dos seus percursos de vida, contudo, referem que mudariam algumas das opções que tomaram, nomeadamente a nível escolar, ao nível da formação académica e da escolha profissional.

IV - Considerações finais e propostas futuras

1) Principais conclusões

Neste ponto iremos tecer as principais conclusões a que chegámos no final da presente investigação. Desde logo, importa responder às perguntas de partida que guiaram toda a pesquisa. No que concerne à questão “De que forma o futsal pode ser perspectivado enquanto agente de construção identitária do indivíduo?”, concluímos que, segundo os entrevistados, os clubes se apresentam como instituições que contribuem para a construção identitária dos atletas. Ao longo desta dissertação, verificámos que a construção da identidade sofre múltiplas influências sociais e de facto, analisando os testemunhos dos entrevistados, podemos afirmar que a família, a escola e os clubes desempenham um papel ativo no que diz respeito à construção da identidade dos indivíduos.

Os clubes assumem-se igualmente como importantes agentes de socialização, transmitindo um conjunto de valores e normas sociais aos seus atletas. As instituições desportivas ajudam a moldar comportamentos, atitudes, hábitos e práticas sociais. Assim, as formas de sentir, pensar e agir dos indivíduos são influenciadas pela pertença aos clubes.

Para além disso, as instituições desportivas possibilitam um sentimento de inclusão social, dado que os indivíduos ao fazerem parte de um clube tendem a desenvolver sentimentos de pertença ao coletivo. A pertença aos clubes permite que os indivíduos criem laços de sociabilidade que, no caso dos entrevistados, se traduzem, não raras vezes, em fortes relações de amizade. Este foi um dos aspetos mais evidenciados pelos atletas, visto que estes conferem enorme importância às relações que criam no seio dos clubes. Esta acaba por ser uma das principais razões que leva os entrevistados a praticar e permanecer na modalidade. No fundo, os indivíduos para além de desenvolverem o seu capital social, sentem-se socialmente incluídos e aceites num grupo.

Em suma, o futsal tem impacto em várias dimensões da vida dos indivíduos e, ao longo desta investigação, procurámos conhecer esses impactos na família, na vida amorosa, na escola, no trabalho, na vida social e na questão económica. Depois de atendermos aos testemunhos dos atletas, verificámos que o futsal foi muitas das vezes uma prioridade em relação às demais dimensões da vida dos indivíduos. O gosto de

praticar a modalidade e a paixão pelo futsal leva a que os entrevistados se sintam satisfeitos e realizados com as escolhas que fizeram ao longo dos seus percursos de vida.

Já no que respeita à questão “Em que medida o futsal reproduz, atenua ou acentua as desigualdades de género existentes na sociedade?”, concluímos que o futsal reproduz e pode até acentuar as desigualdades de género existentes nos demais campos sociais. O futsal assume-se como um espaço de dominação masculina, onde os homens são sempre valorizados em relação às mulheres. A partir das entrevistas, verificámos que o futsal masculino tem maior visibilidade e reconhecimento social, há mais apoio financeiro e investimento no futsal masculino, os valores monetários recebidos no futsal por atletas masculinos são incomparavelmente superiores aos das atletas femininas, o número de praticantes e o número de adeptos são também bastante superiores no futsal masculino. Neste sentido, concluímos que as desigualdades de género marcam fortemente a modalidade.

Com esta pesquisa podemos concluir que as mulheres têm de lidar com várias assimetrias e obstáculos para poderem praticar a modalidade. As resistências que dificultam a entrada e a permanência das mulheres no futsal começam, muitas das vezes, em casa. Os pais impedem/proíbem as atletas de praticar uma modalidade que, no seu entender, é masculina. Na verdade, o estigma associado à modalidade, na grande maioria por parte dos homens, faz com que as mulheres sejam alvo de alguns rótulos e preconceitos. Os parceiros amorosos também se mostram, muitas vezes, contra a prática da modalidade por parte das mulheres, o que as coloca numa situação difícil, gerando vários conflitos. Assim, percebemos que os percursos desportivos das mulheres no futsal português não são apenas marcados por vitórias e sucessos, mas também por dificuldades, lutas e resistências.

As desigualdades de género no futsal português resultam não só das práticas dos clubes, mas igualmente das Federações. Estas investem mais nas equipas masculinas, conferindo-lhes maior visibilidade e destaque nos meios de comunicação social. Atribuem igualmente mais apoios e patrocinadores que, por seu turno, investem mais dinheiro nas equipas. Estas acabam por ter melhores condições para a prática da modalidade e os seus atletas recebem melhores salários. Estes são alguns dos muitos fatores que possibilitam aos homens assumir uma posição dominante no futsal português. No fundo, mantém-se uma profunda desigualdade nas condições de trabalho entre

homens e mulheres, principalmente nos recursos que são aplicados a favor de uns e de outros. As mulheres continuam a ter ausência de vencimentos na prática da modalidade.

Em suma, o desporto é um campo extremamente hierarquizado e masculinizado, sendo caracterizado por profundas desigualdades de género. Ainda assim, podemos considerar que se têm vindo a efetuar pequenas melhorias ao longo dos últimos anos e o futsal feminino já não é tão desvalorizado socialmente como fora outrora. O futsal não é um espaço exclusivamente masculino, mas ainda está longe de ser um lugar de igualdade de oportunidades. Desta forma, temos de reconhecer que as lutas das atletas femininas são diárias, visto que as desigualdades de género são significativas. Por essa razão, o facto de as mulheres permanecerem na modalidade já denota uma ação de resistência.

Para que o futsal feminino continue a evoluir, as entrevistadas consideram que será essencial investir na formação, incentivar a criação de escalões jovens para raparigas, acompanhar a permanência das mulheres na modalidade, investir na ampliação das oportunidades da prática desportiva para todas as mulheres e dar maior visibilidade mediática ao futsal feminino. As atletas entrevistadas desejam que as políticas públicas privilegiem a ampliação do acesso das mulheres à modalidade, oferecendo melhores condições que permitam a permanência nesse campo.

Em relação a episódios discriminatórios, preconceitos e estereótipos apenas uma atleta afirmou ter experienciado situações desse género. As restantes entrevistadas revelam que já foram alvo de alguns comentários, mas que isso não as perturbou de forma significativa. Segundo elas, os comentários que referem que o futsal é um desporto masculino e que as mulheres não deviam praticá-lo ainda acontecem com alguma frequência, o que espelha que o preconceito ainda permanece.

Por fim, verificámos que, apesar de as mulheres terem plena consciência e reconhecerem a existência de fortes desigualdades de género no futsal português, existe por parte das atletas um grande conformismo perante esta situação. As entrevistadas afirmam estar habituadas às desigualdades, tendo crescido com elas e, como tal, será muito difícil invertê-las. Por isso, apesar de se sentirem injustiçadas, revelam-se incapazes de alterar a situação e pouco ou nada fazem nesse sentido.

2) Pistas futuras

Esta investigação caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, tendo como objetivo conhecer e interpretar um conjunto de representações e significados que os atores sociais dão à sua experiência quotidiana. Desta forma, procurámos conhecer vários aspetos da vida dos atletas entrevistados, tendo em conta diversas dimensões como a familiar, cultural, desportiva, escolar, social e económica. O que pretendemos com esta pesquisa foi realizar um estudo aprofundado, de alguns casos de jogadores com histórias de vida distintas e percursos no futsal diferenciados.

Neste sentido, e por se tratar de um estudo intensivo, mas com pouca capacidade de generalização, impõe-se que se continue a investigar para se conseguir uma aproximação mais fidedigna à realidade do desporto português. Nesta investigação foram entrevistados oito atletas de futsal, o que significa que a amostra foi bastante reduzida. Será importante desenvolver mais estudos, tendo em conta um maior número de atletas entrevistados e também outro tipo de dimensões que não foram aqui abordadas. Poderá ser interessante conhecer as aspirações de jovens atletas que ainda se encontram nos escalões de formação ou ficar a conhecer as histórias de vida de ex-atletas que entretanto se retiraram da modalidade. Neste caso, poder-se-ia tentar perceber como foi experienciada a situação de abandono da modalidade e que repercussões isso teria tido na vida dos antigos atletas.

Para além disso, e tendo como objetivo uma análise mais extensiva dos fenómenos aqui tratados, poder-se-ia fazer uma análise quantitativa, de forma a conseguirmos obter resultados mais representativos do universo dos jogadores de futsal em Portugal. Dever-se-ia analisar atletas que competem nas diversas divisões da modalidade.

Por último, será importante fazer-se mais investigações na área do desporto, uma vez que, como vimos ao longo desta dissertação, este assume uma crescente importância social nas sociedades modernas. O campo desportivo é uma área do conhecimento pouco explorada e que se constitui como um espaço de enormes possibilidades de investigação. Assim, urge a produção de conhecimentos de forma sistemática e regular na Sociologia do Desporto.

Referências bibliográficas

ABRANTES, Pedro (2011) - Para uma teoria da socialização. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. [em linha]. Vol. XXI, 2011, p.121-139. [consultado a 04.ABR.2017]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9864.pdf>

ARAÚJO, Amadeu Gomes de (2000) – Desporto e Sociedade. **Administração**. [em linha]. Vol. XII, nº49, p. 977-981. [consultado a 10.OUT.2016]. Disponível em http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004266.

BATISTA, João e PIRES, Rui (1989) – O desporto nas sociedades modernas. **Sociologia**. [em linha]. Nº6, p. 11-21. [consultado a 10.OUT.2016]. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/978>.

BOURDIEU, Pierre (2012) – **A dominação masculina**. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. ISBN 978-85-286-0705-5

BOURDIEU, Pierre (2007) – **A distinção. Crítica social do julgamento**. São Paulo: Zouk. ISBN 978-85-88840-68-3.

BOURDIEU, Pierre (2006) - A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína, org - **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. ISBN 978-85-225-0907-2. p. 183-191.

BRANDÃO, Ana Maria (2008) - Dissidência sexual, género e identidade. In Congresso Português de Sociologia, VI, Lisboa, 2008 - **Mundos Sociais: Saberes e Práticas**. [em linha]. p.1-15. [consultado a 01.NOV.2016]. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8053/1/Dissidencia%20sexual.pdf>

BRANDÃO, Ana Maria (2007) - Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica. **Configurações**. [em linha]. Nº3, p. 83-106. [consultado a 05. DEZ. 2016]. Disponível em [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%2520a%2520Vida%2520Vivida%2520\(2\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%2520a%2520Vida%2520Vivida%2520(2).pdf).

BROMBERGER, Christian (1995) - Football as world-view and as ritual. **French Cultural Studies**. [em linha]. N°6, p.293-311. [consultado a 22. OUT. 2016]. Disponível em <http://history.msu.edu/hst455/files/2012/05/Bromberger-1995.pdf>

CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raymond (1998) - **Manual de investigação em ciências sociais**. 2.^a ed. revista e aumentada. Lisboa: Gradiva. ISBN 972-662-275-1.

CARVALHO, Mauro (2012) - A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR. **Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul**. [em linha]. v.20, nº 1, p.209-227, jan./jun.2012. [consultado a 16.MAI.2017]. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/2161/2521>

CLARO, Vanessa (2016) - **Percursos de jogadores de futsal portugueses: uma pesquisa sobre socialização**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado em Sociologia.

COSTA, António da Silva (1992) – Desporto e análise social. **Sociologia**. [em linha]. Série I, vol. 02, p. 101-109. Local: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. [consultado a 08.OUT.2016]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6671.pdf>.

CRUCIANI, Juliana Menezes; BUZATO, Marcelo El Khouri (2009) - Cultura e Identidade no Espaço Escolar: O Olhar do outro na (re) construção do eu. [em linha]. **Anais do III Encontro Internacional de Letras, I encontro nacional de transculturalidade, linguagem e educação**, 2009, Foz do Iguaçu, em CD-ROM. ISSN: 2175 389x. [consultado a 15.MAI.2017]. Disponível em [http://www4.iel.unicamp.br/projetos/lfcd/downloads/CRUCIANI%20&%20BUZATO%202009_Cultutra%20e%20Identidade%20no%20Espa%20E7o%20Escolar_O%20Olhar%20do%20Outro%20na%20\(Re\)%20constru%20E7%E3o%20do%20Eu.pdf](http://www4.iel.unicamp.br/projetos/lfcd/downloads/CRUCIANI%20&%20BUZATO%202009_Cultutra%20e%20Identidade%20no%20Espa%20E7o%20Escolar_O%20Olhar%20do%20Outro%20na%20(Re)%20constru%20E7%E3o%20do%20Eu.pdf)

DUBAR, Claude (2006) - **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 978-972-36-0835-9.

DUBAR, Claude (1997) - **A Socialização: Construção das Identidades Sociais**. Porto: Porto Editora. ISBN 2-200-21620-3.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric (1992) – **A busca da excitação**. Lisboa: Difel. ISBN 972-29-0203-2.

FERNANDES, António Teixeira (2007/2008) - Sociedade, família e escola. **Sociologia**. [em linha]. Série I, vol. 17/18, p. 253-266. Local: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. [consultado a 11.MAI.2017]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5515.pdf>

FERRONATO, Vivian (2015) - A Importância da Família na Formação Social do Adolescente. **Revista de Educação**. [em linha]. Vol.18, nº 24, p.3-9. [consultado a 18.NOV.2016]. Disponível em www.pgskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/download/3341/3008.

FREITAS, Clara (2000) - **O Significado Social do Desporto nas Classes Sociais: uma análise do fenómeno**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto.

GIDDENS, Anthony (1997) - **Modernidade e Identidade Pessoal**. 2ª ed. Oeiras: Celta Editora. ISBN: 972-8027-73-7

HELAL, Ronaldo (1990) - **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense. ISBN 851-101-235-4.

JAEGER, Angelita Alice; GOMES, Paula Botelho; SILVA, Paula; GOELLNER, Silvana Vilodre (2010) - Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**. Vol. 16, nº 1, p. 245-267. Porto Alegre.

JARVIE, Grant (2006) – **Sport, Culture and Society: An Introduction**. Oxford: Routledge. ISBN 0-415-30647-7

JUNIOR, Paulo Lima e MASSI, Luciana (2015) – Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. **Ciência & Educação (Bauru)**. [em linha]. Vol. 21, nº3, p. 559-574. [consultado a 28.DEZ.2016]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n3/1516-7313-ciedu-21-03-0559.pdf>.

LAHIRE, Bernard (2013) – **O singular plural**. [em linha]. p.16-26. [consultado a 03.DEZ.2016]. Disponível em http://sociofilo.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2013/12/2_Lahire.pdf

LAHIRE, Bernard (2005) - Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**. [em linha]. Nº 49, p. 11-42. [consultado a 03.DEZ.2016]. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n49/n49a02.pdf>.

LAHIRE, Bernard (2004) – **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed. ISBN 8536302127

LALANDA, Piedade (1998) - Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. **Análise Social**. [em linha]. Vol. XXXIII, nº148, p. 871-883. [consultado a 2.JAN.2017]. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176EljDU8rb4Nc15SI4.pdf>.

LOPES, Felipe (2014) - Esporte e classe social na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Espaço Ética: Educação, Gestão e Consumo**. ISSN: 2358-0224. São Paulo: Ano I, nº03, Setembro/Dezembro de 2014, p. 168-182.

LOPES, João Teixeira (2014) - Retratos sociológicos. Dispositivo metodológico para uma sociologia da pluralidade disposicional. In TORRES, Leonor Lima e PALHARES, José Augusto, org - **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação**. V. N. Famalicão: Húmus. ISBN 978-989-755-050-8. p. 99-112.

MARIVOET, Salomé (2014) – Inclusão social no desporto. Contributos para uma nova área de investigação. In Congresso Português de Sociologia, VIII, Évora, 2014 - **40 anos de democracia(s): progressos, contradições e prospetivas**. [em linha]. p.1-12 [consultado a 14.OUT.2016]. Disponível em http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0684.pdf.

MARIVOET, Salomé (2002) – **Assimetrias e afinidades de género no desporto. Actas do Colóquio Internacional “Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas”**. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2002. [em linha]. p.423-432. [consultado a 21.NOV.2016]. Disponível em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR49f83c627ef5f_1.pdf

MARIVOET, Salomé (2000) - PRÁTICAS DESPORTIVAS NA SOCIEDADE PORTUGUESA (1988-1998). In Congresso Português de Sociologia, IV, Coimbra, 2000 - **Sociedade portuguesa: passados recentes, futuros próximos**. [Em linha]. [consultado

a 3.NOV.2016]. Disponível em
https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1610/1/SMarivoet_IV%20Congresso%20Portugu%C3%AAs%20de%20Sociologia_1.pdf

MARIVOET, Salomé (1997) – Dinâmicas sociais nos envolvimento desportivos. **Sociologia, Problemas e Práticas**. [em linha]. Nº 23, p. 101-113. [consultado a 28. OUT.2016]. Disponível em <https://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/858/1/8.pdf>.

NUNES, João Sedas (2012) – PARA UMA SOCIOLOGIA DA CONDIÇÃO ADEPTA (DE FUTEBOL) EM PORTUGAL. In Congresso Português de Sociologia, VII, Porto, 2012 – **Sociedade, Crise e Reconfigurações**. [Em linha]. p.1-11. [consultado a 12.NOV.2016]. Disponível em http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0902_ed.pdf

PAPPÁMIKAIL, Lia (2010) - Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**. [em linha]. Vol. XX, 2010, p.395-410. [consultado a 04.ABR.2017]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8809.pdf>

PINTO, José Madureira (1991) – Considerações sobre a produção social de identidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. [em linha]. Nº 32, p. 217-231. Faculdade de Economia da Universidade do Porto. [consultado a 28.NOV.2016]. Disponível em <http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/32/Jose%20Madureira%20Pinto%20-%20Consideracoes%20Sobre%20a%20Producao%20Social%20de%20Identidade.pdf>.

RODRIGUES, Francisco (2002) - FUTEBOL E TEORIA SOCIAL: INTRODUÇÃO A UMA SOCIOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO. In Congresso da Associação Brasileira de Antropologia, XXIII, Gramado, 2002 - **RBA - Reunião Brasileira de Antropologia**. [em linha]. p.1-16. [consultado a 13.DEZ.2016]. Disponível em http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/034836_Rodrigues%20-%20Futebol%20e%20teoria%20social.pdf

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1969) - Família e "Socialização": um Aspecto da Evolução Social Contemporânea. **Análise Social**. [em linha]. Vol. VII, 25-26, p. 67-84. [consultado a 15.MAI.2017]. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224253589K0xTB3uv8Hy76SY8.pdf>

SOUSA, Ana Margarida (2012) – O papel e uso social das casas do Benfica para o seu desenvolvimento enquanto organização desportiva. In Congresso Português de Sociologia, VII, Porto, 2012 – **Sociedade, Crise e Reconfigurações**. [em linha]. p.1-13 [consultado a 11.NOV.2016]. Disponível em <http://livrozilla.com/doc/275693/%C3%A1rea-tem%C3%A1tica--sociologia-do-desporto-sousa--ana-margarida>

ANEXOS

Anexo I - Guião de Entrevista Atleta Profissional Masculino

A presente entrevista será realizada no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o objetivo passa por contruir uma trajetória de vida do atleta. A partir da entrevista, procurar-se-á perceber qual a importância social e cultural do desporto, neste caso do futsal, para o indivíduo. Assim, importa conhecer até que ponto o futsal se apresenta enquanto agente de socialização, inclusão social e de construção da própria identidade. Para além disso, procurar-se-á, ainda, perceber o impacto que o futsal tem nas restantes dimensões da vida do indivíduo - escolar, familiar, profissional e económica.

Por fim, tentaremos perceber se o futsal se apresenta como um espaço de dominação masculina e se, de facto, reproduz as desigualdades de género existentes nas restantes esferas que compõem a sociedade.

Família:

- Fale-me da sua estrutura familiar e da importância da mesma no seu percurso e na construção da sua identidade;
- Como era a sua relação com o seu pai quando era criança? E como é atualmente?
- Como era a sua relação com a sua mãe quando era criança? E como é atualmente?
- Como era a relação dos seus pais quando era criança? E como é atualmente?
- Para si, qual é a importância da Infância e da Juventude?
- Como é que avalia a educação e as condições de vida que teve durante a sua infância e juventude? Que importância lhes atribui atualmente?
- Qual a importância da sua família na sua escolha pelo futsal?
- Sempre sentiu apoio e aprovação dos seus familiares na prática da modalidade?

Dimensão cultural:

- Quais são as celebrações culturais mais importantes para si?
- O que acha do crescimento a que o futsal português tem assistido nos últimos anos?
- Acha que o futsal pode ser visto enquanto tradição cultural?

- Acha que o futsal pode ser visto enquanto herança cultural?

Vida amorosa:

- De que forma a pessoa que está a seu lado o apoia no futsal?
- Qual a importância dessa pessoa na prática da modalidade?
- Sente que há compreensão e aceitação a 100% dessa pessoa?
- A prática da modalidade já lhe causou problemas/dificuldades na relação ou em relações anteriores?

Pertença a um coletivo:

- Fale-me da experiência de pertencer a um clube e em que ponto é que a mesma contribui para a sua identidade, a sua inclusão, a sua socialização e todo o seu percurso de vida;
- O que é que considera ser mais importante ao fazer parte de uma instituição desportiva?
- Quais foram os valores e as normas que recebeu dos clubes por onde passou?
- Na sua opinião, quais são as normas e os valores que os clubes devem passar aos seus atletas?

Educação/Formação:

- Qual é a sua escolaridade?
- Depois de acabar a escola quais eram os seus projetos? Qual era a profissão que desejava vir a ter e porquê?
- Depois de acabar a sua formação, quais eram as ideias dos seus pais para o seu futuro?
- Qual era a importância que atribuía à escola quando a frequentava? E agora que importância lhe atribui?
- Qual o papel da entidade escolar na formação da sua identidade?
- Fale-me de que forma se concilia a escola com o futsal;
- A escola teve alguma influência na sua escolha pelo futsal?

Redes de sociabilidade:

- Fale-me da sua paixão pelo futsal;
- Fale-me das amizades e inimizades que se criam no seio da modalidade;
- Fale-me da importância do espírito de equipa;
- Fale-me das tensões que se vivem e criam dentro do campo;
- Qual a importância que atribui aos adeptos para o crescimento da modalidade?
- O que é que retira de mais importante na prática da modalidade para a sua vida pessoal?

Trabalho:

- Fale-me da experiência de ser profissional de futsal;
- Esta foi a profissão que sempre idealizou/desejou?
- Alguma vez ponderou ser possível fazer daquilo que se ama profissão?
- Há quanto tempo pratica a modalidade?
- Já praticou outro desporto ou modalidade?
- O que o fez escolher o futsal e não outro desporto?
- Quais as principais motivações que o levam a praticar a modalidade?
- Do ponto de vista financeiro, compensa ser profissional de futsal? É possível dedicar-se única e exclusivamente à modalidade?

Género no futsal português:

- Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino português?
- Considera ser possível pensar-se na profissionalização do futsal feminino em Portugal?
- Considera que o futsal feminino é desvalorizado? Por que é que isso acontece?
- Como encara as desigualdades nos valores monetários recebidos por atletas masculinos e femininos através do futsal?
- Tem conhecimento de algum tipo de discriminação, preconceito ou estereótipo em relação ao futsal feminino ou em relação a alguma atleta/conjunto de atletas?

- Sente que os homens assumem uma posição dominante no panorama do futsal português? Por que é que isso acontece? Onde é que essa posição de dominação é mais visível?
- Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?

Crenças/Perspetivas futuras:

- Fale-me das suas crenças antes e durante os jogos, das suas rotinas e rituais;
- O facto de praticar a modalidade influenciou de alguma forma o objetivo de constituir família (casar e ter filhos)? Sente que teve/terá de retardar esses momentos para se dedicar à prática da modalidade?
- Fale-me de como idealiza a sua vida pós futsal;
- Fale-me das suas expectativas futuras;
- O que considera que falta fazer no futsal português para que este continue a crescer?
- Olhando para a sua vida como um todo, está satisfeito com as escolhas que fez até aos dias de hoje? Há algo que gostasse mesmo de mudar? Sente-se uma pessoa realizada?

Anexo II - Guião de Entrevista Atleta Amador Masculino

A presente entrevista será realizada no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o objetivo passa por contruir uma trajetória de vida do atleta. A partir da entrevista, procurar-se-á perceber qual a importância social e cultural do desporto, neste caso do futsal, para o indivíduo. Assim, importa conhecer até que ponto o futsal se apresenta enquanto agente de socialização, inclusão social e de construção da própria identidade. Para além disso, procurar-se-á, ainda, perceber o impacto que o futsal tem nas restantes dimensões da vida do indivíduo - escolar, familiar, profissional e económica.

Por fim, tentaremos perceber se o futsal se apresenta como um espaço de dominação masculina e se, de facto, reproduz as desigualdades de género existentes nas restantes esferas que compõem a sociedade.

Família:

- Fale-me da sua estrutura familiar e da importância da mesma no seu percurso e na construção da sua identidade;
- Como era a sua relação com o seu pai quando era criança? E como é atualmente?
- Como era a sua relação com a sua mãe quando era criança? E como é atualmente?
- Como era a relação dos seus pais quando era criança? E como é atualmente?
- Para si, qual é a importância da Infância e da Juventude?
- Como é que avalia a educação e as condições de vida que teve durante a sua infância e juventude? Que importância lhes atribui atualmente?
- Qual a importância da sua família na sua escolha pelo futsal?
- Sempre sentiu apoio e aprovação dos seus familiares na prática da modalidade?

Dimensão cultural:

- Quais são as celebrações culturais mais importantes para si?
- O que acha do crescimento a que o futsal português tem assistido nos últimos anos?

- Acha que o futsal pode ser visto enquanto tradição cultural?
- Acha que o futsal pode ser visto enquanto herança cultural?

Vida amorosa:

- De que forma a pessoa que está a seu lado o apoia no futsal?
- Qual a importância dessa pessoa na prática da modalidade?
- Sente que há compreensão e aceitação a 100% dessa pessoa?
- A prática da modalidade já lhe causou problemas/dificuldades na relação ou em relações anteriores?

Pertença a um coletivo:

- Fale-me da experiência de pertencer a um clube e em que ponto é que a mesma contribui para a sua identidade, a sua inclusão, a sua socialização e todo o seu percurso de vida;
- O que é que considera ser mais importante ao fazer parte de uma instituição desportiva?
- Quais foram os valores e as normas que recebeu dos clubes por onde passou?
- Na sua opinião, quais são as normas e os valores que os clubes devem passar aos seus atletas?

Educação/Formação:

- Qual é a sua escolaridade?
- Depois de acabar a escola quais eram os seus projetos? Qual era a profissão que desejava vir a ter e porquê?
- Depois de acabar a sua formação, quais eram as ideias dos seus pais para o seu futuro?
- Qual era a importância que atribuía à escola quando a frequentava? E agora que importância lhe atribui?
- Qual o papel da entidade escolar na formação da sua identidade?
- Fale-me de que forma se concilia a escola com o futsal;
- A escola teve alguma influência na sua escolha pelo futsal?

Redes de sociabilidade:

- Fale-me da sua paixão pelo futsal;
- Fale-me das amizades e inimizades que se criam no seio da modalidade;
- Fale-me da importância do espírito de equipa;
- Fale-me das tensões que se vivem e criam dentro do campo;
- Qual a importância que atribui aos adeptos para o crescimento da modalidade?
- O que é que retira de mais importante na prática da modalidade para a sua vida pessoal?

Trabalho:

- Fale-me de como é ter o futsal enquanto “hobby” e se a aspiração alguma vez foi a de o ter como profissão;
- Fale-me de como se concilia o futsal com outra atividade profissional. Quais as maiores dificuldades que encontra?
- Sente que o facto de não se dedicar a 100% à modalidade afeta o seu rendimento desportivo?
- A prática da modalidade traz ou já trouxe malefícios à sua atividade profissional?
- Há quanto tempo pratica a modalidade?
- Já praticou outro desporto ou modalidade?
- O que o fez escolher o futsal e não outro desporto?
- Quais as principais motivações que o levam a praticar a modalidade?

Género no futsal português:

- Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino português?
- Considera ser possível pensar-se na profissionalização do futsal feminino em Portugal?
- Considera que o futsal feminino é desvalorizado? Por que é que isso acontece?
- Como encara as desigualdades nos valores monetários recebidos por atletas masculinos e femininos através do futsal?
- Tem conhecimento de algum tipo de discriminação, preconceito ou estereótipo em relação ao futsal feminino ou em relação a alguma atleta/conjunto de atletas?

- Sente que os homens assumem uma posição dominante no panorama do futsal português? Por que é que isso acontece? Onde é que essa posição de dominação é mais visível?
- Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?

Crenças/Perspetivas futuras:

- Fale-me das suas crenças antes e durante os jogos, das suas rotinas e rituais;
- O facto de praticar a modalidade influenciou de alguma forma o objetivo de constituir família (casar e ter filhos)? Sente que teve/terá de retardar esses momentos para se dedicar à prática da modalidade?
- Fale-me de como idealiza a sua vida pós futsal;
- Fale-me das suas expectativas futuras;
- O que considera que falta fazer no futsal português para que este continue a crescer?
- Olhando para a sua vida como um todo, está satisfeito com as escolhas que fez até aos dias de hoje? Há algo que gostasse mesmo de mudar? Sente-se uma pessoa realizada?

Anexo III - Guião de Entrevista Atleta Amadora Feminina

A presente entrevista será realizada no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o objetivo passa por contruir uma trajetória de vida do atleta. A partir da entrevista, procurar-se-á perceber qual a importância social e cultural do desporto, neste caso do futsal, para o indivíduo. Assim, importa conhecer até que ponto o futsal se apresenta enquanto agente de socialização, inclusão social e de construção da própria identidade. Para além disso, procurar-se-á, ainda, perceber o impacto que o futsal tem nas restantes dimensões da vida do indivíduo - escolar, familiar, profissional e económica.

Por fim, tentaremos perceber se o futsal se apresenta como um espaço de dominação masculina e se, de facto, reproduz as desigualdades de género existentes nas restantes esferas que compõem a sociedade.

Família:

- Fale-me da sua estrutura familiar e da importância da mesma no seu percurso e na construção da sua identidade;
- Como era a sua relação com o seu pai quando era criança? E como é atualmente?
- Como era a sua relação com a sua mãe quando era criança? E como é atualmente?
- Como era a relação dos seus pais quando era criança? E como é atualmente?
- Para si, qual é a importância da Infância e da Juventude?
- Como é que avalia a educação e as condições de vida que teve durante a sua infância e juventude? Que importância lhes atribui atualmente?
- Qual a importância da sua família na sua escolha pelo futsal?
- Sempre sentiu apoio e aprovação dos seus familiares na prática da modalidade?

Dimensão cultural:

- Quais são as celebrações culturais mais importantes para si?
- O que acha do crescimento a que o futsal português tem assistido nos últimos anos?
- Acha que o futsal pode ser visto enquanto tradição cultural?

- Acha que o futsal pode ser visto enquanto herança cultural?

Vida amorosa:

- De que forma a pessoa que está a seu lado a apoia no futsal?
- Qual a importância dessa pessoa na prática da modalidade?
- Sente que há compreensão e aceitação a 100% dessa pessoa?
- A prática da modalidade já lhe causou problemas/dificuldades na relação ou em relações anteriores?

Pertença a um coletivo:

- Fale-me da experiência de pertencer a um clube e em que ponto é que a mesma contribui para a sua identidade, a sua inclusão, a sua socialização e todo o seu percurso de vida;
- O que é que considera ser mais importante ao fazer parte de uma instituição desportiva?
- Quais foram os valores e as normas que recebeu dos clubes por onde passou?
- Na sua opinião, quais são as normas e os valores que os clubes devem passar aos seus atletas?

Educação/Formação:

- Qual é a sua escolaridade?
- Depois de acabar a escola quais eram os seus projetos? Qual era a profissão que desejava vir a ter e porquê?
- Depois de acabar a sua formação, quais eram as ideias dos seus pais para o seu futuro?
- Qual era a importância que atribuía à escola quando a frequentava? E agora que importância lhe atribui?
- Qual o papel da entidade escolar na formação da sua identidade?
- Fale-me de que forma se concilia a escola com o futsal;
- A escola teve alguma influência na sua escolha pelo futsal?

Redes de sociabilidade:

- Fale-me da sua paixão pelo futsal;
- Fale-me das amizades e inimizades que se criam no seio da modalidade;
- Fale-me da importância do espírito de equipa;
- Fale-me das tensões que se vivem e criam dentro do campo;
- Qual a importância que atribui aos adeptos para o crescimento da modalidade?
- O que é que retira de mais importante na prática da modalidade para a sua vida pessoal?

Trabalho:

- Fale-me de como é ter o futsal enquanto “hobby” e se a aspiração alguma vez foi a de o ter como profissão;
- Fale-me de como se concilia o futsal com outra atividade profissional. Quais as maiores dificuldades que encontra?
- Sente que o facto de não se dedicar a 100% à modalidade afeta o seu rendimento desportivo?
- A prática da modalidade traz ou já trouxe malefícios à sua atividade profissional?
- Há quanto tempo pratica a modalidade?
- Já praticou outro desporto ou modalidade?
- O que a fez escolher o futsal e não outro desporto?
- Quais as principais motivações que a levam a praticar a modalidade?

Género no futsal português:

- Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino português?
- Considera ser possível pensar-se na profissionalização do futsal feminino em Portugal?
- Considera que o futsal feminino é desvalorizado? Por que é que isso acontece?
- Como encara as desigualdades nos valores monetários recebidos por atletas masculinos e femininos através do futsal?
- Já foi alvo de algum tipo de discriminação, preconceito ou estereótipo por ser jogadora de futsal? Como experienciou essa situação?

- Considera que este tipo de práticas continuam presentes no nosso país?
- Tem conhecimento de algum tipo de discriminação, preconceito ou estereótipo em relação ao futsal feminino ou em relação a alguma atleta/conjunto de atletas?
- Sente que os homens assumem uma posição dominante no panorama do futsal português? Por que é que isso acontece? Onde é que essa posição de dominação é mais visível?
- Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?

Crenças/Perspetivas futuras:

- Fale-me das suas crenças antes e durante os jogos, das suas rotinas e rituais;
- O facto de praticar a modalidade influenciou de alguma forma o objetivo de constituir família (casar e ter filhos)? Sente que teve/terá de retardar esses momentos para se dedicar à prática da modalidade?
- Fale-me de como idealiza a sua vida pós futsal;
- Fale-me das suas expectativas futuras;
- O que considera que falta fazer no futsal português para que este continue a crescer?
- Olhando para a sua vida como um todo, está satisfeito com as escolhas que fez até aos dias de hoje? Há algo que gostasse mesmo de mudar? Sente-se uma pessoa realizada?

Anexo IV – Grelha de transcrição das entrevistas

Entrevista número 1 – **Atleta profissional masculino**

Local: Porto

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 25 anos

Estado Civil: Solteiro - Habilitações literárias: Licenciatura

Entrevista número 2 – **Atleta profissional masculino**

Local: Matosinhos

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 27 anos

Estado Civil: Solteiro (União de facto) - Habilitações literárias: Ensino Básico

Tema	Texto original	Texto original
	Entrevistado A	Entrevistado B
Estrutura familiar	Tenho uma estrutura familiar sólida. Os meus pais ajudam-me a tomar as melhores decisões, a escolher o certo e o errado, o que faz com que o caminho para o futuro seja mais fácil e possa de uma forma consciente e tranquila decidir em todos os aspetos, não só desportivos mas também pessoais. Acho que a relação que tenho com os meus pais sempre foi fantástica. Eles foram	Acho que tanto o meu pai como a minha mãe sempre tentaram dar-me a melhor educação possível, transmitir os melhores valores possíveis. É óbvio que às vezes nem todas as pessoas respeitam isso, fugimos um bocado à regra. Mas sempre tentaram dar-me o melhor que podiam e eu acho que acatei bem esses princípios e a educação que eles me deram. A influência da minha família no que sou

	<p>sempre muito prestáveis, na altura certa disseram sempre “não” ou “sim” e eu acho que isso foi o mais importante e a mais-valia que fez com que eles, ao longo dos anos, me transmitissem todos os valores para que eu possa estar pronto para enfrentar a minha vida sem eles. A estrutura familiar é extremamente importante através dos valores que nos passa, das pessoas com quem vivemos – no meu caso é com os meus pais e a minha avó paterna – e que foram extremamente importantes ao longo do meu percurso. Através dos caminhos que me indicaram para que eu pudesse fazer o melhor percurso. Tiveram sempre uma influência positiva até ao dia de hoje para a pessoa que eu sou. Todos os ensinamentos que recebi conseguiram guiar-me para o sentido que tenho hoje em dia na minha vida e</p>	<p>hoje sente-se essencialmente no modo como encaro a vida, nos valores que me foram passados como a educação e os comportamentos e atitudes que eu tinha de ter. Acho que isso foi o melhor do que eles me puderam dar. Claro que a minha família foi muito importante para a pessoa que sou, a educação que os pais dão serve de base para aquilo que os filhos se irão tornar enquanto seres humanos, ou seja, não vou dizer que sou exemplar mas considero-me uma boa pessoa e estou grato aos meus pais por isso. Eu sempre vivi com os meus pais e o meu irmão e a pessoa que sou hoje, em grande parte deve-se a eles.</p>
--	---	---

	<p>para que fosse o melhor para mim. A forma como me passaram os valores ajudou-me também a moldar a pessoa que eu sou, adaptar-me a diferentes circunstâncias, independentemente de por vezes não escolher o melhor caminho, sei dar a volta e corrigi-lo. Estes foram ensinamentos que toda a minha estrutura familiar me foi passando ao longo do tempo. A influência deles é sem dúvida grande, porque conseguiram que eu tomasse boas decisões, mediante as experiências e as vivências que eles foram tendo ao longo das suas vidas.</p>	
Relação com e entre os pais	<p>(Relação com o pai) Acho que mudou um pouco. Em criança talvez houvesse uma proximidade maior que eu considero normal. Depois, na fase da adolescência – por volta dos 17/18 anos – comecei a ser treinado por ele e julgo</p>	<p>Sempre foi uma relação boa até porque o meu pai sempre esteve ligado ao desporto. Temos gostos muito iguais. E atualmente continua da mesma forma, ainda é um apoio para mim no desporto.</p>

	<p>que existiu uma pequena distância, essencialmente para defesa pessoal. Acho que hoje em dia com o fim dessa relação treinador-jogador, existe uma relação muito forte. Ao longo destes 25 anos já tivemos mais próximos, mais afastados e agora estamos numa boa fase, o que é ótimo para mim em termos desportivos, porque me ajuda a estar mais focado e mais ligado nas tarefas que me são colocadas.</p> <p>A minha mãe sempre foi uma pessoa que esteve muito próxima de mim. Mais em termos pessoais do que desportivos, mas sempre foi uma pessoa que esteve muito próxima tornando a minha evolução como pessoa muito mais coerente.</p> <p>A relação dos meus pais neste momento é ótima. Eles sempre tiveram uma boa relação e é lógico que isso influencia a performance do atleta.</p>	<p>Sempre me liguei um bocado mais com a minha mãe, apesar de ter a ligação com o meu pai por causa do desporto, sempre me dei melhor com a minha mãe. Éramos mais ligados, mesmo para contar segredos ou algumas coisas a nível afetivo preferia falar com a minha mãe do que com o meu pai e sempre tive uma grande relação. Atualmente continuo com uma boa relação.</p> <p>Eu quando era criança lembro-me que houve um problema entre os meus pais, mas depois isso passou e entretanto as coisas estão bem. Desde aí as coisas ficaram sempre bem.</p>
--	---	--

Educação e condições de vida na infância e juventude	Foi muito importante. Eu estudei do 5º ao 12º ano no Colégio do Rosário e agradeço imenso aos meus pais, porque foi uma escola que me pôde dar uma formação fantástica. O ensino é do melhor que há a nível nacional e aumentou, com certeza, o meu leque de escolhas quando decidi entrar para a faculdade, apesar da minha vida desportiva. Quando decidi entrar para a faculdade consegui ter um maior leque de escolhas devido à exigência que tive ao longo dos anos.	Acho que é bastante importante as condições de vida que tivemos durante esse período, porque é isso que nos dá as bases, é isso que nos vai dizer o que à partida seremos no futuro. E como é óbvio, isso tem uma grande importância na nossa vida. Acho que as condições de vida que eu tive durante a infância e juventude foram as melhores, os meus pais deram-me tudo o que podiam e conseguiam. E por isso, acho que tive uma boa infância e uma boa educação. Essas fases da minha vida foram muito importantes para mim, tenho de estar grato aos meus pais por me ter tornado na pessoa que sou. Não tive tudo do bom e do melhor, como é óbvio, mas tive sempre aquilo que os meus pais me puderam dar e que eu atualmente considero ter sido positivo.
Apoio dos familiares na prática da modalidade	Sem dúvida. Acho que nunca houve uma fase em	Sim, sem dúvida.

	que isso estivesse em causa.	
Celebrações culturais mais importantes	Eu dou mais valor ao Natal, porque é a altura do ano em que a minha família está toda reunida. Mas também os aniversários dos meus pais, da minha namorada, do meu irmão e da minha avó.	O Natal e o Ano Novo, acho que são alturas em que toda a gente reúne a família e são as festas que damos mais valor, porque temos sempre a família reunida e conseguimos estar com toda a gente.
Futsal enquanto tradição e herança cultural	Acho que tem dois pontos de vista. Pode ser visto como no meu próprio caso que é uma tradição e uma passagem de testemunho. E não pode, porque numa outra família se um pai é treinador e se tiver um filho que goste de basquetebol, esse filho irá praticar basquetebol e o testemunho não se irá passar.	Sim, claro que sim. Quem tem muitas pessoas na família ligadas ao futsal, no momento em que uma pessoa pretende escolher alguma coisa para fazer seja um “hobby” ou um desporto, é óbvio que tendo familiares ou mesmo amigos nessa área, vão-te dar essa indicação porque é um bom desporto.
Apoio da “cara-metade” na prática da modalidade	A 100%. 80% dos jogos do campeonato, decisões, seleção, é uma pessoa bastante presente e que contribui em grande percentagem para a minha performance nos jogos.	Eu acho que o apoio é incondicional, ela apoia-me em tudo o que eu faço. Está sempre do meu lado desde que eu faça as coisas bem-feitas, tenha juízo e me aplique, ela está sempre a meu lado.

Compreensão e aceitação dessa pessoa na prática da modalidade	A 100%, sem dúvida nenhuma.	Sim, sem dúvida.
Problemas na atual relação ou em relações amorosas anteriores devido à prática da modalidade	Não, eu acho que não. Sempre soube separar isso e quando existe algum problema em ambas as partes, eu acho que não devemos misturar, porque é uma questão pessoal e outra profissional e quando misturamos as duas significa que não estamos a lidar da melhor forma com a situação.	Não, porque eu também nunca deixei que isso acontecesse. Quem me conhece sabe que o desporto para mim é uma prioridade em relação a muitas coisas. Tudo bem que há a minha namorada e o meu filho, mas o desporto vem logo a seguir. Mas em fases anteriores que fosse uma simples relação, nunca deixaria que isso afetasse o meu nível desportivo.
Pertença a uma instituição desportiva	Acho que é muito importante pertencer a um clube, o clube também nos transmite valores e ensinamentos que nos ajudam a construir a nossa identidade. A escolha do clube também é um fator importante, porque misturando todos os fatores, melhora sem dúvida a nossa identidade. Ajuda também à inclusão do atleta na própria estrutura e essa inclusão	Eu acho que hoje em dia a maioria dos clubes procura – mais em camadas jovens – que tu te formes como uma boa pessoa. Claro que também querem que sejamos bons jogadores, mas acima de tudo tentam incutir-te os valores do desporto. Podes perder, porque às vezes isso é bom para poderes aprender. Acho que hoje em dia é isso que os clubes se focam mais, é nesse tipo de

	<p>aliada a toda a socialização do atleta irá aumentar ao longo do tempo. Eu acho que pertencer a um clube melhora sempre a nossa identidade, porque sabemos relacionar-nos melhor com outras pessoas. Quando existem várias relações, isso melhora a nossa identidade, porque conhecemos vários pontos de vista e melhora a nossa forma de agir perante adversidades e pontos de vista diferentes. Os valores e as normas que me passaram sem dúvida que me influenciaram na pessoa que sou hoje e naturalmente que tiveram um peso importante na pessoa que me tornei, porque sem eles acho que dificilmente teria seguido o caminho certo no que diz respeito à conciliação dos estudos com a competição, neste caso o futsal.</p>	<p>construção de identidades. Para mim foi importante passar por todas as experiências e por todos os anos da modalidade que já levo para a pessoa que sou hoje, claro que sim. Nós vamos passando por vários clubes, conhecemos várias pessoas, vários treinadores, vários diretores e acho que é uma forma de enriquecer a nossa pessoa. A experiência de pertencer a um clube para além da parte desportiva, tens a parte do lazer, das amizades, dos grupos que criamos, socializamos muito, por vezes temos jantares, saídas e isso também é importante. Não devemos olhar apenas para a vertente desportiva. Os valores e as normas que me transmitiram também foram importantes e ajudaram-me de certa forma a construir a pessoa que sou hoje. Tu passas por vários clubes e lidas com pessoas diferentes, vários</p>
--	---	---

		<p>feitos, formas diferentes de pensar e tu vais absorver sempre alguma coisa que adicionas à tua identidade. Aquilo que tu consideras ser bom vais absorver para ti próprio, vais retirando para ti as coisas boas e isso vai-te dando outra forma de estar na vida.</p>
<p>Normas e valores transmitidos por parte dos clubes</p>	<p>Foi sempre o respeito, a dedicação, humildade, o trabalho, a coerência. Esses são os mais importantes.</p>	<p>É assim, como eu já referi, houve vários clubes que nos ajudaram a formar a nossa identidade, o nosso perfil, a nossa educação, basicamente aquilo que somos hoje em dia. São as normas que normalmente quase todos os clubes tentam inculcar aos atletas. Estou a falar do respeito, do empenho, da dedicação, da educação, do trabalho e do amor àquilo que se faz.</p>
<p>Paixão pelo futsal</p>	<p>É de família, mas é também algo que nós vamos adquirindo ao longo dos anos com a prática da modalidade. Eu tenho 25 anos e continuo a jogar.</p>	<p>O futsal começou desde miúdo, até foi numa brincadeira que fui experimentar. Sempre gostei de futebol, como é óbvio, mas nunca tinha sequer ouvido falar de futsal. Mas pronto, fui</p>

		<p>experimentar e gostei. Acho que é um desporto com muita emoção, muitos golos, muito ataque-contrataque e acaba por ser um jogo um pouco mais interessante do que o futebol.</p>
Amizades e inimizades criadas na modalidade	<p>Amizades criam-se muitas, eu acho que de inimizades tem que ver um pouco com a formação das pessoas. Eu acho que, hoje em dia, devemos separar sempre o que fazemos dentro de campo com o que fazemos fora, porque se eu jogo na minha equipa, eu farei tudo para que essa equipa ganhe e às vezes as pessoas levam o exterior para dentro de campo e isso nunca deve ser feito.</p>	<p>Nós amizades como estamos em equipa temos muitas. Claro que alguns são colegas, outros no dia-a-dia vamos fazendo amizades. Assim como as inimizades, às vezes defrontamos um ou outro jogador onde há um lance mais bruto, mais duro e às vezes acabamos por ficar com uma ideia errada das pessoas, outras vezes certa porque há boas e más pessoas no desporto. Então é assim, os amigos vêm do dia-a-dia, mesmo até de outros clubes. Vamos falando, conversamos e acaba por se tornar amigo. As inimizades é mesmo isso, às vezes as pessoas não se conhecem bem ou realmente as pessoas são</p>

		más pessoas e acaba por não haver qualquer tipo de ligação.
Tensões existentes dentro do campo	São situações que fazem parte do jogo, mas que ficam lá. Agora falo por uma questão própria, são questões que passam, depois de o árbitro apitar para o fim do jogo as pessoas devem esquecer e seguir com a sua vida.	Eu não acho correto, por norma até sou um jogador bastante calmo. Tento não reagir a provocações e essas coisas, considero-me um jogador disciplinado. Mas acho incorreto quem o faz e tenho pena que isso às vezes seja usado como estratégia no mundo do desporto.
Importância dos adeptos no crescimento da modalidade	Os adeptos são importantes sem dúvida, no futebol de 11 é o 12º jogador, no futsal é o 6º. É uma ajuda muito grande, é um aspeto psicológico que consegue com que o jogador ganhe um pouco mais de frescura física, um pouco mais de discernimento, é a nossa adrenalina a subir à cabeça. Aqueles gritos, aqueles barulhos e toda a força que nos dão de fora. Com essa pequena percentagem por vezes ganham-se jogos e títulos.	Os adeptos são um bocado o nosso motor. Toda a gente gosta de jogar com pavilhões cheios, a aplaudir-nos, a empurrar-nos para a frente, a empurrar-nos para a vitória. Então acho que eles acabam por ser um grande suporte na nossa carreira.

Importância atribuída à escola	<p>Eu atribuo mais importância agora do que quando a frequentava. É um sentimento que ocorre em muita gente que é “se eu soubesse...” a vida é mesmo assim. Mas acho que nunca fui um aluno desinteressado da escola, se calhar não no mesmo nível de interesse do futsal, mas só um pouco mais abaixo. Claro que poderia ter aproveitado ainda mais e aumentado as inúmeras opções que poderia ter no acesso ao ensino superior.</p>	<p>Eu sempre fui uma pessoa muito rebelde, mesmo nas aulas e na escola era uma pessoa que se calhar não dava o devido valor à escola, porque no fundo esta acaba sempre por ser bastante importante para nós. Dá-nos as bases de uma vida, temos amigos e professores que também se tornam nossos amigos. A escola no fundo engloba muita coisa e acho que quem anda na escola neste momento deveria aproveitar bem. É um conselho de quem já lá passou e não deu o seu devido valor. Neste momento atribuo muito mais importância à escola, claro que sim. Acredito que se pudesse voltar atrás, se calhar olharia para a escola com outros olhos.</p>
Papel da escola na construção da identidade	<p>É muito importante. A escolha dos professores, a escolha do número de alunos por turma, quais os valores que essa escola tem, todos esses fatores são</p>	<p>É assim foi importante, foi importante porque lá está, deu-me muitas bases. Apesar de eu não ter sido um grande aluno, deu-me muitas bases, deu-me</p>

	<p>os que influenciam a formação da pessoa. A entidade escolar é mais um grande parâmetro no que respeita à nossa identidade e formação pessoal. Se a escola através dos seus professores, docentes e auxiliares de educação nos conseguir transmitir valores certos para a nossa vida, é sem dúvida uma entidade importante na formação da identidade da pessoa. A escola ajuda não só em termos individuais, mas também na relação com outros alunos, colegas e até amigos. A escola é sem dúvida bastante importante.</p>	<p>muitos amigos, deu-me muita coisa que eu tenho neste momento na minha vida.</p>
<p>Conciliar a escola com o futsal</p>	<p>Concilia-se de uma boa forma. Eu acho que a organização e a elaboração de um plano de estudo e de trabalho é muito importante, porque eu acho que existe tempo para tudo. Se for bem distribuído, as coisas conseguem ser levadas a bom porto. Acho que há tempo para treinar,</p>	<p>Quando eu era mais novo não era dificuldade, acho que até era mais por preguiça. Quando passei a um nível mais sério, ou seja, a nível profissional, as coisas tornaram-se um pouco mais complicadas, porque ao treinar de manhã e treinar à tarde, ficava cansado e à noite não tinha</p>

	há tempo para estudar, tempo para ir às aulas, tempo para ver jogos de futsal. Acho que uma boa organização é um bom método para o sucesso.	muita paciência para andar a estudar.
Futsal enquanto profissão	Sempre foi um sonho. Eu acho que é uma profissão que não podemos ter para sempre, mas sempre foi um sonho e consegui. Neste momento estou a realizá-lo e espero, se Deus quiser, continuar por muitos anos. É a dedicação total a uma causa. Só aí o foco deve estar completamente virado para a equipa e para o êxito da mesma.	Eu já tive duas experiências distintas daquilo que é ser profissional, tive uma cá em Portugal durante 3 anos no Freixieiro e não é fácil. As pessoas pensam que treinar de manhã e treinar de tarde é só dar uns chutos numa bola, mas não é fácil. Nós temos muita pressão no dia-a-dia e é sempre aquilo, sempre sempre aquilo. Uma pessoa às vezes está um bocado desgastada e tem de ser forte, tem de lutar contra isso. Mas pronto, acaba também por nos fortalecer noutros aspetos como no caso das amizades, porque convives sempre com aquelas pessoas, passas os dias com essas pessoas e são elas a tua família, também tem isso de

		positivo. E tive outra experiência fora de Portugal, em que era diferente e infelizmente não tinha amigos, porque era na Rússia e eu não sabia falar russo. Não conseguia ter diálogos, ter amizades e então passava muito por treino-casa/casa-treino e essa realmente foi uma experiência que eu gostei, coloquei-me à prova a mim mesmo, mas por outro lado foi uma experiência bastante difícil.
Principais motivações para a prática da modalidade	Não apanhar chuva, frio (risos). As principais motivações é ser um desporto coletivo e isso agrada-me mais. Eu acho que é mais difícil um desporto coletivo, ou seja, nós dependermos das ações dos outros para que tenhamos sucesso do que um desporto individual. Dessa forma, penso que consegue ser ainda mais incerto quem ganha o jogo. E isso é que traz a beleza ao desporto, quando se entra	Tenho a motivação, como é óbvio, que é o meu dia-a-dia, que é a minha vida, isso é a principal motivação. Temos motivações associadas ao dinheiro como é óbvio, qualquer pessoa gosta sempre de ganhar mais e neste mundo, assim como noutros desportos, uma pessoa procura sempre isso. E depois tenho outras motivações como o clube e o facto de treinar todos os dias que é bom para nós e

	para dentro de campo – em qualquer modalidade que seja – nunca sabemos quem sai vencedor. Isso é a grande beleza do desporto.	nos motiva e incentiva a continuarmos sempre no desporto.
Principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino	Eu vou-te ser sincero, eu acho que as meninas são muito mais dedicadas do que os homens, só que também acho que quando lhes surge algum entrave – por exemplo ter uma jogada estudada e vamos supor que a equipa adversária adivinha - elas têm mais dificuldade em improvisar. Mas acho que são mais dedicadas do que os homens e são mais dotadas tecnicamente em termos de lateralidade. Vê-se muito mais raparigas a jogar com os dois pés do que os homens.	A nível de promoção acho que o futsal feminino ainda está a começar a ser divulgado, acho que ainda está numa fase muito inicial. Já o futsal masculino, temos de afirmar que neste momento, em Portugal está no top, está mesmo no auge, acho que é a melhor fase do futsal desde que se iniciou aqui em Portugal. Por isso, acho que há uma grande diferença entre o futsal masculino e o futsal feminino.
Desvalorização do futsal feminino	Acho. Já foi mais desvalorizado, hoje em dia com a entrada de Belenenses, Leões Porto Salvo, equipas da Liga Sport Zone que também investiram no futsal feminino já não é tanto.	Acho que sim, porque também não há tantas mulheres a querer praticar a modalidade. Há muitas mulheres que gostam de desporto sim, mas neste caso o futsal, não vejo muitas atletas.

	<p>Acho que já foi mais desvalorizado, hoje em dia já lhes dão algum valor mas não o devido valor. Eu acho que é desvalorizado não por serem raparigas, eu acho que é desvalorizado por nunca terem tido um investimento nessa parte do futsal. Eu acho que é por causa disso. Ainda há 6/7 anos atrás, uma menina, por exemplo, com 16 anos tinha de jogar pelas Seniores do clube, porque a maior parte das associações não tinham campeonato de Juniores femininos de futsal.</p>	
<p>Valores monetários recebidos por atletas masculinos e atletas femininos através do futsal</p>	<p>É uma discrepância muito grande. Neste momento é impossível comparar, são realidades completamente diferentes. Para te ser sincero, acho que o futsal feminino nunca chegará ao patamar do futsal masculino. Mas acho que tem uma grande margem de evolução. Agora, em termos de valores, acho que nunca vai acontecer o</p>	<p>Supostamente não deveria de haver desigualdade, deveria ser tudo igual. Assim como nós jogamos, elas também sabem jogar. Tudo bem que há o nosso mundo e se calhar nós somos melhores, mas no mundo delas também existem as melhores e eu sei que é difícil, assim como no futebol e no futsal também existe essa</p>

	futsal feminino aproximar-se do futsal masculino, pelo menos em Portugal.	diferença. Os melhores do mundo no futsal não são tão bem pagos como os melhores do mundo do futebol ou do basquetebol. Existirá sempre diferença tendo em conta o mediatismo da modalidade.
Conhecimento de algum tipo de discriminação, preconceito ou estereótipo em relação a uma atleta ou conjunto de atletas	Não, não tenho conhecimento disso. Pelo contrário, ainda agora daqui a duas semanas é a Final Eight da Taça da Liga e no decorrer dessa Taça da Liga, existem interassociações sub-15 e jogos da Taça do campeonato feminino. Nunca senti nada disso mesmo em casos de colegas de equipa, talvez porque também nunca joguei num clube que tivesse futsal feminino. Mas não, nunca senti isso.	Não, a não ser a existência de vários casos de racismo. Tirando isso não posso afirmar que haja algum tipo de discriminação. Da minha parte eu não tenho esse tipo de práticas, não olho para as atletas femininas como inferiores nem tendo a desvalorizá-las. E sinceramente não percebo o porquê de alguém o fazer, porque é assim, como nós somos desportistas, elas também são. E há raparigas com menos qualidade, assim como há rapazes com menos qualidade e mulheres com mais qualidade e homens com mais qualidade. Por isso, acho que podemos olhar para elas da mesma forma

		que olhamos para os restantes desportistas masculinos.
Posição dominante dos homens no futsal português	Sim, por todas as circunstâncias que referi. Não é uma dominação em termos pessoais, mas por toda a envolvência. Porque é uma liga semiprofissional, porque tem jogadores que só vivem disto, tem visibilidade, tem apoios que o futsal feminino ainda não tem. Eu acho que são esses os fatores, não é em termos pessoais como é lógico. Porque ser homem ou mulher para a prática da modalidade é indiferente.	Sim, acho que sim e isso acontece essencialmente pela visibilidade que o futsal masculino tem, assim como a divulgação que é feita. Quando tens o futsal português a passar todas as semanas na televisão, todas os dias tens notícias e é óbvio que o futsal masculino tem outra divulgação. Já no futsal feminino é capaz de dar 2/3 jogos anualmente, a não ser nos canais dos clubes como é o caso da Benfica TV e da Sporting TV. Tirando esses casos, eu conheço algumas equipas de futsal feminino mas não me lembro de ter visto um único jogo delas.
Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?	Eu acho que acaba por ser normal pelas realidades serem completamente distintas, incomparáveis.	Acaba por haver uma certa injustiça, mas há em tudo na vida. Mas por tudo o que eu referi anteriormente, acaba por ser algo um pouco natural. Apesar de haver alguma injustiça, como é óbvio.

Crenças, rotinas e rituais	<p>Sim, tenho as minhas crenças. A nível de rituais, benzo-me sempre antes de entrar em campo e quando saio. Rotinas sim, há a alimentação. Nós quando vamos jogar fora, vamos sempre para o hotel quando temos viagens e normalmente comemos peito de frango. Quando jogamos em casa, eu gosto sempre de comer peixe, não sei porquê.</p>	<p>Em relação às rotinas, temos de ter algum cuidado com a alimentação, ter cuidado com o próprio descanso, essas coisas são fatores fundamentais na prática de desporto. Em relação a rituais não tenho nada que faça todos os jogos, a única coisa que tento fazer sempre é marcar golos (risos), mas nem sempre é possível, mas tento.</p>
Objetivo de constituir família e continuar com a prática da modalidade	<p>A prática da modalidade pode influenciar a constituição de família. Neste caso, quando um atleta passa de solteiro para casado ou tem um filho acho que pode mudar alguns hábitos. Mas se a pessoa se conseguir adaptar a esses hábitos, acho que consegue manter a sua performance mesmo tendo família. Acho que não deve abdicar da prática da modalidade, mas sim reestruturar toda a sua forma de estar, porque vai estar responsável pelo filho</p>	<p>O futsal é muito importante para mim, mas nunca influenciou de forma alguma o facto de eu querer ter família ou de constituir família. Nunca me privei disso, tudo bem que o futsal é importante, mas a minha vida pessoal também o é. Eu nunca pus o futsal à frente da minha vida pessoal, sempre tentei conjugar os dois e acho que dessa forma estou bem.</p>

	ou filha que tem. É uma forma de pensar mais adulta que o atleta terá a partir desse momento. No meu caso específico, eu não iria retardar os momentos de constituir família - casar ou ter filhos - única e exclusivamente porque pratico a modalidade. Julgo que não, iria constituir família no momento que considerasse mais propício para o fazer. Não iria retardar esse momento simplesmente por estar a praticar a modalidade.	
Vida pós-futsal	Não tenho ainda nada idealizado pós futsal. Tenho uma vaga ideia, mas que não é certo. Vou tentar alicerçar nestes próximos anos para que quando começar a minha fase descendente na modalidade possa já estar numa fase ascendente da minha outra profissão.	O ideal seria estar ligado ao desporto, não sei a área ao certo, mas era algo que gostava. Certamente que irei tentar continuar ligado ao desporto, porque isso é o que eu gosto de fazer.
Está satisfeito com as escolhas que fez na sua	Sim, sinto-me uma pessoa realizada, sem dúvida. E sim, estou satisfeito com as	Posso dizer que sim, sinto-me uma pessoa realizada. É assim, eu acho que toda a

vida/ Sente-se uma pessoa realizada	escolhas que fiz até hoje. Não me arrependo de nada e estou agradecido por tudo o que fiz.	gente se arrepende sempre de coisas que faz ou de coisas que não faz. Por isso, as pessoas poderiam sempre mudar alguma coisa daquilo que fizeram até hoje. Mas no geral, posso dizer que 70/80% das minhas atitudes e de tudo o que fiz até hoje pode ser considerado certo. Acho que nesse tipo de coisas não voltaria atrás. Agora em coisas, como a escola aí sim, mudava muita coisa. Mudava a forma como olhava para certas coisas e algumas atitudes que tive, não as teria.
-------------------------------------	--	---

Entrevista número 3 – **Atleta amador masculino**

Local: Matosinhos

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 22 anos

Estado Civil: Solteiro - Habilitações literárias: Ensino Secundário

Entrevista número 4 – **Atleta amador masculino**

Local: Matosinhos

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 21 anos

Estado Civil: Solteiro - Habilitações literárias: Ensino Secundário

Tema	Texto original	Texto original
	Entrevistado C	Entrevistado D
Estrutura familiar	Moro com os meus pais, o meu primo e morava com o meu irmão, mas entretanto ele saiu de casa para constituir família. Eles ensinaram-me a ser muito educado, a lutar por aquilo que queria e ensinaram-me também a lidar com os problemas. A minha família transmitiu-me valores como o respeito e a educação, ensinou-me a ter normas e isso foi muito importante na minha vida e contribuiu significativamente para a pessoa que sou hoje. Os meus pais ensinaram-me a ter princípios, valores, a	Penso que o apoio da família é um apoio realmente muito importante. Quando tenho algum problema normalmente é na família que tento procurar soluções e acho que quem não o faz, é uma alternativa que deveria ser utilizada. A nível de estrutura familiar vivo com os pais, o meu irmão e a minha irmã. A minha família sempre me apoiou em tudo, apenas me indicava o que considerava ser o melhor para mim e as decisões foram sempre minhas. Os meus pais deram-me a liberdade de

	<p>respeitar os outros e a minha família foi muito importante nesse sentido. A família funcionou sempre como uma base de apoio, de suporte que me ajudou a sustentar algumas decisões e escolhas que tive de tomar ao longo do meu percurso. Em alguns casos foram os meus pais, noutras o meu irmão. Portanto, sem dúvida que eles foram muito importantes para a pessoa em que eu me tornei.</p>	<p>escolher o que eu achava ser o melhor para mim. Eles e os meus irmãos são pessoas importantes na minha vida, desde logo por serem aqueles que mais convivem comigo. O meu pai e a minha mãe são pessoas que eu vejo como exemplos a seguir. Aquilo que eles me transmitiram foi muito importante para a pessoa que eu sou hoje e para as escolhas que fiz até ao momento, sempre foram uma base de apoio e suporte para a minha tomada de decisão.</p>
Relação com e entre os pais	<p>(Relação com o pai) Sempre foi boa, nunca houve problemas entre nós. Sempre me ajudou em tudo e educou-me sempre bem.</p> <p>(Relação com a mãe) Igual ao meu pai. Sempre nos demos bem, sempre me tratou bem, nunca me faltou nada, educou-me sempre bem.</p> <p>(Relação entre os pais) Quando era criança era uma boa relação, uma</p>	<p>Em criança não tenho muito a ideia de como era a relação, mas normalmente os miúdos têm uma relação mais próxima e de diversão com os pais. Neste momento, vejo o meu pai como um exemplo a seguir, é uma das pessoas mais importantes para mim e vejo-o como um ídolo e uma pessoa que respeito muito.</p>

	<p>relação normal. Agora com a idade já estão mais chatos um com o outro (risos). Mas continua a ser uma boa relação.</p>	<p>(Relação com a mãe) Em criança era de muita proximidade e mais de brincadeiras. Agora tenho uma relação próxima e é também um suporte muito grande para mim. Sei que quando preciso ela está lá.</p> <p>(Relação entre os pais) A relação sempre foi muito boa. Nunca os vi a discutir e se alguma vez o presenciei não me lembro e a ideia que eu tenho é que se isso aconteceu, foram discussões que começaram mas acabaram logo a seguir. Nunca tive esse tipo de problemas familiares.</p>
<p>Educação e condições de vida na infância e juventude</p>	<p>Sempre tive tudo, nunca me faltou nada. Nunca tive dificuldades, sempre tive tudo o que quis. Posso dizer que fui feliz nesses períodos da minha vida.</p>	<p>Penso que sou um privilegiado, posso dizer que sim. Nunca me faltou nada, os meus pais sempre fizeram tudo para eu ter tudo o que eu precisasse e tudo o que eu queria. E tenho noção que em relação a outras pessoas estou favorecido e agradeço aos meus pais por isso.</p>

Apoio dos familiares na prática da modalidade	Sim, de todos. Desde pais a padrinhos e tios, todos me apoiaram.	Sim.
Celebrações culturais mais importantes	O Natal porque é o momento em que a família está junta, mais unida.	Para mim das mais importantes é o Natal, porque é o momento em que se reúne a família toda e é dos momentos mais íntimos que temos em família.
Futsal enquanto tradição e herança cultural	Acho que não, se um dia tivesse um filho não o colocaria a jogar futsal. Mas no meu caso pessoal houve alguma tradição e herança a nível familiar, do meu irmão para o meu primo e do meu irmão e do meu primo para mim. Mas na minha família só somos os 3. Depois tenho outros familiares que jogam basquetebol, entre outras coisas.	Sim, acho que cada vez mais está enraizado no nosso país e apesar de o meu pai nunca ter jogado - não foi uma herança passada do meu pai para mim - se algum dia eu tiver filhos, espero que eles sigam o meu exemplo. Mas o meu irmão também pratica a modalidade e fui eu que o incentivei. Fui eu que passei um pouco para o meu irmão.
Apoio da “cara-metade” na prática da modalidade	Apoia, apoia o possível. Não é uma apoiante que esteja lá a 100%, mas gosta de me ver jogar e apoia-me em tudo.	Apoia muito. É um grande apoio para mim tal como a minha família. Sempre que eu estou em baixo porque alguma coisa corre mal ou menos bem, é um suporte muito grande e tenta

		sempre animar-me para da próxima correr melhor.
Compreensão e aceitação dessa pessoa na prática da modalidade	Sim. Nunca interferiu em nada na nossa relação.	Sim, ela tenta sempre ajudar.
Problemas na atual relação ou em relações amorosas anteriores devido à prática da modalidade	Não, nunca. Nunca interferiu em nada. As relações amorosas nunca interferiram em nada.	Não, nunca.
Pertença a uma instituição desportiva	No Freixieiro sempre me identifiquei com as equipas que tinha, tive sempre grandes amizades que ainda hoje continuo com elas. Aprendi muita coisa com alguns jogadores, ensinaram-me várias coisas a nível físico e psicológico. E hoje mantenho amizade com essas pessoas. Acho que faz bem às pessoas praticar um desporto onde podes ter amigos e estabelecer relações. Em algumas coisas atribuo importância aos clubes por onde passei para a pessoa que sou hoje, nomeadamente naquilo que experienciei e nas pessoas com quem partilhei o balneário. Mas também	É uma forma de conhecer novas pessoas, interagir com outras pessoas, ver outras formas de pensar e de estar na vida. O facto de pertencer a uma equipa é uma forma de integração e de saber lidar com várias personalidades, saber lidar com o outro. Isso influencia a minha identidade, porque é uma forma de eu saber como lidar com outro tipo de pessoas e com outras personalidades. Ajuda também no espírito de grupo, neste caso o futsal como é um desporto coletivo, ajuda na união do grupo e no fortalecimento do grupo. Depois claro que há sempre amizades que

	<p>houve algumas situações que presenciei no clube que nada tinham que ver com aquilo que os meus pais me ensinaram. Ainda assim, teve alguma importância na transmissão de valores como o respeito pelos meus colegas, o respeito pela equipa adversária, ter normas, ter um comportamento adequado dentro do campo com os jogadores e com os árbitros. Em relação ao facto de ter estado inserido num grupo, destaco a criação de relações de amizade que foi, sem dúvida, o mais importante para mim e foi algo que me influenciou. Hoje em dia ainda mantenho essas amizades e isso foi importante no meu trajeto de vida.</p>	<p>ficam e que espero que se mantenham. O facto de estar inserido num grupo moldou-me de certa forma e isso repercutiu-se na minha vida familiar, escolar, deu-me outra perspectiva de ver as coisas e teve influência nesse aspeto. Claro que pertencer a instituições desportivas foi importante para a minha identidade.</p>
Normas e valores transmitidos por parte dos clubes	Educação e o respeito também.	Normalmente o mais importante é a educação.
Paixão pelo futsal	Gosto de futsal porque desde pequenino o meu irmão e o meu primo me	Começou desde muito cedo, eu sempre gostei de jogar. Na altura para

	<p>levaram a praticar. A verdade é que eu gostava mais de futebol de 11, só que comecei a jogar futsal e comecei a gostar. Foi o que aprendi basicamente.</p>	<p>decidir, ou iria para o futebol ou para o futsal e tive a felicidade de ingressar pelo futsal. Desde aí nunca mais saí, foi um desporto pelo qual me apaixonei.</p>
<p>Amizades e inimizades criadas na modalidade</p>	<p>As amizades há sempre dentro do clube. Inimizades dentro do clube também já tive muitas, já tive muitos problemas dentro da minha equipa com alguns atletas por chatices que se calhar poderiam ser evitadas. Fora do clube há muitas, há muitos inimigos como é normal. Mas acho que o essencial é deixar isso de lado e pensar-se nos amigos que fazemos dentro do clube e que se mantêm mesmo depois de alguns saírem para outros clubes.</p>	<p>Normalmente são mais amizades do que inimizades. Penso que com um grupo forte e se houver um bom balneário vão haver amizades. As inimizades eu não lhe chamava inimizades, porque há sempre discussões e picardias, mas às vezes é pelo calor do momento e acaba tudo por passar.</p>
<p>Tensões existentes dentro do campo</p>	<p>Acho que isso tem que ver com o momento do jogo, com o decorrer do jogo. Se o jogo estiver muito intenso, com o resultado empatado ou assim, acho que esse é o principal fator</p>	<p>Normalmente é pelo calor do momento. Alguém falha um passe e o outro não gosta e resmunga, normalmente é por aí. Também há muito com os treinadores, mas isso é</p>

	para os jogadores ficarem mais tensos e por vezes criam-se problemas evitáveis. Acho que isso é o principal. É uma situação de jogo e que fica lá, mas há muitos que têm problemas cá fora e depois levam lá para dentro. Ainda assim, a grande maioria são situações de jogo, devido à tensão. São situações normais.	passageiro. É tudo passageiro.
Importância dos adeptos no crescimento da modalidade	Acho que é mais importante um jogo ter muitos adeptos do que ter meia dúzia, porque se uma equipa tiver adeptos, acho que os jogadores ficam mais ativos, ficam com mais vontade, ficam com vontade de vencer perante os seus adeptos.	É grande, porque os adeptos normalmente costuma-se dizer que são mais um em campo. Se não houvesse adeptos, não havia tanto entusiasmo no jogo e são uma peça fundamental.
Importância atribuída à escola	A escola faz parte do nosso crescimento, é onde aprendemos tudo. Acho que a formação é a coisa mais importante que uma pessoa deve ter. Mas na altura que andava na escola não atribuí esta importância, andava lá	Quando eu era mais novo – e como a maioria dos rapazes e raparigas de hoje em dia – nunca liguei muito à escola, mas acho que à medida que vamos crescendo e vamos amadurecendo, damos uma importância maior e

	apenas porque era obrigado. Hoje em dia cresci e já vejo as coisas de outra maneira, se soubesse o que sei hoje, se calhar não fazia nem metade das coisas que fiz.	percebemos que realmente toda a educação que adquirimos um dia vai ser útil na nossa vida.
Papel da escola na construção da identidade	Em algumas coisas foi importante, mas nem tudo o que aprendemos na escola será utilizado na nossa vida. Ainda assim, aprendi muita coisa que tem utilidade e, por isso, algumas coisas foram importantes para a minha identidade, sim. Principalmente as regras que me foram incutidas.	É importante, porque me permite conhecer novas pessoas e molda um bocado a minha personalidade. Para além disso, permite-me neste momento adquirir os conhecimentos mais específicos da minha área para no futuro, se possível, seguir o que estou a estudar.
Conciliar a escola com o futsal	É normal. Andava na escola, eu como na altura não estudava, não fazia nada, não me fazia interferência nenhuma. Ia para a escola, acabavam as aulas e ia para casa (risos). A escola nunca interferiu com a minha vida no futsal, porque não era aluno de estudar, eu nunca deixei de fazer o que mais gostava só por causa da escola ou	É assim, eu penso que há sempre tempo para tudo. Uma pessoa tem é de ser organizada e saber organizar o tempo para gerir da melhor maneira. Por exemplo, se eu tenho de estudar daqui a uma semana, estudo com mais antecedência para saber que tenho os treinos e vou gerindo assim o meu tempo. Nunca foi

	<p>porque tinha testes, nunca fiz isso. Nunca interferiu em nada, sempre pus o futsal à frente da escola.</p>	<p>impeditivo de deixar de praticar o futsal. A relação da escola com o futsal não me cria nenhuma dificuldade. Normalmente nunca foi problema e espero que continue assim.</p>
<p>Futsal enquanto “hobby” e a aspiração de o ter como profissão</p>	<p>Quando era mais novo sonhava ser jogador profissional de futsal. Hoje em dia, já sou Sénior jogo na 2ª divisão nacional e já não é tanto um objetivo a atingir. Claro que ainda hoje gostava de jogar numa equipa profissional, era o meu sonho mas sei que é mais difícil.</p>	<p>O futsal sempre foi um “hobby”, porque era uma maneira de me distrair. Desde pequeno que foi um escape aos problemas, quando estava mais stressado pela escola ou por outro problema. Sempre foi uma forma de escapar a esses problemas e de me abstrair. E claro, há sempre uma altura na vida em que uma pessoa pensa “e se eu fizesse disto vida?”. Claro que isso já me passou pela cabeça, neste momento não o sou, mas se alguma vez tivesse a oportunidade, sem dúvida que era uma hipótese a ter em conta.</p>
<p>Conciliar trabalho e futsal</p>	<p>A maior dificuldade agora é o cansaço, porque devido ao meu trabalho de passar o dia todo a conduzir – ser</p>	<p>(Não se aplica por ser estudante e nunca ter exercido nenhuma profissão.)</p>

	<p>motorista – às vezes acordar muito cedo e teres treinos tarde, chegar a casa às 00h e acordar às 6:00 e no dia a seguir outra vez treinar. Para mim, essa é a maior dificuldade. A nível de tempo tira sempre um bocadinho, tendo 3 treinos por semana, só tenho dois dias à semana livres à noite e ao fim de semana também me tira pelo menos um dia que é o dia de jogo.</p>	
Malefícios da prática da modalidade na atividade profissional	<p>Não não, nunca deu prejuízo em nada. Não afeta. É mais ao contrário, do trabalho para o futsal.</p>	<p>(Não se aplica por ser estudante e nunca ter exercido nenhuma profissão.)</p>
Principais motivações para a prática da modalidade	<p>Simplesmente é porque gosto, gosto de jogar futsal e tenho amigos que também o fazem.</p>	<p>É mesmo o gosto e ser uma forma de me abstrair dos meus problemas, é um “hobby”.</p>
Principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino	<p>O futsal masculino tem muitos mais apoios do que o feminino, as pessoas vão ver mais o masculino do que o feminino. Mas acho que isso é em todos os desportos, em todo o lado isso acontece.</p>	<p>Eu vejo o futsal como um desporto mais masculino, por isso acho que há algumas diferenças entre o masculino e o feminino. Há muitos mais apoios para o futsal masculino, há muita mais visibilidade para o futsal masculino do que para o feminino. E em</p>

		termos de comparação, tal como por exemplo há desportos mais femininos como o ballet, o futsal eu vejo-o mais como um desporto masculino e por isso, há aí uma diferença significativa na modalidade.
Desvalorização do futsal feminino	Sim, é. Mas não só no futsal, no desporto mundial acho que o feminino é sempre mais desvalorizado do que o masculino. Se calhar por ser menos intenso, não sei. Acho que é mais uma questão de género, homem que é homem faz tudo muito melhor, não sei mas deve ser isso.	Sim, um bocado. É um desporto que as pessoas vêem como mais masculino do que feminino.
Valores monetários recebidos por atletas masculinos e atletas femininos através do futsal	A discrepância de valores é enorme. Não sei quanto ganha a melhor jogadora de futsal feminino em Portugal, mas acredito que o masculino seja muito superior ao feminino. Acho que isso acaba por ser naturalizado por causa dos apoios que ambos recebem. Sabemos que hoje em dia	Penso que acaba por ser um pouco natural tendo em conta a questão da visibilidade e dos apoios que são atribuídos. Como o futsal masculino tem mais visibilidade que o feminino, penso que as pessoas se tiverem que apostar ou investir entre o masculino e o feminino

	no futsal os apoios são o mais importante. Sem apoios acho muito difícil os atletas receberem bem.	optam sempre pelo masculino.
Conhecimento de algum tipo de discriminação, preconceito ou estereótipo em relação a uma atleta ou conjunto de atletas	Não, nunca soube de nada. Apesar de achar que se olha para o futsal feminino como algo inferior, com menos valor. Há aquela ideia de que as mulheres não têm tanta qualidade, não dá “pica” – é assim que se diz – ver um jogo feminino.	É assim, quando era mais novo tive uma rapariga a jogar na equipa e ela nunca foi discriminada. As únicas diferenças que havia era em termos de balneário, ela tinha um balneário só para ela e os rapazes tinham um para eles. Mas em relação aos outros rapazes, essa rapariga era tratada de igual maneira. Por isso, penso que nestes termos de comparação não há assim muitas diferenças. Normalmente tem-se a ideia de que as mulheres são inferiores e têm menos qualidade, mas acho que é uma ideia injusta porque há muitas jogadoras de grande qualidade e basta olhar para as nossas seleções para ver isso. A nível de comentários mais depreciativos em relação às mulheres que praticam a modalidade, mais

		preconceituosos, mesmo por colegas de equipa ou balneário, sou sincero, não tenho conhecimento disso.
Posição dominante dos homens no futsal português	Sim, sim. Acho que o essencial é haver mais visibilidade, mais apoios atribuídos, maiores valores financeiros recebidos e o facto de mobilizar mais adeptos.	Sim, na minha opinião sim. E isso acontece essencialmente pela questão da visibilidade, os apoios atribuídos e o investimento que é feito na parte masculina e não na feminina.
Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?	Acaba por ser algo natural, mas acho que deveria haver mais igualdade. Não se deveria olhar para as mulheres como inferiores, devia ser de igual para igual. Na minha opinião, o que as mulheres fazem tem o mesmo valor dos homens.	É assim, o mais justo seria haver um equilíbrio maior, mas sabe-se que as pessoas vão sempre optar mais pelo futsal masculino do que pelo feminino.
Crenças, rotinas e rituais	Todos os jogos antes de entrar benzo-me. É a única coisa que faço. Não tenho nenhum cuidado especial com a alimentação. É tudo normal, o que tiver de ser será.	Normalmente só antes de entrar, tento entrar sempre com o pé direito e normalmente faço a bênção. A nível de alimentação, nos dias de jogos tento comer hidratos e normalmente a proteína que é a carne. Tento não comer comidas mais

		pesadas como a feijoada que depois para o jogo pode ser prejudicial.
Objetivo de constituir família e continuar com a prática da modalidade	<p>O facto de praticar desporto seja futsal ou qualquer outro, nunca vai influenciar nada na minha vida familiar ou amorosa. Constituir família, ter filhos não interfere com a prática de desporto. Quando me sentir preparado, quando achar que é o momento indicado imagino-me a constituir família, a casar e ter filhos e isso nada interfere a nível desportivo. Não me imagino a atrasar esses momentos por me querer dedicar mais ao desporto.</p>	<p>Neste momento não é algo que eu tenha pensado muito, mas daqui a uns anos imagino-me a ter filhos e a continuar a jogar futsal, por isso acho que a prática da modalidade não influencia a constituição de família. Imagino-me a conciliar entre a família e o desporto. Pode haver pequenas mudanças, pode influenciar de alguma maneira o facto de constituir família e haver uma maior dependência em relação a outros (mulher e filhos), mas espero conseguir conciliar e continuar a jogar futsal.</p>
Vida pós-futsal	<p>Neste momento, não me imagino ligado ao desporto seja como treinador ou treinador-adjunto, não me vejo a exercer essas funções. Imagino-me a deixar de ser atleta e a concentrar-me mais na</p>	<p>Isso é um bocado difícil, porque ainda não me consigo imaginar sem jogar futsal. Mas se algum dia isso tiver que acontecer, e espero que não seja tão cedo, espero passar a motivação que eu tive e tudo o que aprendi aos</p>

	minha vida, na minha família e no meu trabalho.	meus filhos. Sinceramente não me vejo como treinador ou adjunto qualquer coisa assim, mas espero estar sempre a par dos resultados e do que se passa na modalidade.
Está satisfeito com as escolhas que fez na sua vida/ Sente-se uma pessoa realizada	Sim, sinto-me uma pessoa realizada. E sim, estou satisfeito com tudo, não há assim nada que gostasse de fazer diferente. Se calhar devia ter estudado mais. Na altura devia-me concentrar mais na escola e não pensar só no futsal, acho que é só isso. De resto, acho que no futsal fiz tudo bem. Sempre que estive no Freixieiro estive bem, nunca tive aquela coisa de devia ter saído do Freixieiro mais cedo e ir para um clube melhor ou qualquer coisa do género, não. Mudava apenas a questão da valorização da escola.	Sim, neste momento sinto-me uma pessoa realizada tanto a nível de futsal como a nível dos estudos. Claro que uma pessoa quer sempre mais e no futsal uma pessoa tenta sempre atingir o patamar mais alto. Não mudava nada, penso que estou satisfeito com as minhas escolhas tanto a nível do futsal como a nível pessoal e não me arrependo de nada mesmo.

Entrevista número 5 – **Atleta amadora feminina**

Local: Gondomar

Sexo do entrevistado: Feminino - Idade: 36 anos

Estado Civil: Solteira (União de facto) - Habilitações literárias: Licenciatura

Entrevista número 6 – **Atleta amadora feminina**

Local: Porto

Sexo do entrevistado: Feminino - Idade: 24 anos

Estado Civil: Solteira - Habilitações literárias: Ensino Secundário

Tema	Texto original	Texto original
	Entrevistada E	Entrevistada F
Estrutura familiar	Os meus pais separaram-se quando eu tinha 8 anos. Passados três anos a minha mãe juntou-se com outra pessoa e eu acho que isso teve muita influência na minha identidade. Tive vários contextos de aprendizagem tanto da parte do meu pai como da parte da minha mãe. A família do meu padrasto foi espetacular, acolheu-me e deu-me outro tipo de valores que eu acho muito importantes como a aceitação - apesar de eu não ser da família sempre me consideraram como alguém da família.	Neste momento só vivo com os meus pais. Tenho uma irmã 12 anos mais velha que está casada e já tem filhos. Como indivíduo os meus pais contribuíram, acho que acima de tudo sempre foram muito rígidos, mas acho que foi isso que me fez lutar mais para chegar onde estou hoje. A minha família sempre me cortou um pouco as “asas”, nunca me abriu muito o leque de oportunidades para eu fazer aquilo que gosto ou até mesmo para me descobrir como um ser individual. O meu pai é um pai ausente e

	<p>Portanto, acho que em termos de valores, o percurso familiar foi bastante importante.</p>	<p>pouca influência teve e tem na minha vida. A minha mãe tem uma mente à antiga e vive muito para as aparências e tudo aquilo que eu fazia e era, tinha de ser como ela queria. É uma pessoa nervosa e dramática o que me influencia por vezes de forma negativa. A minha irmã quando era criança foi um grande apoio, fui "criada" por ela e foi o meu exemplo positivo da mulher que queria ser. Mas quando cheguei a uma fase adulta as nossas vidas seguiram caminhos diferentes. No entanto, a família no geral sempre exigiu muito de mim, por um lado obrigaram-me a ser também exigente comigo mesma. Ainda que não tenha tido a estrutura familiar que desejava, nem o apoio e o suporte que precisava, a verdade é que os meus pais me deram as bases para eu crescer.</p>
Relação com e entre os pais	(Relação com o pai) Está muito diferente. Lembro-	(Relação com o pai) Em criança quase 0, atualmente

	<p>me perfeitamente que até aos 8 anos era o meu pilar, lembro-me de brincadeiras, dele a dar-me banho, coisas assim e depois de ele se ter separado da minha mãe mudou muito. Estivemos 7 ou 8 anos sem falar e isso degradou muito a nossa relação. Agora falamos, eu sou adulta, vou lá ter com ele porque quero vê-lo, quero ver a minha irmã, mas não passa disso. Apesar de eu gostar que houvesse maior proximidade, está muito distante.</p> <p>A minha mãe sempre foi muito próxima, até pelo facto de sermos só nós as duas, a proximidade foi bastante notória. Acho que temos um amor incondicional de apoio e sempre que eu preciso sei que ela está lá.</p> <p>Os meus pais desde que houve a separação não se falam. Perderam completamente o contacto, o único contacto que eu me</p>	<p>mais ou menos (risos). Não é uma pessoa que seja muito chegada. É um bocado desligado, temos um feitio um bocado de “choque”.</p> <p>Eu não era propriamente uma criança fácil e a minha mãe era muito crítica. Agora em adulta, acho que pelo facto de ter crescido, comecei-me a pôr um bocado do lado dela e agora já consigo ter conversas com ela como se fosse uma “amiga”. Já me apoia muito mais, ela também já viu que eu consigo dar a volta por cima e consigo fazer as coisas por mim.</p> <p>Entre eles? (risos) Quando eu era miúda discutiam imenso, agora já acalmaram. A minha irmã casou, agora com os meus sobrinhos também é diferente, estão um bocado mais calmos. A minha mãe também já está reformada, já não tem aquele stress do trabalho e o meu pai já está quase a ir para a reforma.</p>
--	---	---

	lembro foi a decidir com quem é que eu ficava e quando decidiram isso, acabou. Nunca mais se falaram.	Com a idade acalmaram (risos).
Educação e condições de vida na infância e juventude	Em termos financeiros nunca tive falta de nada, mas também nunca tive abundância. Em termos de educação, foi bastante rígida até porque morava num bairro – fui para lá morar aos 13 anos – e tinha uma educação muito rígida que eu considerava que era muito má na altura, mas vendo agora, acho que foi a ideal porque tive regras – apesar de não gostar -, tive que aceitar um “não” e acho que isso foi importante.	Acho que muitas das vezes os pais não dão o apoio necessário às crianças e os nossos principais educadores são as pessoas que apanhamos na escola. Acho que se calhar em termos de marcação individual, tive mais professores a marcarem-me positivamente do que propriamente os meus pais. Ainda assim, considero que é importante teres uma educação em casa para que consigas ter um maior relacionamento social fora de casa. A nível de condições de vida não tenho propriamente nada a apontar, porque acho que nem sempre influenciam a vida de um indivíduo.
Apoio dos familiares na prática da modalidade	A minha mãe nunca gostou, quando eu me afirmei e disse que queria mesmo, ela aceitou.	Em termos de percurso a nível de atleta se calhar não tive o apoio que devia da parte deles, porque sempre

	<p>Raramente vê jogos meus e sempre foi contra eu jogar, mas a partir de uma certa idade deixou de me proibir (risos).</p>	<p>fui uma pessoa que quis seguir desporto, sempre fui uma pessoa que quis praticar várias modalidades e os meus pais sempre me deram para trás por causa de questões financeiras, por causa de deslocamentos e assim.</p>
<p>Celebrações culturais mais importantes</p>	<p>Eu acho que na minha vida há dois timings, até um certo ponto eram as épocas festivas – Páscoa, aniversários, Natal – e agora eu percebo porquê. Neste momento não dou valor à Páscoa ou ao Natal, simplesmente dou valor ao estar em família. Por isso é que eu acho que na altura gostava dessas épocas festivas, porque um dos valores que o meu padrasto me foi passando foi o conceito de família, o conceito de união, de estarmos todos juntos, de festejarmos todos juntos. Então desde que estou com ele que fazemos o Natal, as festas, a Páscoa sempre com muita gente, com toda</p>	<p>Aniversários. Acho que aniversários valorizo muito mais do que Páscoas e Natais. O Natal já teve um significado diferente para mim, porque já tive a minha família toda unida e agora está um bocado cada um para o seu lado. Mas acho que aniversários é aquela ocasião em que a pessoa tem que estar presente.</p>

	<p>a família. Portanto acho que é nesse sentido, é o facto de conseguirmos estar em família. O conceito de família é muito importante para mim.</p>	
<p>Futsal enquanto tradição e herança cultural</p>	<p>Começa já a haver um bocadinho, já há muita gente a praticar e que vai passando de uns para os outros. Claro que o Ricardinho ao estar no patamar em que está ajudou imenso, porque acaba por ser a tradição e a tal herança. Portugal está a herdar do futsal uma responsabilidade muito grande devido ao Ricardinho, porque Portugal é mundialmente conhecido no futsal pelo Ricardinho, ele é um embaixador. Goste-se ou não, ele é o melhor. E sim, acaba por ser uma herança. Eu sou jogadora de futsal, o meu namorado é treinador, o filho dele tem 12 anos e já joga futsal. Nós perguntamos “queres ir para o futebol?” e ele “não,</p>	<p>A nível de tradição o futsal está a crescer. A nível de formação e tudo, já se vêm muito mais equipas a investir a nível de formação. Agora a nível de herança, eu por exemplo não tenho ninguém na minha família que jogue futsal, mas há pais que sim que gostam de transmitir a sua experiência de ser jogador de futsal. Acho que é mais de pais para filhos do que propriamente de pais para filhas, sem sombra de dúvidas. Mas sim, acho que a nível de herança há famílias que fazem isso. “Eu sou guarda-redes, gosto imenso de futsal, vou meter o meu filho no futsal”, os miúdos são pequenos e vão. Acho que pode ser transmitido.</p>

	<p>quero ir para o futsal”. Ele cresceu a ver-me jogar – eu já estou com ele há 10 anos – e viu o pai ser sempre treinador de futsal e acabou por ser a tal herança. Por mais que eu diga “queres experimentar outra coisa?”, ele que esteve sempre dentro deste meio, quis ir para o futsal. Mais tarde até pode experimentar outra modalidade, mas aqui fica um pouquinho da nossa herança e da nossa tradição.</p>	
<p>Apoio da “cara-metade” na prática da modalidade</p>	<p>100%. Se não fosse assim, era impossível neste momento, com a idade que tenho, ainda estar a jogar. Tive uma relação anterior em que ele não me apoiava, não digo que foi por isso que não deu certo, mas ajuda a não dar certo. Neste momento é importante, acho que é fundamental, pelos sacrifícios que se fazem, as deslocações, aos fins-de-semana que estamos fora, se não houver</p>	<p>Neste momento não estou numa relação, mas posso falar da minha relação anterior. Apoiava-me imenso. Por acaso a última relação que eu tive, foi daquelas pessoas que principalmente como eu estava no campeonato nacional me apoiou sempre imenso. Ia aos meus jogos e se pudesse também ia aos meus treinos. Foi um grande apoio.</p>

	<p>uma compreensão, principalmente na parte feminina – porque há sempre aquela coisa e o jantar? – principalmente quando nós já temos alguma idade. Já não é aquela idade em que ainda andamos a estudar, estamos em casa dos pais, como é o meu caso em que tenho um relacionamento, vivemos juntos e portanto, se não houver uma compreensão total é difícil. Portanto, nesse aspeto, acho que sou uma privilegiada, porque tenho 100% de apoio e ele também é treinador.</p>	
Compreensão e aceitação dessa pessoa na prática da modalidade	<p>100%. Incentiva-me a continuar e a não desistir quando as coisas não estão a correr bem.</p>	<p>Sim, havia.</p>
Problemas na atual relação ou em relações amorosas anteriores devido à prática da modalidade	<p>Sim, numa relação anterior. Dificultava porque, falando agora um bocadinho a nível de género, somos mulheres a praticar a modalidade. Se fossemos para o ginásio, se calhar era diferente para</p>	<p>Em relações anteriores se calhar um bocado, porque era do género “só pensas em treinar, só pensas em jogar e eu fico aqui em casa”, coisas assim. Mas acho que nunca me causou assim grande transtorno.</p>

	<p>algumas mentalidades. Mas como era para o futsal, tinha que fazer alguns sacrifícios, tinha de preparar de alguma forma a minha ida para o treino, adiantava o jantar, deixar tudo pronto, mas mesmo assim, ainda havia desagrado porque eu não estava em casa. Portanto ainda há muito condicionalismo, cada vez menos, mas ainda existe muito condicionalismo principalmente da mulher em praticar um desporto supostamente masculino.</p>	
<p>Pertença a uma instituição desportiva</p>	<p>Eu já tive vários clubes, já estou há 7 anos no meu atual clube e acho que sim, muda muito a identidade da pessoa. Nós temos comportamentos sociais, tanto individuais como de grupo, que são diferentes. E acho que aprendemos a conviver em sociedade, a lidar com os feitios uns dos outros e acabamos por melhorar a nossa postura no dia-a-dia, mesmo</p>	<p>Desde que entrei para o futsal a minha vida social melhorou imenso. E a minha vida como pessoa também, porque eu era uma pessoa um bocado fechada, era uma pessoa que se calhar não conseguiria estar neste momento a falar contigo (risos) e o futsal ajudou imenso. Porque o ambiente de balneário é muito importante, eu no primeiro clube onde estive</p>

	<p>quando estamos em empresas. Acho que facilita o facto de desde muito cedo estarmos inseridos dentro de uma equipa, a trabalhar em equipa. Hoje em dia, fala-se muito do trabalho em equipa, da cooperação e acho que o desporto coletivo ajuda imenso. Acho que pertencer a uma equipa coletiva teve muita influência na minha forma de estar. Acho que nos muda e ajuda imenso na nossa vida.</p>	<p>cheguei e as minhas colegas integraram-me no grupo. Comecei a melhorar imenso a minha vida social. O segundo clube foi basicamente uma família para mim.</p>
<p>Normas e valores transmitidos por parte dos clubes</p>	<p>Felizmente pelos clubes por onde passei, os valores que passaram foram muito importantes.</p> <p>Principalmente é o saber estar em grupo, respeitar o outro, o treinador, respeitar as hierarquias. Era fácil aceder ao treinador, mas havia o respeito pelo superior. Se ele diz que é assim, temos de respeitar. Esses valores para mim foram muito importantes até para a vida numa</p>	<p>O apoio. A nível motivacional é importante, é uma coisa que tu precisas mesmo de ter para estar na modalidade. É a força psicológica e motivacional. Os dois primeiros clubes pelos quais passei deram-me confiança, auto-estima e um excelente espírito de equipa, dentro e fora do balneário. Ajudaram-me a crescer como ser humano no que diz respeito à comunicação e auto-</p>

	<p>empresa. Nós respeitávamos e éramos respeitadas.</p>	<p>estima. No clube onde estou, melhorou em muito o meu espírito de sacrifício e também aumentou o meu espírito competitivo, aquela vontade de crescer como atleta e me distinguir das restantes guarda-redes. Ao longo do percurso como atleta, nos três clubes por onde passei, melhorei bastante a minha capacidade de auto-controlo e concentração.</p>
<p>Paixão pelo futsal</p>	<p>Quando fui para o futsal federado, jogo há mais de 10 anos federada, ao início era giro, era diferente. Com o passar dos anos, como também já tinha jogado futebol e podia comparar e ver as diferenças, o futsal é neste momento sem dúvida a minha paixão. Adoro o que faço, se formos a comparar – porque acho que só podemos comparar com alguma coisa - acho que é muito intenso, é algo que não tem muito descanso. Quando decidi ir para guarda-redes de futsal,</p>	<p>É completamente diferente, é uma dinâmica bastante diferente, não é tão monótono. É um espetáculo. Se for bem jogado é um espetáculo. Bola, troca, troca, troca, as defesas dos guarda-redes – eu sou guarda-redes (risos) – são espetaculares, principalmente os masculinos em que as defesas é com a cara, com tudo. Acho que se for mesmo bem jogado é um espetáculo. É se calhar mais espetacular do que</p>

	transportando os meus conhecimentos de andebol, acho que me apaixonei ainda mais pelo futsal. Enquanto guarda-redes é muito mau às vezes, mas pegando numa balança acho que os momentos bons conseguem sempre superar os maus e é fantástico.	voleibol, futebol, andebol ou basquetebol. As fintas, o jogo de equipa, as defesas dos guarda-redes, é um espetáculo.
Amizades e inimizades criadas na modalidade	A nível pessoal conheci muita gente, fiz boas amigas e amigos no âmbito do futsal. Inimigos sou sincera, não tenho ninguém, dou-me bem com toda a gente. Eu tenho o meu grupo de amigos, alguns que ficaram para trás e eu vou mantendo contacto, juntamente com o que tenho agora. Portanto, fora de campo tenho bons amigos e o meu namorado conheci-o no futsal.	Sou-te sincera inimigos acho que não tenho. Em termos de amizades, já assisti a muitas. Acho que em termos de inimigos depende muito da pessoa. Se for uma pessoa muito competitiva que não saiba distinguir as coisas, é sempre mais complicado fazeres uma amizade com essa pessoa. Mas acho que em termos de amizades é espetacular. Acho que ganhas mais amigos do que propriamente inimigos.
Tensões existentes dentro do campo	Acho que é saudável porque faz parte, quando nós estamos a competir, todos nós queremos ganhar, isso faz parte da	Se tiveres espírito de equipa, um balneário porreiro, dentro do campo mesmo que estejas a perder consegues sempre dar a

	<p>nossa essência de ser humano. Agora, há limites. Temos de ter essa ambição, essa agressividade, esse querer, mas deve haver um limite que não passe para a agressão, que não passe para as ofensas e para o desrespeito. Há muito contacto físico, mas no fim está sempre tudo bem e eu acho que que isso é saudável. Porque se nós queremos ganhar, nós temos de lutar. Agora temos de lutar ponto e vírgula, há um limite que não podemos passar, principalmente do respeito, não fazer aos outros aquilo que também não gostava que me fizessem a mim. Mas sim, temos de lutar, de nos picar e até mandar uma boquita, desde que não seja ofensivo, dentro dos limites, eu acho que isso é saudável.</p>	<p>volta. Consegues sempre motivar. Agora, se tiveres uma equipa que seja cada um para o seu lado, que só pense mesmo no resultado, dentro do campo vai-se notar imenso. E muitas das vezes até deitas mais facilmente abaixo o teu próprio colega do que propriamente o adversário com quem estás a jogar. É um bocado por aí, a tensão principalmente entre jogadores da própria equipa deve existir o mínimo possível.</p>
<p>Importância dos adeptos no crescimento da modalidade</p>	<p>São importantes, apesar de no futsal ainda serem poucos, tirando o Sporting, Benfica e os outros clubes</p>	<p>Isso dos adeptos depende. Se forem adeptos que estejam para puxar por ti e não propriamente para</p>

	<p>que se fazem notar mais na modalidade, as outras equipas levam sempre poucos adeptos. Mas esses fazem parte e acho que sim, para a evolução também tem de haver o apoio de fora, mas acho que não é o fundamental. Para a equipa acho que sim, é importante para sentir o apoio que vem de fora. Para a evolução, às vezes só prejudica.</p>	<p>fazer barulho, está muito bem. Dentro do campo causa em ti um bocado de adrenalina e a adrenalina muitas das vezes é muito positiva. O facto de teres os adeptos e vibrares com aquilo para ti vai-te dar muito mais motivação. Vais crescer a nível de adrenalina para dares tudo em campo. Acho que é importante. Agora, se forem aqueles adeptos que vão para lá puxar por ti, mas estão a insultar a equipa adversária também não dá com nada. Acho que acima de tudo tem de haver um ambiente desportivo. É puxar pela tua equipa, não é rebaixar os outros. Se for uma claque que quer o mesmo objetivo que tu é sempre mais fácil do que não teres ninguém na bancada. Termos apoiantes é importante.</p>
<p>Importância atribuída à escola</p>	<p>Na altura achei que não era nada de importante, ir estudar para a Faculdade? O que é isso? Eu não quis,</p>	<p>Acho que a escolaridade é importante. Hoje em dia, o valor educacional e as escolas têm um peso na</p>

	<p>foi a minha opção. Por acaso a minha mãe nesse aspeto deixou-me fazer as minhas escolhas, não me pressionou. Mas agora vejo que é muito importante estudar, ter conhecimentos, mas não só. Durante a minha licenciatura, o que fiz foi espetacular porque tivemos 3 cadeiras de desenvolvimento comportamental e tudo isso foi mudando a minha forma de pensar e um bocadinho a minha identidade também.</p>	<p>pessoa que tu és e no trabalho que tu podes desempenhar no futuro.</p>
<p>Papel da escola na construção da identidade</p>	<p>Na altura do Secundário foi muito importante, quando fui para o Colégio de Gaia fazer Gestão de Desporto, influenciou muito na minha identidade. Estive em contacto com pessoas de outro nível social - mais alto em termos de educação - e as coisas eram diferentes. Isso fez com que eu aprendesse a ser uma pessoa diferente, dizia muitas asneiras e deixei de dizer, porque estávamos</p>	<p>Teve muita importância. Tive professores espetaculares, eu nunca fui uma aluna excelente, mas sempre tive um apoio grande por parte dos professores. E acho que se, por exemplo, não tivesse tido um estagiário espetacular e um professor de Educação Física espetacular no meu 12º ano, supostamente eu nem sequer estava a tirar a Licenciatura. Tive um</p>

	<p>todos juntos e parecia mal, portanto fui mudando. Fui-me moldando um bocadinho ao contexto. Agora eu sei que me ajudou imenso a crescer como pessoa.</p>	<p>apoio espetacular por parte de alguns professores que contribuíram para eu chegar até onde estou hoje.</p>
<p>Conciliar a escola com o futsal</p>	<p>Quando eu fiz a Licenciatura, eu estudava, trabalhava e treinava, mas estava numa fase de vida mais madura, tinha 27 anos. Chegando a uma certa idade conseguimos gerir muito melhor a nossa motivação e o nosso dia, eu aí conseguia fazer tudo. Não sei se conseguiria os mesmos êxitos aos 20 anos. Quando eu fui para o 10º ano, eu praticava futebol e tirei logo 5 negativas. Isto teve uma explicação e tive de desistir do futebol. A minha mãe questionou-me sobre o que era melhor para mim. Porque eu treinava 3 vezes, ainda era longe, saía da escola às 16:30 e chegava a casa às 00h. No dia a seguir quando saía das aulas queria descansar, no</p>	<p>Conciliar os estudos, trabalho e futsal nem sempre foi fácil, aliás, não é mesmo nada fácil. Existem bastantes dificuldades em estar presente em todos os treinos e jogos o que dificulta, em muito, a minha evolução e ganho de titularidade. No entanto, tento dar o meu máximo em tudo o que faço e aproveito todos os momentos que tenho para estudar o máximo que conseguir, ir trabalhar e sempre que possível ir para o futsal e dar tudo, seja em treinos ou aquecimentos de jogos para manter o meu lugar. As maiores dificuldades prendem-se mesmo com a gestão do</p>

	<p>outro dia outra vez igual, chegava a Sábado e às vezes estudava e outras não, ao Domingo passava o dia fora, porque o futebol ocupava muito tempo. E no dia a seguir já tinha outra vez aulas, portanto, eu não conseguia descansar. Não queria estudar, porque queria era descansar no tempo livre, então não estudava muito tempo, cheguei ao fim do 1º período e tirei 5 negativas. Por isso, acho que quando nós somos mais novos, não conseguimos gerir tão bem o nosso tempo. Acho que aí aprendi alguma coisa, tive de mudar para conseguir conciliar os estudos e os treinos. Quando fui para a Licenciatura era muito diferente. Aí temos uma motivação e organização diferentes, eu entrava às 8h, saía às 14h e ia para a Faculdade de tarde e treinava à noite. Era assim duas vezes por semana, nos outros dias descansava,</p>	<p>tempo e a conciliação de todas as tarefas e horários.</p>
--	---	--

	<p>mas dava para conciliar porque entretanto ia no autocarro ou no metro e ia estudando, ia fazendo algumas coisas. Mas aí nós já temos uma consciência diferente da situação, sabemos que já está a sair do nosso bolso, temos de nos aplicar de forma diferente.</p>	
<p>Futsal enquanto “hobby” e a aspiração de o ter como profissão</p>	<p>Neste momento não gostava devido à minha idade, mas quando comecei sim, gostava de ter chegado. Embora o meu caso seja diferente, porque eu cheguei um bocadinho tarde a guarda-redes de futsal, comecei muito por baixo e gostava de ter ido à seleção, mas quando cheguei ao topo já tinha 28/29 anos. Portanto, a minha carreira foi muito tardia como jogadora. Eu sempre gostei muito, mas nunca foi a minha prioridade ser atleta profissional ou um dia sonhar ser atleta profissional. Claro que</p>	<p>Nunca tinha visto nenhum desporto como profissão e o futsal não é exceção. Como treinadora se calhar já via, agora como atleta não. Porque eu comecei há relativamente pouco tempo, comecei com 20/21 anos, tenho 24. Não é propriamente aquela coisa de querer chegar mais longe, porque sei que já não consigo. O meu próprio corpo ou a minha própria vida já não o permitem. Agora, como “hobby” trouxe-me bastante, porque sempre soube conciliar muito bem entre ser trabalhadora-estudante e atleta. Soube</p>

	<p>toda a gente gostava de ganhar dinheiro a fazer aquilo que gosta. Se calhar quando jogava futebol aos 16/17 anos, sim gostava de ter sido. Mas, no meu caso, no futsal ser profissional não era o meu principal objetivo. Apesar de gerir muito a minha vida em função do futsal, tentar arranjar empregos que dessem para treinar e jogar, rejeitar alguns que até ia ganhar mais. Mas não me arrependo de nada porque assim era feliz, assim estava feliz com tudo o resto. Eu preferia jogar e ganhar menos. Preferia ter um emprego onde ia ganhar menos dinheiro, porque se calhar ia ter um horário mais flexível ou trabalhar menos horas, não havia aquela coisa de trabalhar os fins-de-semana e consegui sempre gerir para trabalhar e jogar, esse foi sempre um dos meus objetivos.</p>	<p>aproveitar muito mais o tempo, dar muito mais valor ao tempo.</p>
--	---	--

Conciliar trabalho e futsal	<p>No início, trabalhava num escritório, treinava e jogava ao fim de semana. Conseguia conciliar, mas tinha de abdicar de algumas coisas, por exemplo quando fiz a Licenciatura já estava a trabalhar nessa empresa e eles propuseram-me fazer lá o estágio profissional, mas tive de sair dessa empresa porque não pude aceitar. Ia fazer o estágio profissional durante o dia e estudar à noite e isso já ia influenciar o futsal. Então preferi trabalhar a part-time noutra empresa e à tarde fazia a Licenciatura para conseguir jogar futsal, esse sempre foi o meu objetivo.</p>	<p>Até hoje a maior dificuldade que eu tive foram mesmo os treinos. Conseguir ir a todos os treinos para conseguir jogar. Isso foi o mais complicado porque eu sou trabalhadora-estudante o que por si já é complicado, ter uma modalidade a acrescentar, ainda mais complicado é. Depende também muito do tipo de trabalho, já trabalhei em dois sítios diferentes só que em restauração ou trabalhas à hora de almoço ou trabalhas à hora de jantar. Se eu tenho aulas à hora de almoço influenciava a ter que trabalhar mesmo à hora de jantar e os treinos são à noite (risos). Muitas das vezes eu só conseguia garantir um treino por semana e o jogo. Mas para os treinadores nem sempre é o suficiente. É complicado. Por exemplo esta semana já não consegui ir a nenhum</p>
-----------------------------	---	---

		treino e para mim, vou ao jogo, mas lá está, não é aquela motivação. Vou ao jogo mas só para fazer parte. É complicado em termos de conciliação, mas nunca foi impedimento para eu deixar de jogar, deixar de trabalhar ou deixar de estudar.
Malefícios da prática da modalidade na atividade profissional	Não trouxe, nunca trouxe porque eu escolhi uma empresa que compreendesse. Claro que ganhava menos, por exemplo, houve um momento que eu tive de pôr 3 de férias porque íamos fazer treinos bi-diários – de manhã e à tarde. E eu “eu quero fazer”, gostava imenso. Então cheguei lá nessa semana e disse “gostava de pôr 3 dias de férias”. Mas para isso eu também ganhava menos, porque foi assim que eu escolhi e eles compreendiam a minha situação. E acho que também é importante para as empresas, porque	Trouxe, duas baixas (risos). Já tive que ficar de baixa duas vezes por causa de uma entorse no joelho. E a nível físico as mazelas são bastantes. Estás a sair de um jogo, uma pisadura, um chuto mal dado numa mão, coisas assim do género em que vai um dedo para cada lado, vais para o trabalho e é complicado (risos).

	quando eu estava lá, estava a 120%. “Ainda por cima eles compreendem-me, maravilha!”	
Principais motivações para a prática da modalidade	É a emoção, a adrenalina, o estar em campo. Eu falo enquanto guarda-redes, é ter a oportunidade de defender uma bola de 1x1, é estar bem com a equipa, poder contribuir. E acho que é isso que me faz ainda praticar, é o ter medo de sentir falta desta adrenalina e desta paixão, onde me sinto realizada.	É basicamente ser a heroína do jogo. O meu perfil é mais do género de ser um elemento escondido – o guarda-redes muitas das vezes é um elemento escondido – mas nos momentos mais complicados seres capaz de brilhar. Isso é a principal motivação, é tu preparaste-te para seres aquele elemento decisivo do jogo. E acho que essa é a minha principal motivação. É tu ires treinar e saberes que podes ser decisiva a qualquer momento.
Principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino	Neste momento eu acho que tem que ver com a visibilidade em termos de comunicação social. O feminino não traz dinheiro, não traz audiências, então não se dá tanto valor. E acho que funciona um bocadinho assim. Por que é que eu digo isto? Porque na	O futsal masculino sempre teve muito mais dedicação e apoio do que propriamente o futsal feminino. Há muita diferença. Tu vais a um jogo do masculino tens imensos adeptos, vais a um jogo do feminino e se

	<p>Taça de Portugal, a minha equipa felizmente esteve na final four do ano passado na Póvoa, de manhã houve jogos das meias-finais femininas e não houve um jogo que passasse na televisão. Agora, neste momento, as coisas começam a evoluir até porque os próprios clubes têm canais onde passam os jogos e já há mais jogos do feminino a passar na televisão – na Benfica TV, na Sporting TV. Começa a ter mais visibilidade, mas mesmo assim, há muita desigualdade em termos de financiamento e de apoio.</p>	<p>calhar não tens metade, não tens tanto apoio.</p>
Desvalorização do futsal feminino	<p>Eu acho que neste momento já não é desvalorizado, acho que neste momento as pessoas já começam a ver de outra forma, até porque já há mais resultados, aparece mais na televisão. Acho que começam a dar mais valor às mulheres praticarem futebol e futsal. Mas acho que se calhar</p>	<p>Depende. A nível geral agora está melhor, está muito melhor. Ao nível da opinião da sociedade já esteve muito pior. Agora está melhor, já se valoriza mais um bocado. Também já há muitos mais praticantes de futsal feminino, antes não havia tantos.</p>

	<p>ainda há um bocadinho de preconceito. É mais o preconceito. Ainda assim, também se começa a mudar as mentes das pessoas. Tenho já várias situações de rapazes de uma equipa de futebol que vieram ver o nosso jogo por causa de uma colega nossa e no fim disseram que acharam impressionante e que não imaginavam que as mulheres jogavam tão bem. Acho que já não é tanto o valor que é dado, mas mais o preconceito “ah, porque és mulher não jogas nada”.</p>	
<p>Valores monetários recebidos por atletas masculinos e atletas femininos através do futsal</p>	<p>Acho que não é comparável, é incomparável. Nós nunca vamos conseguir receber, nem no futebol, aquilo que um homem recebe. Acha que isso nunca vai acontecer.</p>	<p>Eu não estou muito a par da parte monetária por parte dos clubes em relação aos atletas, mas sei que existe discrepância entre os dois géneros. Os atletas masculinos têm sempre um maior valor monetário do que as raparigas, porque o futsal masculino também é mais procurado, até mesmo em termos de espetáculo para os adeptos e media do que o futsal feminino que</p>

		por vezes é mais parado e tem menos procura.
Desigualdades experienciadas como injustiça	<p>Falando por mim não. Mas se calhar, falando na modalidade em geral, em todas as pessoas que estão ligadas à modalidade feminina sim, acaba por haver porque é uma diferença brutal. Não há meio-termo, é brutal. Agora, a nível individual eu não acho, porque também uma pessoa tem de perceber – quem percebe de negócio e de Gestão – que o feminino não dá e o que dá são os que são beneficiados – Benfica, Sporting – que andam lá em cima. São mais visíveis, mas mesmo assim, não têm os apoios que tem o masculino.</p>	<p>Como mulher, é óbvio que gostava que houvesse uma maior igualdade, até porque vejo enormes talentos ligados ao futsal feminino e nem sempre são valorizados, mas sei que os media, a imprensa, tem muito impacto nesse aspeto e não chamam o público, os adeptos, a fazer parte deste grande espetáculo do futsal.</p>
Discriminação, estereótipos e preconceitos devido à prática da modalidade	<p>Já, primeiro de onde veio foi muito triste, foram médicos. Quando cheguei ao hospital com uma entorse a jogar futsal, a primeira coisa foi “ah, por que é que não está em casa a lavar a louça? Assim não</p>	<p>Não, é só mesmo aquela parte do género “Mas tu recebes? Estão-te a pagar para tu jogares?” Mas isso é mais por parte do meu pai, porque o meu pai foi jogador profissional de futebol. Mas é essa parte</p>

	se lesionava” foi a resposta que me deram. Mas já tive vários, tive também outra lesão e o médico disse “ah, tem é de deixar de jogar, o futebol não é para as mulheres”. Esse tipo de preconceitos sim. Numa relação anterior também tive um bocadinho dessa situação, porque na opinião dele eu não devia estar a jogar.	“oh, futsal feminino. Mas tu nem recebes e vais para lá? Nem recebes, o que é isso?”.
Conhecimento de algum tipo de discriminação, preconceito ou estereótipo em relação a uma atleta ou conjunto de atletas	Que eu tenha conhecimento não, tirando às vezes essas situações dos médicos. Às vezes no Facebook vão aparecendo algumas pessoas a comentar, mas nada mais.	Não. O máximo que pode acontecer é o pessoal associar muito o futsal à homossexualidade por parte das raparigas. Quando vais ver uma atleta, basta ela ser jogadora de futebol ou ser jogadora de futsal, pensas logo “gosta de raparigas ou é uma maria rapaz”. Mas não. E muitas das vezes associa-se mais a esse nível, é mais à tua sexualidade. Isso já ouvi, “olha, aquela maria rapaz”. Muitas das vezes isso já aconteceu, já assisti mesmo do género verem aquelas

		<p>raparigas de cabelo curto e pensarem logo “olha, um rapazinho”. Já ouvi essas bocas, infelizmente. Mas assim diretamente para a pessoa em si nunca assisti.</p>
<p>Posição dominante dos homens no futsal português</p>	<p>Sim, assumem. Eu acho que em termos de dominação do masculino face ao feminino tem tudo que ver com o movimento das massas, de dinheiro. É o que dá mais dinheiro. A minha mãe, por exemplo, pôs-me a praticar ballet e ginástica porque achava que eu era rapariga e tinha de ir para o ballet e para a ginástica. Futsal nem pensar! E é isso que muitos pais ainda pensam. Começam a ser menos. Vamos a uma escola de formação de traquinas e há uma ou duas raparigas, no máximo, no meio de 10 rapazes. Há pouca formação em feminino. E em termos de qualidade também não é igual ao masculino, acho que isso tem muita influência. Eu</p>	<p>Muito sinceramente os homens dão sempre muito mais show. As diferenças são algumas sim, a nível da visibilidade, dos apoios e dos adeptos que mobilizam. O que é que uma pessoa pensa quando vai ver um jogo de futsal feminino? Não tem tanta magia como no futsal masculino. É diferente ver um jogo de rapazes, tem muito mais velocidade e intensidade. Em termos gerais, o jogo de rapazes tem sempre muito mais show. Tem sempre muito mais aquela magia das fintas, da velocidade, de remates, mesmo de defesas de guarda-redes. Uma rapariga se calhar em termos de peito e de cara, vai assim mais contida. Nos rapazes não, é com</p>

	<p>acho que quando se começa a evoluir e se chega a uma fase de Seniores, por exemplo, há mais visibilidade e dominância do masculino, pela quantidade de praticantes, mas também pelo dinheiro envolvido. Porque se dá dinheiro, vamos investir. Se não há dinheiro, para que é que vamos investir? Acho que infelizmente funciona muito assim. Não é só o masculino por ser masculino, tem que ver com o que dá dinheiro e o que não dá. É o que faz parte da nossa sociedade.</p>	<p>tudo. Os rapazes dão sempre muito mais show e têm sempre muito mais apoio de adeptos do que propriamente as raparigas. É aquela coisa, os rapazes conseguem ser muito mais intensos do que as raparigas.</p>
<p>Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?</p>	<p>Não é natural, mas se nós percebermos a realidade de cada um deixa de nos incomodar. Percebemos que não há hipótese, a realidade é esta. Há mais investimento, há mais poder, há mais tudo no masculino. Se nós conseguirmos compreender essas duas realidades, acaba por ser muito mais fácil nós</p>	<p>Eu pessoalmente é-me indiferente, eu não estou muito preocupada sinceramente. Como treinadora quero valorizar o feminino. Agora como atleta não me influencia muito sinceramente. Como treinadora sim, quero valorizar muito mais o futsal feminino, porque sei que há muita qualidade. Também há muito essa</p>

	<p>evoluirmos dentro do feminino do que se estivermos agarradas ao que o masculino faz. “Ah porque eles têm e nós não”, é a realidade deles ponto. Acho que não é uma questão de não ligar ou aceitar, é uma questão de compreensão de realidades. Claro que às vezes me incomoda, podíamos ter mais qualquer coisa. Mas se a nossa realidade é esta, temos de lutar com aquilo que temos. Não podemos ficar chateados, se eles têm aquilo e nós só temos isto, temos de aceitar.</p>	<p>ideia de que uma rapariga não pode jogar futsal, não pode jogar futebol por causa dos rótulos. Mas como atleta não me influencia minimamente. Eu pratico desporto por paixão, obviamente que é sempre bom e vantajoso ser reconhecida por aquilo que dou em campo, pela minha evolução, mas no geral, embora não goste dessa desigualdade, não é algo que me "revolte" no meu dia-a-dia. Não acho justo, óbvio que não, acho que devia de haver uma maior igualdade, porque não é por sermos raparigas que temos menos treino, esforço e talento do que os rapazes. Se calhar até temos muito mais trabalho para sermos reconhecidas e sermos alguém na vida como atleta, fazemos correr mais lágrimas e suor, fazemos mais sacrifícios para sermos "captadas" para um clube de excelência do que um rapaz, por exemplo.</p>
--	---	---

<p>Crenças, rotinas e rituais</p>	<p>Este ano tenho uma coisa que faço que tem dado certo que é andar com uma chiclet durante o jogo. Consigo estar mais focada, não estou tão preocupada com o que está a acontecer, fico mais focada no momento. Não sei se é crença ou não, mas tenho utilizado e tem funcionado. Não tenho quaisquer rotinas ou rituais antes ou durante os jogos. Até porque eu trabalho de manhã, às vezes acordo às 7h, quando não trabalho acordo mais tarde. A nível da alimentação não tenho nada, devia, mas não. Tento ter algum cuidado nesse dia com a alimentação que tenho, mas às vezes não tenho hipótese e se tiver de ir ao McDonald's, porque estou a sair do trabalho e tenho de ir para o jogo, vou. Não é que goste, mas se tiver de ser... Não tenho essas crenças.</p>	<p>Tento não mudar muito principalmente a nível de alimentação, tento não mudar muito, porque a alimentação é importante e basta mudar um bocadinho para ter uma diferença no meu organismo que pode influenciar. Em termos de rotinas, é tentar estar o mais desligada possível. Muitas das vezes quando são jogos fora ou são mais decisivos nem sequer vou na camioneta. Vou mais no meu mundo, sou capaz de pegar no meu carro, ir com música e estar o mais descontraída possível, cantar, fazer as minhas brincadeiras só para desanuviar, para chegar o mais calminha possível aos jogos (risos).</p>
-----------------------------------	--	--

Objetivo de constituir família e continuar com a prática da modalidade	Casar penso que não influenciou. O facto de ter filhos talvez um pouco. Mas no meu caso o que mais pesou foi o facto de ter terminado uma relação de 9 anos com 27 anos de idade, sendo que nessa relação não existia a vontade de ambas as partes em ter filhos e por isso mesmo fui adiando esse objetivo. Depois ao iniciar outra relação acho que influenciou mais pelo facto de que se engravidasse talvez não pudesse voltar a jogar ao nível em que estava.	Não, o ser atleta não influencia de forma alguma os meus objetivos de vida, porque lá está, sou atleta por paixão, pratico porque gosto da sensação de praticar desporto, porque me faz bem. Como tal, acho que a prática da modalidade em nada interfere com a constituição de família.
Vida pós-futsal	Pós futsal, neste momento, está muito bem idealizada. Há dois anos não estava, tinha muita dificuldade, para mim pensar em deixar de jogar era péssimo, não conseguia pensar. Neste momento, eu consigo pensar em deixar de jogar. Porquê? Porque consegui colmatar essa necessidade do desporto com a minha profissão. Sendo	A minha ideia sempre foi criar uma instituição de apoio a jovens e estar ligada a um clube, principalmente adolescentes. Era estar ligada às camadas jovens e, se possível, ter uma instituição minha de apoio a jovens em que tivesse vários tipos de modalidades não só o futsal, mas também dança,

	<p>massagista, eu quero trabalhar na área do Desporto, trabalhar com equipas – seja em futebol, futsal ou andebol, o que seja, mas se pudesse ser em futsal era o ideal – mas não podendo, desde que esteja ligada ao desporto, para mim era o ideal. Se eu neste momento tiver de deixar de jogar, é mais pacífico. Mas o meu futuro continuará sempre ligado ao futsal.</p>	<p>karaté, judo, o que fosse. Várias modalidades tipo academia de desporto, mas mais de apoio a jovens, onde também fosse possível fazer tpc's, tivesse um psicólogo que te ajudasse pós aulas, etc.</p>
<p>Está satisfeito com as escolhas que fez na sua vida/ Sente-se uma pessoa realizada</p>	<p>Sim, sinto-me uma pessoa realizada. Sim, estou e não gostava de mudar nada. Neste momento, acho que tudo o que fiz teve o seu sentido. Portanto, não mudava nada. Porque acredito que se mudasse, estava tudo diferente agora. Eu acredito nessa linha do tempo, se nós mudamos algo deixamos de viver aquelas experiências e, portanto, depois muda muita coisa no percurso, nas aprendizagens. Portanto, neste momento, estou muito satisfeita.</p>	<p>Ainda não me sinto uma pessoa realizada, hei de lá chegar (risos). Não me arrependo de nada do que tenha feito até hoje. Fui-me sempre superando. Agora mudava o ter começado a praticar desporto mais cedo. Porque sempre foi uma coisa que eu sempre quis e nunca tive possibilidade. Sempre quis praticar algum tipo de desporto, sempre quis estar ligada a alguma coisa que tivesse que ver com ar livre, nem que fosse escuteiros, sempre quis</p>

	<p>Estou satisfeitíssima com tudo aquilo que fiz, com tudo o que aprendi e com tudo o que ainda tenho pela frente em projetos.</p>	<p>fazer parte de alguma coisa e sei perfeitamente que isso me teria dado muita bagagem. Uma coisa é tu começares quando és jovem, outra coisa é começares na tua vida adulta. Mudava esse aspeto. Gostava de ter começado a praticar desporto muito mais cedo e talvez ter ido para um curso no 10º ano específico de Desporto. Infelizmente também não tive essa possibilidade. Estou onde estou hoje e também não me arrependo muito. Mudava só esses aspetos.</p>
--	--	---

Entrevista número 7 – **Atleta amadora feminina**

Local: Porto

Sexo do entrevistado: Feminino - Idade: 27 anos

Estado Civil: Solteira - Habilitações literárias: Licenciatura

Entrevista número 8 – **Atleta amadora feminina**

Local: Porto

Sexo do entrevistado: Feminino - Idade: 26 anos

Estado Civil: Solteira - Habilitações literárias: Mestrado

Tema	Texto original	Texto original
	Entrevistada G	Entrevistada H
Estrutura familiar	Tenho os meus dois pais comigo, são casados e têm um bom relacionamento entre eles. Quando era mais jovem, os meus dois avós viviam comigo. Neste momento só vive um, porque o outro faleceu. Recentemente, há cerca de 6 anos, nasceu a minha irmã mais nova. Mas a minha estrutura familiar sempre foi muito boa, forte e sempre me apoiou em tudo. Nunca tive uma família instável ou que me causasse qualquer tipo de problemas a nível profissional, familiar ou desportivo. A família é a	Eu tenho uma estrutura familiar sólida, é uma família grande, unida e que obviamente é preponderante na construção da minha identidade. Obviamente que os meus pais são as pessoas que estão mais próximas de mim e ajudam nessa construção, eles são importantes. Eu ainda vivo com os meus pais e tenho um irmão, mas não vive comigo. Considero a minha estrutura familiar sólida., com uma estrutura rígida. Fui sempre acompanhada, "controlada" no sentido positivo, embora naquela

	<p>base da minha educação e também da formação da minha personalidade. Transmitiram-me valores que fizeram com que não desistisse daquilo que gosto e que lutasse sempre para conseguir chegar onde queria. Posso dizer que sempre tive o apoio deles para a prática da modalidade e isso também foi muito importante para o meu sucesso.</p>	<p>altura achasse negativo. Foi importante ouvir “Sins” e “Nãos”. E essa estrutura obviamente que foi preponderante para a construção do meu “eu”. Foram-me incutidos valores e ideias, foi-me sendo criado uma idealização do que é certo e do que é errado. Por isso, grande parte do que sou hoje, da forma como penso e da forma como estou comigo e com a sociedade foi construída por essa estrutura. Uma estrutura forte, aliada e que sempre me acompanhou em todos os momentos.</p>
Relação com e entre os pais	<p>É uma boa relação, tanto com o meu pai como com a minha mãe. O meu pai também foi jogador de futebol, se calhar daí também o apoio em jogar futsal. Geralmente vão comigo quase para todo o lado, quando vou jogar, só se tiverem alguma indisponibilidade, ele é treinador de futsal, por</p>	<p>Em criança o meu pai era mais próximo. Tínhamos uma ligação mais próxima, mas ele também era uma pessoa um pouco doente psicologicamente. É assim, damo-nos bem mas não é a mesma proximidade de quando era criança. Também pelo facto de ter crescido, pelo facto de ele ser do sexo masculino e eu</p>

	<p>vezes quando tem jogos não consegue ir, mas de uma forma geral está sempre presente. Sempre tive uma boa relação com ele. Discutimos sobre futsal ou outros temas, é uma relação completamente saudável.</p> <p>(Relação com a mãe) A mesma coisa do que com o meu pai.</p> <p>Sempre uma boa relação entre eles.</p>	<p>do sexo feminino, isso causa um certo distanciamento.</p> <p>A minha mãe manteve-se igual, somos muito próximas. Todos os problemas e todas as dúvidas que tenho é com a minha mãe que converso e tento resolver.</p> <p>(Relação entre os pais) Se calhar um pouco mais distanciada agora. Nunca foi um casal muito unido, não foi aquela relação de amor. Mas agora estão um bocadinho mais distanciados.</p>
Educação e condições de vida na infância e juventude	<p>Posso dizer que tive as condições básicas e normais que uma criança tem para ser formada de forma saudável, para ter educação, para seguir determinadas regras da sociedade. Não tive acesso a tudo, mas tive acesso ao essencial e ao básico, à educação, à escola, à alimentação, nunca passei fome, nunca passei grandes dificuldades, ou seja, tive</p>	<p>Eu sempre tive, na minha opinião, boas condições. Sempre me foi dado tudo, nunca tive dificuldade nenhuma. Sempre tive acesso àquilo que quis e ao que não quis também, na altura não achava bom para mim, mas agora reconheço que foram experiências positivas. Portanto, acho que foi mesmo muito importante.</p>

	<p>acesso ao básico e posso dizer que tive uma infância feliz em todos os sentidos. Se calhar para poder depois ter atingido, quer a nível escolar quer a nível desportivo, o patamar que tenho hoje, os meus pais e a minha família foram muito importantes porque me deram tudo aquilo que eu necessitei, todas as ferramentas necessárias para poder chegar longe.</p>	
<p>Apoio dos familiares na prática da modalidade</p>	<p>Sim, sim a 100%.</p>	<p>Não, no futsal não. Mas penso que é por ser futsal mesmo, se calhar se fosse outra coisa aceitariam melhor.</p>
<p>Celebrações culturais mais importantes</p>	<p>Dou mais importância ao Natal pelo contexto de família e de toda a envolvência inerente.</p>	<p>O Natal e os aniversários também. Nós cada vez que alguém faz anos juntamo-nos todos, temos esse hábito. Acho que é sempre importante estarmos juntos.</p>
<p>Futsal enquanto tradição e herança cultural</p>	<p>Neste momento, acho que o futebol ainda prevalece muito como desporto-rei em Portugal. Se calhar com este tipo de visibilidade e por ser uma modalidade</p>	<p>Acho que sim, até acho que isso cada vez mais tem acontecido. O facto da herança, pais que jogam futsal e que começam a colocar os miúdos desde</p>

	<p>muito parecida com o futebol e tendo o Sporting e o Benfica também no futsal, se calhar se existisse o Porto, o Boavista e outras equipas, acredito que sim, que se pudesse tornar numa modalidade a seguir ao futebol, sem sombra de dúvidas a mais preferida pelos portugueses. Mas daí até ser uma modalidade em que de facto possamos dizer que é mesmo uma referência ou que é cultural, acho que ainda falta um bocadinho.</p>	<p>cedo na prática dessa modalidade. Eles começam já a criar ligações com determinados clubes.</p>
<p>Apoio da “cara-metade” na prática da modalidade</p>	<p>Neste momento não estou numa relação, mas tive duas relações um bocadinho diferentes. Tive uma pessoa que sim, que de facto me apoiava bastante e me acompanhava, não havia qualquer entrave nesse sentido. E tive outra que não se importava que jogasse, mas ao mesmo tempo, para jogar às vezes temos de fazer algumas opções, não temos tanto tempo para a família, para</p>	<p>Neste momento não estou num relacionamento, mas posso falar numa relação anterior. Sempre me apoiou a 100%.</p>

	<p>o namorado e dessa forma não havia muita compatibilidade de horários e de tempo disponível. E nesse aspeto não funcionou da melhor maneira. Pronto, são duas situações um bocadinho diferentes. Uma que me apoiava e não havia problema nenhum e outro que não entendeu essa situação e também não quis estar a abdicar daquilo que eu gosto por alguém.</p>	
<p>Importância dessa pessoa na prática da modalidade</p>	<p>Acho que é importante ter alguém ao lado que te compreenda, que te apoie, que te incentive para quando as coisas correrem menos bem teres ali um suporte, teres alguém que possa estar mais próximo. E como é óbvio é uma pessoa que é influente e que te pode ajudar ou não, dependendo da forma como encare o futsal, a ultrapassar certas situações e se calhar até em algumas situações poderes dar a</p>	<p>Era uma pessoa importante, porque me ajudava em todos os momentos, nos positivos e nos negativos, quando eu me sentia mais desmotivada, mais frustrada. Por acaso era a pessoa que mais me ajudava nesse sentido. Porque eu já sabia que chegando a casa ia ter ali algum conflito e não podia desabafar com a minha mãe ou com o meu pai, porque se dissesse por exemplo “hoje correu-me</p>

	volta por cima e estares ainda melhor.	mal” ou “magoei-me numa coxa, numa perna”, era logo “deixa mas é isso!”. E então essa pessoa dava-me algum ânimo e ajudava-me a ser melhor.
Problemas na atual relação ou em relações amorosas anteriores devido à prática da modalidade	Sim, no exemplo que dei sim.	Não, em relações amorosas não.
Pertença a uma instituição desportiva	O facto de estar inserida num clube é sempre importante, porque a nível social contactamos com diferentes pessoas - apesar de gostarem todas do mesmo e de fazerem todas o mesmo - vêm de sítios diferentes, algumas se calhar com culturas diferentes e acho que isso acaba por ser bom para ti como pessoa, porque acaba por te abrir um bocadinho os horizontes. Dou-te o exemplo da minha equipa, este ano tenho 4 ou 5 pessoas de Lisboa, algumas delas vieram de Angola ou de Cabo Verde com culturas e coisas um bocadinho diferentes e	Eu estou no mesmo clube desde os 12 anos, portanto a verdade é que este clube me ajudou na construção da minha identidade. Os valores que ele me transmitiu, toda essa socialização foi extremamente importante. É um clube pelo qual eu tenho muito apreço, eu chamo-lhe a minha segunda família. E acho que contribuiu imenso para a pessoa que sou hoje e cada vez mais tem contribuído, porque ainda continuo lá. O clube é na minha opinião mais um agente de uma "estrutura familiar". É mais uma estrutura importante na

	<p>acho que isso nos ajuda a conhecer mais um bocadinho do mundo. Sempre procurei fazer parte de um grupo ou equipa que tivesse os mesmo objetivos e valores que eu. Penso que só assim faz sentido, porque ao nos identificarmos com o clube e com as pessoas que o representam podemos sentir-nos bem e desenvolver um bom trabalho que satisfaça a todos. Claro que numa fase inicial da minha formação desportiva a minha identidade e ideais enquanto pessoa não estão totalmente definidos, pois iniciei a minha prática federada aos 13 anos. Mas sem dúvida que os clubes por onde passei também tiveram influência naquilo que sou e ao longo dos anos fui escolhendo o que queria para mim e quais os clubes que se poderiam enquadrar na minha forma de encarar</p>	<p>construção da identidade da criança ou na alteração de alguns comportamentos. Um clube é uma mini sociedade dentro da sociedade, onde vais aprendendo numa pequena escala aquilo que te acontece ou pode acontecer. A competitividade, o trabalho em equipa, a entreaajuda, a superação, a auto motivação, a resiliência, a aceitação, a tolerância, a gestão do esforço, a gestão das contrariedades, a importância de lidar com os outros, tudo isto acontece no seio de um clube. E a forma como nos orientam e nos ajudam, nos guiam a lidar com tudo isto deixa-nos melhor preparados para a sociedade, para a nossa vida pessoal, familiar, desportiva e profissional. Claro que influenciou aquilo que sou hoje. Ajudou-me a ser uma pessoa melhor e ainda hoje</p>
--	--	---

	o desporto e os valores que para mim são essenciais.	ajuda. Por outro lado, a convivência que tens com os teus colegas, adversários e outros agentes obriga-te a falar com as pessoas, a querer saber mais, a gostares de alguém e não gostares de outro alguém. E estas relações que se vão criando fomentam a socialização.
Normas e valores transmitidos por parte dos clubes	Em todos eles ou pelo menos na maioria deles, é aquilo a que estamos habituados a quem pratica desporto, é ser responsável, pontual, o sentido coletivo que tens para com a equipa, o sentido individual também - aquilo que tu podes dar à equipa, onde te podes encaixar, de que forma podes ser mais útil para a equipa -, os valores humanos no sentido de não vale tudo para chegar ou conseguir aquilo que tu queres, foi muito isso que sempre me foi transmitido. Mas de resto foi trabalhar, trabalhar para tentar chegar a um determinado patamar.	Respeito, humildade, capacidade de trabalho, entreajuda, trabalho em equipa, muito trabalho em equipa.

Paixão pelo futsal	<p>Eu não digo que me apaixonei logo pelo futsal, se calhar como todos os miúdos ou todas as crianças, começam a ver futebol e gostam de futebol. Na minha altura como não havia futebol feminino perto de onde eu moro, havia apenas uma equipa de futsal, acabei por ir para o futsal. No entanto, depois do contacto com o futsal acabei por me apaixonar. Achava um jogo muito mais interessante do que o futebol, porque acho que as atletas no futebol tocam muito menos na bola, acaba por ser um jogo muito mais saturante. Enquanto o futsal não, estamos sempre a correr, sempre a tocar na bola, sempre a mexer, a bola tanto está na nossa baliza como está na outra logo a seguir, o resultado é muito mais inconstante, é muito mais emotivo, acho que é algo, mesmo para as mulheres, muito mais</p>	<p>Eu adoro futebol e futsal. Escolhi futsal, porque foi a experiência que me foi dada. Por acaso cheguei a ter uma experiência de futebol, mas não me integrei muito bem. Foi uma experiência que coincidiu com a prática do futsal. Houve ali um período que quis experimentar o futebol para ver as diferenças, mas não me integrei muito bem e continuei no futsal e realmente gosto imenso. É algo que está incutido em mim e no meu progresso enquanto pessoa, são muitos anos de futsal.</p>
--------------------	---	---

	bonito de se jogar do que futebol. E pronto, a partir daí já não me imaginava, nem agora me imagino a trocar para jogar futebol de 11.	
Amizades e inimizades criadas na modalidade	<p>Como em tudo na vida, amizades verdadeiras se calhar colecionas 5 ou 6. Depois tens outras pessoas com quem te dás bem, vais falando. Inimizades eu não diria inimizades, se calhar há pessoas com quem não te identificas na forma de estar, na forma de competir, na forma de ser. Da minha parte quando é assim não tenho nada contra a pessoa, mas também não quero proximidade. Ou seja, nesse aspeto acho há amizades que levas para a vida, independentemente depois de jogares ou não com essas pessoas, é indiferente. Também há aquelas colegas de equipa ou pessoas que tu conheces e com quem te dás bem, mas que não falas de forma</p>	<p>Eu sou uma pessoa que não crio conflitos com ninguém, portanto inimizades não tenho. Posso é criar amizades. É óbvio que estou lá há muitos anos, que fiz muitas amizades, tenho pessoas que já saíram e que entretanto deixaram de jogar e continuam minhas amigas, vamos sair, vou a casa delas, elas vêm a minha casa. Portanto, é óbvio que são criadas essas amizades e eu tenho algumas.</p>

	tão regular ou tão frequente e depois há aquelas pessoas que tu preferes ter só como adversárias e não as ter na equipa. Não diria inimizades, são pessoas que não simpatizo ou que não se enquadram comigo.	
Tensões existentes dentro do campo	Há coisas que considero normais e outras que considero já acima do limite daquilo que é racional. Entendo que num jogo, vamos imaginar, que seja decisivo, assim como eu não gosto de perder, é normal que os adversários também não gostem de perder, acredito que numa ou noutra situação possa haver uma entrada ou um comentário um bocadinho mais fora do normal, mas desde que não ultrapasse um determinado limite de respeito e daquilo que é normal tendo em conta a emoção do jogo e tudo o que se enquadra ao nível emocional do jogo. No feminino acho que isso acontece menos vezes,	É óbvio que às vezes existem, mas na minha opinião, é algo que faz parte. Não é assim tão negativo. Se isso não existir não há forma de tentarmos melhorar. É esse conflito que nos vai ajudar e nos vai obrigar a melhorar. Acho que não é assim tão negativo o facto de haverem essas tensões. É óbvio que existem e depois têm que ver com muitas condicionantes, se as coisas estiverem a correr bem é tudo uma maravilha, então no feminino isso acontece muito, é tudo muito bom. Mas quando acontece alguma coisa negativa, uma derrota ou várias derrotas, nós mulheres temos mais

	<p>pouquíssimas vezes. Eu também não sou uma pessoa conflituosa, é muito raro, se tive 1 ou 2 conflitos durante a minha carreira toda já foi muito. Não sou propriamente uma pessoa muito conflituosa ou que fale seja para o bem ou para o mal quando jogo. Por isso da minha parte nunca tive muito esses problemas a nível de jogo com adversários ou até mesmo com colegas de equipa.</p>	<p>dificuldade em reagir. Mas é algo que acaba por ser positivo na minha opinião.</p>
<p>Importância dos adeptos no crescimento da modalidade</p>	<p>Acho que é super importante. Acho que é completamente diferente tu jogares com meia dúzia de pessoas na bancada e teres uma bancada cheia, seja contra ti, seja a favor, é diferente. Sentes-te muito mais motivado, sentes que as pessoas foram lá para ver, se foram lá para ver é porque acham que as duas equipas têm qualidade, é porque gostam de futsal. Vou comparar com o futebol, o futebol tem a visibilidade que tem</p>	<p>Acho que o problema hoje em dia é que os adeptos contrariam os valores da modalidade – insultos, palavrões -, mesmo na formação isso acontece. Portanto, acho que de certa forma os adeptos não ajudam ou limitam um bocadinho o crescimento nesse sentido. Mas isso já é um estigma gerado há muito tempo, vem do futebol e infelizmente acho que é algo muito difícil de alterar e que, de certa</p>

	<p>porque tem muita gente a ver, tem muita gente que gosta, tem muita gente que apoia, tem muita gente que paga bilhetes, paga quotas de sócios. Se o futsal conseguir atrair mais gente aos pavilhões, sócios, seja o que for, acho que tem tudo de positivo para a modalidade, é uma forma de crescer, de se tornar também um desporto de grandes massas. Era fantástico e acho que nós próprios teríamos mais condições e depois a motivação para lá estar seria ainda maior.</p>	<p>forma, limita o crescimento da modalidade.</p>
<p>Importância atribuída à escola</p>	<p>Há uma pequena diferença, embora sempre tenha atribuído importância e valorizado a escola. Mas olhando agora, não basta teres um curso, deves dar mais valor a isso e saber escolher aquilo que queres estudar, aquilo que queres seguir.</p>	<p>Eu sempre valorizei muito a escola. Sempre fui uma boa aluna, muito regrada. Portanto, dei sempre valor à escola. Até porque quando tinha uma negativa para mim era um caos, mesmo antes de contar para a média. Sempre dei extrema importância e ainda hoje acho que é extremamente importante para o futuro de cada um.</p>

Papel da escola na construção da identidade	Acho que a escola, principalmente desde que és criança até à tua juventude, tem um papel muito importante na tua formação como pessoa e ser humano. Como é óbvio não é só na escola que tu vais aprender a ser educado, a ser gentil para as outras pessoas, também em casa e aquilo que passas em tua casa é fundamental para que depois na escola as duas coisas se possam consolidar. No entanto, é verdade que a escola sobretudo nessas fases, até à fase da tua juventude, se calhar 16/18 anos é quando formas a tua personalidade, o teu carácter, a tua forma de ser e como passas muito tempo na escola, acaba por ter um papel muito importante na tua formação não só académica, mas também pessoal.	Acho que é preponderante. Passamos grande parte do nosso tempo enquanto criança e jovem na escola, portanto é lá que vamos construindo a nossa personalidade e a nossa forma de ser. Acho que foi preponderante na construção da minha identidade, como é óbvio.
Conciliar a escola com o futsal	Depende das tuas fases escolares, até um determinado ponto é relativamente fácil	Eu sempre conciliei bem, fui sempre muito regrada, muito organizada. Sempre pude ir aos treinos, tinha

	<p>conciliares, à medida que vais avançando na tua carreira académica torna-se mais difícil. Sempre tive relativa facilidade até ao 12º ano, depois na Faculdade já foi um bocadinho mais difícil. Na altura tinha também um part-time, ou seja, tive de conciliar três coisas, esse part-time, a escola e o futsal. Foi uma altura, os últimos dois anos do curso, de facto muito desgastante, mas tudo deu para conciliar. Também tive sorte no futsal, como é óbvio de me facilitarem um bocadinho, se calhar havia um treino ou outro que eu não podia treinar e como é óbvio a minha formação académica está à frente, por muito que eu goste do futsal, aquele era o primeiro objetivo. Assim como na Faculdade também tive a sorte de ter alguns professores que achavam piada ao facto de eu jogar, de ir à seleção e</p>	<p>testes e ia na mesma aos treinos, porque conseguia organizar isso.</p>
--	---	---

	também me facilitaram nesse aspeto. Sempre consegui conciliar mais ou menos bem, embora a fase mais difícil tenha sido essa da Faculdade.	
Futsal enquanto “hobby” e a aspiração de o ter como profissão	<p>Quando comecei a jogar futsal fazia-o porque gostava daquilo que estava a fazer, à medida que os anos foram passando, fui evoluindo, fui tendo noção que se calhar poderia ser uma das melhores na modalidade e fui tomando decisões na minha carreira a nível de mudanças de clube, etc. tendo em conta isso. Já me passou pela cabeça sim e houve uma altura em que estive quase para sair de Portugal, uma vez para ir jogar para Espanha, outra para Itália. Mas o facto de ser algo muito incerto no sentido em que até posso estar lá 1 ou 2 anos, mas e depois? Não é algo que me garantisse ter uma vida profissional dos 20 aos 30 anos, em que pudesse de</p>	<p>Nunca foi aspiração para mim ter como profissão. Também se calhar pelo facto de saber como era a realidade. Ter o futsal enquanto “hobby” é ótimo, porque trabalho, tenho as minhas coisas e é muito bom chegar aos dias de treinos, eu chegando aos dias de treino sinto-me melhor. São ali duas horinhas em que nos abstraímos da nossa vida profissional, dos nossos problemas. Portanto, considero que é necessário até.</p>

	<p>facto ganhar o suficiente a médio/longo prazo. Por isso nesse aspeto sempre tive em consideração a minha formação académica, essa era a minha prioridade. Uma das vezes acabei por não ir para fora, porque a proposta que me surgiu faltava 1 ano de curso, ou seja, não ia estar a congelar a minha matrícula. Preferi não, se tiver que ir vou para o ano ou depois vê-se. A outra oportunidade surgiu há cerca de 2/3 anos - embora todos os anos surjam propostas estou a falar daquelas que de facto me compensassem monetariamente eu ter de deixar a minha família para ir para fora. E nessa aí, entretanto surgiu-me uma proposta de emprego no local onde estou a trabalhar agora. Ou seja, se calhar as propostas que me surgiram, surgiram em timings que para mim não eram os indicados. Se calhar se a</p>	
--	--	--

	<p>primeira proposta surgisse um ano mais tarde ou dois anos mais tarde era diferente. Tendo em conta aqueles timings em que me surgiram decidi optar por algo que considere ser no futuro uma mais-valia, a questão académica e agora a nível de profissão. Nós não podemos pensar sustentar-nos e pensar a nossa vida com base apenas na modalidade e aquilo que podemos ganhar no futsal. Tudo bem que podemos ir para fora e se calhar durante 2/3 anos ganhar até algum dinheiro para estares relativamente bem na vida, mas sabes que isso é um timing muito curto. Se fosse algo que eu dissesse assim, eu sei que aqui ou lá fora, em Itália, Espanha, Portugal posso ser profissional, ou seja, independentemente do sítio sei que posso ter uma carreira até aos 30 anos ou perto disso – depende da idade que queiras – sei que</p>	
--	--	--

	<p>posso fazer carreira disso e ganhar um bom dinheiro com isso. O problema é que é sempre muito incerto e eu preferi optar por aquilo que me era mais certo e que se calhar será mais vantajoso para o futuro.</p>	
<p>Conciliar trabalho e futsal</p>	<p>As maiores dificuldades que encontro é por vezes a questão de trabalhar ao Sábado, até agora trabalho só até ao Sábado de manhã, mas vou-te dar um exemplo, agora na 2ª fase vamos ter deslocações a Lisboa, Leiria, Coimbra e às vezes prende-se muito com os horários dos jogos. Se o jogo for marcado às 16h e eu tiver que trabalhar no Sábado, é impossível eu estar em Lisboa a essa hora. O que eu tento fazer nesses casos é por vezes tentar marcar férias nas questões da seleção, por exemplo, isto quando as tenho, obviamente.</p>	<p>Eu trabalho na área do Desporto. Eu concilio, mais uma vez, facilmente porque os horários em que eu trabalho não são coincidentes com os treinos de futsal. Às vezes acontece, mas não são as minhas aulas, é pedirem-me substituições para os dias de jogo, por exemplo ao sábado à tarde. Eu pessoalmente tomo a decisão de não ir trabalhar e ir ao jogo, mas perco dinheiro. Mas é assim, se fosse uma quantia que me valesse a pena, agora 10 ou 15 euros, eu opto pelo futsal. Já trabalho durante a semana, são 10 euros, mas realmente prefiro aquilo que eu gosto mesmo de fazer e sei que sou</p>

		importante para o grupo e, por isso, tomo essa decisão.
Malefícios da prática da modalidade na atividade profissional	Tive uma situação complicada, alguma falta de compreensão da minha chefe relativamente a um estágio de seleção no ano passado com jogos em Espanha. E pronto, essa situação foi um bocadinho difícil de contornar. Tive de explicar, de a convencer da importância daquilo, que até mesmo para mim a nível monetário me trazia algumas regalias. De resto, eu tento conciliar a minha vida profissional o máximo que posso. Por exemplo, nessa questão de marcar férias, tento prevenir sem me afetar algo que possa acontecer, tento jogar um bocadinho pelo seguro antes para que não tenha que haver algum entrave e possa na mesma conciliar as duas coisas.	Os únicos malefícios que me trouxe foi quando me lesionava e depois não conseguia dar as minhas aulas. Com entorses não consigo dar as aulas de hidroginástica ou natação, porque não consigo andar.
Principais motivações para a prática da modalidade	Acima de tudo é gostar daquilo que faço, é gostar de jogar, gostar de toda a envolvimento do futsal de	Destaco essencialmente aquilo que me traz a nível pessoal, mesmo as relações que eu crio e os valores que

	<p>forma geral, do tipo de jogo que é. Acho que é um jogo mais bonito do que futebol, tens de ser mais tecnicista, tens de pensar mais rápido, o resultado é incerto, em 2 minutos pode acontecer muita coisa. Já perdi a final da Taça de Portugal no último segundo e quando eu digo no último segundo, é o último segundo literalmente. Ou seja, acho que o futsal tem isso de especial, tem isso de ser imprevisível e a nível técnico acho que é muito mais bonito, acima de tudo é isso.</p>	<p>me são transmitidos. Mas eu tenho mesmo prazer em jogar à bola, a sério. Eu adoro jogar à bola, acho que é uma sensação que não consigo descrever porque quando a gente gosta, gosta. Não é possível descrever.</p>
<p>Principais diferenças entre o futsal masculino e o futsal feminino</p>	<p>Acima de tudo, a principal diferença entre homem e mulher, acho que é a condição e a capacidade física. Há determinadas coisas que nós como somos mulheres não temos tanta força, tanta massa muscular e não conseguimos fazer da mesma forma que os homens ou executar de uma forma tão rápida, etc.</p>	<p>Para já a intensidade, é sempre mais agradável ver um jogo de homens, há mais intensidade, mais confronto, mais competitividade. Também têm sempre mais gente a ver, o espetáculo acaba por ser diferente. Acho que é por aí.</p>

	<p>E acho que acima de tudo é essa a principal diferença. A nível de competições acho que o masculino é um bocadinho mais valorizado. Dou-te o exemplo do nosso calendário, o nosso calendário é muito elaborado tendo em conta o do masculino. Porque fazem o calendário para o masculino e o nosso é que tem de se encaixar lá, ou seja, preocupam-se mais com o masculino. Acho que não pensam muito no feminino.</p>	
<p>Desvalorização do futsal feminino</p>	<p>Sim, acho que é desvalorizado. Não dão a mesma importância e não seguem os mesmos critérios que tem para com o masculino. Eu entendo que se calhar quem traz mais receitas é o masculino, mais visibilidade, entendo isso e se calhar por isso é que acontecem esse tipo de coisas. É a tal questão cultural, o masculino é</p>	<p>Sim, de certa forma sim. Primeiro acho que é mesmo pelo facto de ser feminino, porque como nós sabemos não é só no futsal que isso acontece. O sexo feminino é desvalorizado a nível profissional, social e depois obviamente que passa também pelo desporto. Há a questão cultural de se valorizar sempre mais os homens do que as mulheres. Mas não é</p>

	sempre, à partida, valorizado. Nunca vêς num tipo de situações destas o feminino a ter algo mais que o masculino, ou é igual ou então se tiver que pender para algum lado é para o masculino.	só ao nível do nosso país, é em todo o lado. Eu acho que é algo que está mesmo enraizado e que as pessoas já lidam com essa situação de forma normal, é assim que é. Volta e meia ainda há algum debate neste sentido, as pessoas ainda se vão apercebendo que isso realmente acontece, mas pouco ou nada fazem para mudar. Já é algo que está enraizado.
Valores monetários recebidos por atletas masculinos e atletas femininos através do futsal	Acho que nem comparação existe (risos), não tem nada que ver mesmo. Nós não somos pagas, não recebemos. No masculino tens o Benfica, tens o Sporting, mas nem comparo o Benfica e o Sporting porque são realidades completamente diferentes dos outros, mas há de um Braga, de um Fundão, um Belenenses, até de um Módicus, não tem nada que ver, acho que é incomparável. Nem dá para comparar. Mesmo numa equipa que compete	Encaro bem, porque uma coisa era ter começado a ter alguma coisa monetária e depois de um momento para o outro ou posteriormente deixar de o ter, outra coisa é nunca ter tido acesso a isso. E como nunca tive acesso a isso, encaro como algo que de certa forma já é natural, os homens com mais facilidade ganham e as mulheres não, já desde criança que sei isso. Já é algo natural.

		para ser campeã nacional, muitas equipas não recebem.	
Desigualdades experienciadas como injustiça		É verdade que às vezes sentimos isso, porque as diferenças são brutais. Mas eu prefiro focar-me naquilo que posso fazer e tento não perder tempo com essas questões.	Não que esteja de acordo, mas é a realidade que temos e a verdade é que os clubes também cada vez menos têm possibilidades para poderem pagar aos atletas seja masculino, seja feminino. Claro que para o masculino ainda vai havendo, para nós nem sequer passa pela cabeça.
Discriminação, estereótipos e preconceitos devido à prática da modalidade		De uma forma geral não. Na escola e tudo, os rapazes da minha turma sempre achavam piada eu jogar bem à bola, queriam-me na equipa deles, nesse aspeto nada a apontar. Agora claro que muitas vezes ouço aquele comentário “ah, vais jogar à bola? Isso é para rapazes”, mas eu nem considero isso, nem levo isso muito a peito. E eu felizmente nunca me senti muito discriminada ou visada nesse aspeto.	Não considero isso preconceito, fizeram já brincadeiras, motivo de risota, mas não levei isso dessa forma, ri-me também com eles, achei piada. Não encarei isso dessa forma.

Conhecimento de algum tipo de discriminação, preconceito ou estereótipo em relação a uma atleta ou conjunto de atletas	<p>Por vezes há situações desconfortáveis e refiro-me a falta de apoio se calhar por parte dos pais em jogar futsal, acho que esse é o pior de todos sinceramente. Se aquilo que o que os outros de fora dizem, pessoas que tu não conheces de lado nenhum, não te são nada, passa muito ao lado, Se calhar quando as coisas vêm mais de dentro é um bocadinho mais complicado. Conheci duas ou três situações que se calhar acabaram por desistir do futsal porque os pais não apoiavam, achavam uma perda de tempo e isso é desmotivante, como é óbvio. E se nem aquelas pessoas que são mais próximas e que convivem contigo te apoiam, tu vais contar com o apoio de quem? Depois há aqueles comentários que podes ouvir na bancada, imagina “ah, devias era de estar em casa”.</p>	<p>Não, não tenho conhecimento de nenhum estereótipo, preconceito ou discriminação em relação a uma atleta por esta praticar a modalidade.</p>
--	---	--

Posição dominante dos homens no futsal português	Sim, por tudo aquilo que referi. O futsal masculino é mais valorizado socialmente, tem mais visibilidade, mais apoios, maior investimento.	Sim, claro. O masculino tem mais apoios, mais visibilidade, tudo isso.
Como encara as desigualdades de género existentes no futsal português?	São realidades incomparáveis, não tem nada que ver uma coisa com outra. Se estamos a falar de questões monetárias muito mais. Nós atletas femininas acabamos por naturalizar um bocadinho essas diferenças porque crescemos com elas, já fomos habituadas a isso. E acabamos por desvalorizar um pouco essas situações, embora claro há sempre uma situação ou outra que nos faz mais confusão. Como é que é possível que isto seja tão diferente de uns para os outros? Não pode. Mas de certa forma, acabamos por banalizar e nem nos chatearmos muito com isso, porque também sabemos que há certas questões que não	É algo que acaba por ser natural. É óbvio que nós atletas femininas sentimos alguma injustiça e eu não falo a nível monetário, falo a nível de eventos. O futsal masculino, se houver um evento da Taça de Portugal tem tudo e mais alguma coisa, vai para o melhor hotel e tem acesso ao melhor pavilhão. O feminino já vai para o hotel mais baratinho, já não tem acesso a tantas coisas. É óbvio que as coisas estão a mudar, ainda o ano passado na Taça de Portugal juntaram tudo, o masculino e o feminino. Mas agora tivemos a Taça da Liga e foi só masculino, não houve feminino. Portanto, ainda há aqui alguma discrepância. Vai melhorando, está-se

	<p>dependem de nós e que não vale a pena estarmos a desconcentrar-nos com isso. Desde que tenhamos o básico e aquilo que é mais essencial, o resto se calhar acabamos por fechar um bocadinho os olhos e não dar tanta importância.</p>	<p>progressivamente a ver melhorias, mas ainda há algum distanciamento.</p>
<p>Crenças, rotinas e rituais</p>	<p>Tenho uma superstição que é entrar em campo com os dois pés juntos, geralmente era com o pé direito para entrar bem, mas eu sou esquerdina e preferi entrar com os dois (risos) assim entro logo com os dois. Mas de resto tenho uma rotina perfeitamente normal. A nível de alimentação tento de uma forma geral ter uma alimentação saudável, por exemplo num dia em que não tenha treino tento não ingerir determinados alimentos, no dia em que tenho treino já sei que tenho de ingerir outros, tento andar sempre um bocadinho assim. Nem sempre é possível, mas</p>	<p>As minhas crenças é que vou ganhar sempre, tenho sempre o grande objetivo de ganhar. Tento alimentar-me sem comer grandes cozidos ou feijoadas. Música, tenho de ter sempre música, isso pode ser considerado um ritual. Gosto de dançar enquanto me equipo, enquanto estou ali com o pessoal, gosto de dançar porque é uma forma de libertar o stress.</p>

	<p>sobretudo no dia de jogo e no dia anterior ao jogo, tento ter uma alimentação muito mais cuidada, sobretudo ao almoço. Sei que vou precisar de hidratos, vou precisar de bastante energia para correr, ou seja, os fritos estão completamente fora. Mesmo o peixe também, porque o peixe não puxa carroça (risos). Tento ter um bocadinho mais de atenção até mesmo na hidratação, depois há as horas para fazer a digestão para o jogo, comer depois qualquer coisinha, também não gosto de ficar as 3 horas, prefiro comer uma banana ou qualquer fruta, só para depois não ficar com fome ou sentir algum desconforto.</p>	
<p>Objetivo de constituir família e continuar com a prática da modalidade</p>	<p>Claro que a prática de uma modalidade desportiva, sobretudo a um alto nível, pode trazer implicações em todas as vertentes da nossa vida. Pessoalmente, não sinto necessidade neste</p>	<p>Não tenho uma opinião bem formada acerca disso. Mas penso que é como qualquer outra situação. Na vida temos algumas prioridades. Quando constituir família passar a</p>

	<p>momento de construir família e, por isso, acaba por não ser um entrave. Estou ainda muito focada no futsal e naquilo que ainda posso fazer e ganhar com isso. Se sentisse essa necessidade com certeza que o futsal teria de passar para segundo plano e deixar de ser prioridade.</p>	<p>ser uma prioridade a modalidade terá que ficar para segundo plano (na gestação) mas poder-se-á sempre retomar a prática. Acho que isso depende das expectativas de cada pessoa. Daquilo que querem fazer e do que consideram mais acertado. Acho que a modalidade não retarda ou influencia o alcance desse objetivo. Se a atleta pretender casar e ter filhos fá-lo, eu pessoalmente penso assim. Se casar e ter filhos for importante para mim, acho que não colocarei a modalidade à frente para retardar esse objetivo.</p>
Vida pós-futsal	<p>No pós futsal, acho que não vou conseguir ficar logo ligada à modalidade, por exemplo, deixo de jogar sou treinadora, diretora ou qualquer coisa, acho que pelo menos naquele ano ou 2 ou 3 anos a seguir, acho que não. Tenho de ir acompanhando mas por fora, até para descansar um</p>	<p>Se me perguntares a nível profissional, eu a curto ou médio prazo gostaria de ter um emprego bom e ter alguma estabilidade. Mas se não fizer nada no dia-a-dia, se eu não viver o dia-a-dia, eu não vou ter isso. Portanto, eu por acaso desfoco um bocadinho desse pensamento a longo</p>

	<p>bocadinho a cabeça e dedicar-me um bocadinho mais à minha vida profissional, tentar chegar o mais longe possível. E depois a nível profissional também gostava de ter outros projetos, projetos meus de investimentos e outras coisas. Mas é algo que eu também só quero fazer pós futsal, porque neste momento não tenho condições financeiras nem capacidade para tal, assim como não ia ter tempo tendo em conta que tenho o futsal neste momento da minha vida, em que ainda me sinto bem fisicamente para poder competir.</p>	<p>prazo. Ainda tenho muitos anos para jogar.</p>
<p>Está satisfeito com as escolhas que fez na sua vida/ Sente-se uma pessoa realizada</p>	<p>Sim, sinto-me uma pessoa realizada, embora não tanto como ainda quero. Ou seja, não me sinto uma pessoa frustrada quer na minha vida profissional quer na minha vida desportiva. Neste momento, muito menos na minha vida desportiva, acho que já alcancei um patamar e um</p>	<p>Sinto-me mais ou menos realizada, acho que podia ter sido diferente. Eu falo muito a nível profissional, porque a verdade é que tenho 26 anos e não tenho nada estabilizado e de certa forma é algo que me preocupa. Portanto, nesse sentido não me sinto realizada. Mas tenho a</p>

	<p>nível que não é toda a gente que o consegue, no entanto, não me chega. Nunca estou bem com aquilo que já tenho, tento sempre mais, mais e mais. Daí achar que não posso dizer que estou completamente satisfeita, mas imagina que deixava agora de jogar, posso dizer que gostei daquilo que fiz, daquilo que construí e que me sinto não digo completa, mas praticamente completa naquilo que fiz e por isso estou completamente à vontade. A nível profissional é difícil ir melhorando e subindo de carreira, sei que não depende só de mim, depende muito como está o país a nível de emprego e de oportunidades, mas é algo como é óbvio que, assim como na minha vida desportiva, também no meu trabalho tento sempre chegar o mais longe possível, melhorar e por isso, sinto-me uma pessoa</p>	<p>atitude e a força de trabalhar para melhorar. Eu não me arrependo das escolhas que fiz, porque todas elas foram importantes. Importantes no sentido de, mesmo as más escolhas que fiz permitiram-me saber que foram más e que não as vou voltar a repetir. É óbvio que todos nós fazemos boas e más escolhas, mas o importante é depois termos a capacidade de refletir acerca disso e sabermos realmente o que é que foi bom e o que é que foi mau. Se eu mudaria alguma coisa, se calhar mudaria o curso que tirei. Se fosse hoje, eu não tiraria este curso. Aprendi muita coisa, obviamente, tudo aquilo que vais aprendendo durante um curso, durante uma formação são ótimas e fazem-te ser melhor, fazem-te crescer. Se fosse hoje, pensava mais na questão da empregabilidade. Porque</p>
--	---	--

	<p>realizada. Embora ainda ache que posso ser mais. Se calhar alteraria, a minha escolha profissional a nível do curso. Gosto muito do que faço, não tem que ver com o gostar ou não daquilo que faço, tem que ver com o estado em que está a minha profissão atualmente. Sei que não tenho muitas oportunidades de progredir na carreira, que vai ser difícil, que vai ser escasso e se calhar pensaria, quem sabe, num curso que pudesse ter maior crescimento profissional, é essa a minha dúvida. Não vou dizer que me arrependo, que sinto uma grande mágoa, não é isso. Gosto daquilo que faço, só acho que a minha profissão não é valorizada da forma que devia ser, nem tem uma ascensão na carreira como deveria ter. Isto pensando no meu futuro mais à frente, é mais por aí. Tem que ver com as</p>	<p>hoje em dia tu não podes pensar só no que gostas de fazer, tens de tentar aliar aquilo que gostas e as oportunidades que tens. Porque não basta tu queres muito uma coisa e depois teres poucas ou nenhuma oportunidades, que foi aquilo que me aconteceu.</p>
--	--	---

	<p>perspetivas futuras e a valorização que dão, neste momento, à minha carreira que é pouca. Toda a gente na área da Saúde, e já afetando um bocadinho os médicos também, tem vindo a ser desvalorizada. De resto, não há nenhuma decisão de que me arrependa.</p>	
--	--	--